

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VÁRZEA GRANDE
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA, URBANISMO E PAISAGISMO

ANTEPROJETO DE UM MUSEU DE HISTÓRIA NATURAL PARA CHAPADA DOS GUIMARAES/MT

ALEXANDRE LIRA VASCONCELLOS

PROF DR. ANTÔNIO BUSNARDO FILHO

Várzea Grande - MT, novembro de 2019.

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VÁRZEA GRANDE
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA, URBANISMO E PAISAGISMO

ANTEPROJETO DE UM MUSEU DE HISTÓRIA NATURAL PARA CHAPADA DOS GUIMARAES/MT

ALEXANDRE LIRA VASCONCELLOS

*Monografia apresentada junto ao curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário de Várzea Grande - MT,
como requisito para obtenção do título de Graduado.*

PROF DR. ANTÔNIO BUSNARDO FILHO

Várzea Grande - MT, novembro de 2019.

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VÁRZEA GRANDE
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA, URBANISMO E PAISAGISMO

FOLHA DE APROVAÇÃO

TÍTULO: ANTEPROJETO DE UM MUSEU DE HISTÓRIA NATURAL PARA CHAPADA DOS GUIMARAES/MT

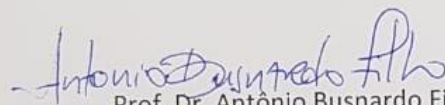
Aluno: ALEXANDRE LIRA VASCONCELLOS

ORIENTADOR: PROF. DR. ANTÔNIO BUSNARDO FILHO

Aprovado em 5 de dezembro de 2019.

Cornelia S. de Moraes

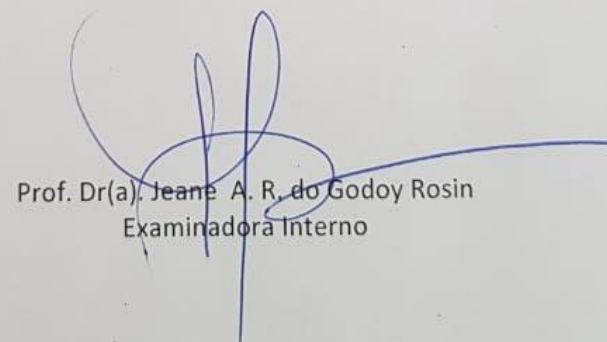
Comissão Examinadora:



Prof. Dr. Antônio Busnardo Filho
Centro Universitário de Várzea Grande – UNIVAG
Orientador



Prof. Dr. Antônio Soukef Junior
Examinador Interno



Prof. Dr(a). Jeane A. R. do Godoy Rosin
Examinadora Interno

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - A mais antiga pintura rupestre data de 73 mil anos.....	9
Figura 2 - Pintura rupestre na cidade histórica de Machu Picchu.	9
Figura 3 - Fósseis de braquiópodes encontrados em Chapada.....	4
Figura 4 - Fósseis de conchas encontradas em Chapada.....	4
Figura 5 - Exemplares de aves coletados em Chapada nos anos 80, que hoje estão em extinção.....	4
Figura 6 – Inscrições rupestres acidentalmente encontrados no ano de 2010.....	2
Figura 7 - Camafeus mais famosos do mundo	16
Figura 8 – Pintura interna da biblioteca de Alexandria.....	2
Figura 9 - Imagem interna e externa da Galerie des Uffizi	2
Figura 10 - Fachada do Museu do Louvre	3
Figura 11 – IBRAM - Diagrama de Impactos Gerados	11
Figura 12 - Ciclo de Valores sociais	12
Figura 13 - Fachada Museu Nacional do Rio de Janeiro - Antes do incêndio.	2
Figura 14 - Museu do Rio - Imagens de alguns acervos catalogados	2
Figura 15 - Museu do Rio de Janeiro em chamas.....	3
Figura 16 - Fachada do Museu Paraense	4
Figura 17 - Exposição do Museu Chico Costa em Várzea Grande	4
Figura 18 – ICOM – Conselho Internacional de Museus – Linha do Tempo de 1958 a 2008.....	7
Figura 19 – Legislação Nacional - Linha do Tempo de 1984 a 2013	9
Figura 20 - IBRAM – Plano Nacional Setorial de Museus – Linha do Tempo de 2003 a 2010	2
Figura 21 - Ficha técnica do Grande Museu do Mundo Maia de Mérida.....	7
Figura 22 – Implantação do Museu Grande Mundo Maia de Mérida	7
Figura 23 – Fachada do Grande Museu do Mundo Maia de Mérida	7
Figura 24 - Imagem interna do Grande Museu do Mundo Maia de Mérida.....	7
Figura 25 - Ficha técnica do Museu Caes do Sertão	9
Figura 26 – Imagem aérea do Museu Caes do Sertão.....	9
Figura 27 - Fachada do Museu Caes do Sertão	9
Figura 28 - Imagem interna do Museu Caes do Sertão, com destaque o cobogó.	9
Figura 29 - Ficha técnica Museu Pavilhão de Arte em Videbaek	11
Figura 30 - Vista externa do Museu Pavilhão de Arte em Videbaek	11
Figura 31 - Imagem interna do Museu Pavilhão de Arte em Videbaek	11
Figura 32 - Circulação externa do Museu Pavilhão de Arte em Videbaek.....	11

Figura 33 Estruturas.....	6
Figura 34 Proposta.....	73
Figura 35 Primeiro partido arquitetônico.....	2
Figura 36 Planta de Implantação.....	3
Figura 37 Perspectiva da fachada leste em destaque o pergolado.....	5
Figura 38 Fluxograma.....	9
Figura 39 Setorização museu.....	10
Figura 40 Setorização.....	11
Figura 41 Setorização.....	12
Figura 42 Volumetria / Legibilidade.....	15
Figura 43 Volumetria.....	16
Figura 44 Volumetria.....	17
Figura 45 Implantação.....	19
Figura 46 Planta Baixa Térreo.....	20
Figura 47 Planta Baixa Primeiro Pavimento.....	21
Figura 48 Planta Baixa Segundo Pavimento.....	22
Figura 49 - Planta Layout Térreo.....	23
Figura 50 - Planta Layout Primeiro Pavimento.....	24
Figura 51 - Planta de Setorização Térreo.....	25
Figura 52 Planta de Setorização.....	26
Figura 53 Planta de Setorização.....	27
Figura 54 Planta de Setorização.....	28
Figura 55 Planta de Cobertura.....	29
Figura 56 Corte.....	30
Figura 57 Paisagismo.....	32

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Relação de museus por Município.....	2
Tabela 2 - Museus por município e ano de criação.....	2
Tabela 3 - Relação de Museus ativos no município de Várzea Grande.....	4
Tabela 4 - Síntese análise comparativa dos Projetos Referenciais.....	12
Tabela 5 - Domicílios e Moradores.....	2
Tabela 6 - Índices de matrículas nas Escolas Municipais.....	2

Tabela 7 - População Alfabetizada no Município	2
Tabela 8 - Coleta de Resíduos sólidos – cobertura de 30% no ano de 2016.	3
Tabela 9 - Esgotamento sanitário – cobertura de 6% no ano de 2016.	3
Tabela 10 - Drenagem Urbana - cobertura de 56,5% no ano de 2016	4
Tabela 11 - Vias pavimentadas - 120km no ano de 2016	4
Tabela 12 - Plano estratégico para elevar o índice de participação em eventos culturais	5
Tabela 13 - Dados Climatológicos.....	76
Tabela 14 Pré-dimensionamento.....	6
Tabela 15 - Pré Dimensionamento.....	6
Tabela 16 - Pré Dimensionamento.....	6
Tabela 17 - Pré Dimensionamento.....	8

LISTA DE MAPA

Mapa 1 - Museu no Estado de Mato Grosso	2
Mapa 2 - Mapa município de Chapada dos Guimarães	2
Mapa 3 - Área de Influência no Entorno - 1Km	70
Mapa 4 - Zoneamento	71
Mapa 5 - Hierarquização viária.....	72
Mapa 6 - Mapa hipsométrico do terreno e do entorno	74

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 Distribuição da população por sexo.	65
Gráfico 2 - População residente e domicílios - 1980/2010	65
Gráfico 3 - Projeção do crescimento demográfico.....	2
Gráfico 4 - Taxa de Analfabetismo.....	2
Gráfico 5 - Taxa de Mortalidade Infantil	2
Gráfico 6 - Notificação de dengue registradas	2
Gráfico 7 - Índice de Desenvolvimento Humano	2

LISTA DE APÊNDICE

Apêndice 1 - Planta de Implantação	39
Apêndice 2 - Planta Baixa Térreo	40
Apêndice 3 - Planta Baixa Primeiro Pavimento	41
Apêndice 4 - Planta Baixa Segundo Pavimento	42
Apêndice 5 - Planta Estacionamento Subsolo	43
Apêndice 6 - Planta de Layout Térreo	44
Apêndice 7 - Planta Layout Primeiro Pavimento	45
Apêndice 8 - Planta Layout Segundo Pavimento	46
Apêndice 9 - Planta de Cobertura	47
Apêndice 10 - Corte AA/BB	48
Apêndice 11 - Fachadas	49
Apêndice 12 - Detalhamento	50
Apêndice 13 - Perspectivas	51
Apêndice 14 - Perspectiva	52

RESUMO

O museu possui um papel importante para a humanidade, promove a consciência cultural e a apropriação da história de um grupo, em se tratando de museu de história natural, torna-se um instrumento poderoso para historiadores, cientistas, professores e a comunidade, pois é um espelho de um mundo que era desconhecido, ou mesmo, que não existe mais, pode tornar-se um precursor legal para reivindicações de proteção ambiental, da flora, fauna, e da cultura.

Um museu é atemporal, promove a conexão do passado com o presente e a prospecção no futuro, e neste caso, serve de subsídio para que a humanidade possa refletir o papel que possuiu antropicamente no decorrer do tempo. Deste modo, a proposta de implantação de um museu de história natural em Chapada dos Guimarães é significativo para promoção da consciência das riquezas que a região oferece bem como a de sua preservação.

Palavras-Chave: museu natural, patrimônio, história, lugar de memória, identidade.

ABSTRACT

The museum plays an important role for humanity, promotes cultural awareness and the appropriation of the history of a group, as it is a natural history museum, it becomes a powerful instrument for historians, scientists, teachers and the community as it is A mirror of a world that was unknown, or no longer existent, can become a legal forerunner for claims for environmental protection, flora, fauna, and culture.

A museum is timeless, promotes the connection of the past with the present and prospecting for the future, and in this case, serves as a basis for humanity to reflect the role it has played anthropically over time. Thus, the proposal of implanting a museum of natural history in Chapada dos Guimarães is significant to promote the awareness of the riches that the region offers as well as its preservation.

Keywords: natural museum, heritage, history, place of memory, identity

1 INTRODUÇÃO

Por milênios os seres humanos deixaram registros de suas passagens nas regiões em que viveram, isso demonstra o apego de nossos ancestrais à sua história e experiências vividas, mais tarde, nossa história. Deve-se a isso muitas das descobertas, dos entendimentos e das previsões futuras de nossa sociedade, os registros são encontrados em cavernas de várias regiões do mundo, a exemplo, as figuras 1 e 2, que evidenciam diversidades existentes entre os núcleos que habitavam essas regiões, sendo que uns representam com mais ênfase os animais, e outros, as formas geométricas, as plantas, as pessoas, a caça e a convivência em grupo. O ser humano habilitou-se a pensar, prever, aprender, simbolizar, recriar, atribuir significados às coisas por conta desta capacidade de apropriação de sua existência (OLIVEIRA, 2010).

Figura 1 - A mais antiga pintura rupestre data de 73 mil anos.



Imagem: Pintura rupestre mais antiga do mundo descoberto na caverna Blombos, na África do Sul em 2018.
Disponível em: [tps://ultimosegundo.ig.com.br](https://ultimosegundo.ig.com.br). Acesso em: 08/2019

Figura 2 - Pintura rupestre na cidade histórica de Machu Picchu.



Imagem: Na pintura foi encontrada silhueta humana, um camelídeo e outros elementos não definidos, todos pintados de preto, com 15 centímetros.
Disponível em: <https://www.bbc.com>. Acesso em: Agosto/2019.

As representações artísticas por meio de desenhos rupestre, dizem mais do que se pode imaginar sobre a cultura de determinado grupo pesquisado, Oliveira (apud Leakey, 2010,1997) aponta que “a expressão artística pode formar uma trama enigmática na tessitura do tecido cultural de uma sociedade”. Leakey acrescenta que “as imagens antigas que temos hoje são fragmentos de uma velha história” (op. cit. p. 103). Reafirmando tais pensamentos, Oliveira complementa que;

Essa capacidade permite que o ser humano se imponha enquanto registro de sua existência, sendo capaz de deixar suas marcas através das transformações que lapida na natureza e, conseqüentemente, deixando- se afetar pelas interferências produzidas. Habilitado a pensar, prever, apreender, simbolizar, recriar situações e representar suas emoções, atribui significado às coisas e, nessa trajetória, vai separando, classificando e comunicando- se graficamente com o universo. (OLIVEIRA, 2010. p. 61)

Logo, todas as informações decorrentes destes registros, são como quebra cabeças a serem agrupados, um a um; a partir desses estudos é que se entende os costumes, crenças, o dia-a-dia de uma comunidade, e para que seja possível esta descoberta se faz necessário preservar este patrimônio histórico e cultural (OLIVEIRA, 2010).

Desta forma, os museus são primordiais para a sociedade, trata-se de um centro de informações e reflexões, possibilitando ao homem se conectar com sua origem, reencontrar-se com a história e a memória, eles não são simplesmente um depósito para a guarda e preservação de bens culturais, representa um mundo, é a experiência cotidiana principalmente nas cidades históricas (OLIVEIRA, 2010).

O futuro é reflexo do passado, e o museu promove a conexão com às origens de uma determinada comunidade, “partindo do princípio de que a sociedade inserida em um determinado contexto tem em sua origem individualidades culturais” o que para a comunidade científica é necessário para que seja possível a compreensão de hábitos e valores inerentes a um determinado grupo em uma determinada cultura (ARAGÃO & MACEDO, 2011).

1.1 PROBLEMÁTICA

Porque Chapada dos Guimarães é considerada um patrimônio ambiental, mas não é importante para as pessoas?

Quais são as políticas públicas para a promoção do turismo na região?

Qual a importância de um museu natural na Chapada?

1.2 JUSTIFICATIVA

A proposta de um Museu de História Natural no Parque Nacional de Chapada dos Guimarães, sustenta-se em sua representatividade no que tange a suas riquezas naturais em seu patrimônio histórico-cultural, inclusive pré-histórico uma vez que foram catalogados mais de 50 (cinquenta) sítios arqueológicos com pinturas rupestres e fósseis de animais pré-históricos (VIEIRA JÚNIOR, MORAES, & PAULA, 2012). Considerando que a sociedade atual é baseada em conhecimentos e descobertas científicas, os museus são importantes ferramentas para o ensino científico acadêmico, são aliados na promoção de instrução científica da população, conforme Santos (2015), et. al Vogt (2011);

[...] os museus de ciências têm como função principal a ampliação da cultura científica e tecnológica dos cidadãos, a partir de uma abordagem lúdica, informando e, ao mesmo tempo, promovendo entretenimento aos visitantes. [...] os museus têm o potencial para alfabetizar cientificamente o cidadão, pois pode divulgar conceitos científicos que se aplicam no cotidiano das pessoas, levando os visitantes a uma reflexão sobre os impactos sociais que a Ciência e a Tecnologia geram. Assim sendo é possível falar em educação para a criticidade e para a autonomia do cidadão, pois que, apesar de iniciar a abordagem dos conceitos científicos no dia-a-dia das pessoas, não se limita a ela, ao contrário, pode ampliar as discussões para se pensar o mundo, contribuindo para tornar ilimitada a percepção da realidade.

Logo, o museu será um espaço para a promoção dos ideais, despertando a curiosidade, promovendo a socialização, subsidiando pesquisas científicas, que propiciará conhecimentos técnicos, com vista a sustentabilidade para as próximas gerações. Haja vista de tais definições, a proposta de um museu de História Natural em Chapada dos Guimarães, consolida-se, em virtude de estudos científicos

publicados, onde apontaram que foram encontrados “conchas petrificadas do filo Brachiopoda¹”, figura 03 e 04, entre outras descobertas, a extinção de espécime de aves, figura 5 (KUHN & TOBIAS, 2017).

Figura 3 - Fósseis de braquiópodes encontrados em Chapada



Imagem: Fósseis de braquiópodes lingulídeos (*Lingula* sp., MN 3322-I) da Chapada dos Guimarães coletados por Herbert Smith e estudados por Orville Derby em 1895. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/236168633_Herbert_Huntington_Smith_um_naturalista_injustico Acesso em: 08/2019. Fonte: (KUNZLER, FERNANDES, FONSECA, & JRAIGE, 2011), p 59.

Figura 4 - Fósseis de conchas encontradas em Chapada



Imagem: Fósseis de braquiópodes lingulídeos
Disponível em:
<http://www.chapadadosguimaraes.com.br/fosseis.htm> Acesso em:
08/2019.
Fonte: (QUADROS, s.d).

Figura 5 - Exemplares de aves coletados em Chapada nos anos 80, que hoje estão em extinção



Imagem: Exemplares coletados por Herbert Smith: o andarilho (*Geositta poeciloptera*), o tico-tico-de-máscara-negra (*Coryphaspiza melanotis*) e o papamoscas-canela (*Polystictus pectoralis*), pássaros que hoje se encontram extintos na região da Chapada dos Guimarães. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/236168633_Herbert_Huntington_Smith_um_naturalista_injustico Acesso em: 08/2019. Fonte: (KUNZLER, FERNANDES, FONSECA, & JRAIGE, 2011), p 60.

¹ Brachiopoda é um filo do reino Animalia constituído por animais solitários, exclusivamente marinhos e bentônicos. Apresentam corpo mole incluso numa carapaça composta por duas valvas, à semelhança dos moluscos bivalves, no entanto os dois grupos são bastante distintos.

Ademais, o que sustenta a tese de que Chapada dos Guimarães já foi coberto pelo mar a aproximadamente 400 milhões de anos, e também, a descoberta de “[...] vestígios de inscrições rupestres [...]” (JÚNIOR, MORAES, & PAULA) em uma gruta em Chapada dos Guimarães conhecida como, A Casa de Pedra, e para consolidar a reafirmação da fundamental importância da proposta do museu, justifica-se por Chapada dos Guimarães localiza-se na borda do Planalto Central Brasileiro, e por isso, possui uma altíssima biodiversidade, registros de ossos de dinossauros, pinturas rupestres (figura 6), além das belezas naturais, ou seja, uma vasta área a ser estudada e valorizada pelo povo brasileiro (PREFEITURA CHAPADA DOS GUIMARÃES GESTAO 217/2020, 2019).

Figura 6 – Inscrições rupestres acidentalmente encontrados no ano de 2010



Imagem: Desenhos de animais e símbolos foram localizados por acaso no ano de 2010.

Disponível em: <<http://www.diariodecuiaba.com.br/detalhe.php?cod=371140>>. Acesso em: 08/2019.

Fonte: (DIÁRIO DE CUIABÁ, 2010)

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 OBJETIVO GERAL

Implantar um Museu de História Natural no município de Chapada dos Guimarães.

1.3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Pesquisar sobre museu da história natural.
- Identificar os museus de história no Brasil.
- Identificar quais são as normativas referente a museus de história natural
- Propor o projeto de um museu de História Natural na Chapada dos Guimarães

1.4 ESTRUTURA DA MONOGRAFIA

Este trabalho está estruturado nos seguintes tópicos:

Tópico I Introdução

Breve resumo e apresentação dos objetivos gerais e específicos bem como a problemática do tema e a estrutura da monografia.

Tópico II Fundamentação teórica

Revisão bibliográfica e um breve desenvolvimento da temática origem dos museus, bem como sua evolução até a atualidade.

Tópico III Aspectos normativos

Breve explanação de leis internacionais a locais que respaldam a viabilidade da proposta.

Tópico IV Aspectos sociológicoss

Qualidade de vida da população, resiliência urbana, abordagens sobre coesão social, meio ambiente, educação e a influência dos museus para a cidade.

Tópico V Aspectos Técnicos

Apresentação de 03 (três) projetos de referência utilizados como norteadores da proposta, e apresentação da matriz de análise com observações pontuais dos projetos escolhidos e quais instrumentos adotados para a proposta, Abordagem sobre a importância do museu objetivando a junção do conforto dos usuários concomitantemente ao conforto ambiental e as experiências sensoriais e culturais. Apresentação dos projetos de referências..

Tópico VI Aspectos metodológicos

Conceitualização do tema, apresentação da área, dados sociais.

Tópico VII Conceito Estruturante

Apresentação do método construtivo adotado que integra a edificação a paisagem.

Tópico VIII Setores de intervenção

Apresentação da área a ser edificada a proposta, bem como a sua inserção no meio urbano da cidade de Chapada dos Guimarães.

Tópico IX Partido arquitetônico.

Apresentação e justificativa da utilização do partido arquitetônico.

Tópico X Programa de necessidades e pré-dimensionamento.

Apresentação dos índices urbanísticos resultantes da proposta.

Tópico XI Setorização.

Apresentação da setorização.

Tópico XII Legislação incidente.

Tópico XIII Ensaio Técnico.

Tópico XIV Composição dos Ambientes

Tópico XV Composição de espécies e materiais.

Tópico XVI Técnicas e materiais construtivos.

Tópico XVII Proposta final.

Tópico XVIII Bibliografia..

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 ORIGEM DOS MUSEUS – UM BREVE HISTÓRICO

A origem da palavra museu, provém do grego Museion que significa, “templo ou morada das musas”, este termo remete à Antiguidade Clássica² que utilizava o espaço com objetivos voltados às artes e à criatividade dos artistas e intelectuais. Os templos presidiam a poesia, a música, a oratória, a história, a tragédia, a comédia, a dança e a astronomia. Esses templos, bem como os de outras divindades, recebiam muitas oferendas em objetos preciosos ou exóticos, que podiam ser exibidos ao público mediante o pagamento de uma pequena taxa, logo, tornando a Grécia e Roma responsáveis historicamente pelos movimentos culturais mais marcantes da humanidade (CERQUEIRA, 2002).

Outrossim, a “institucionalização do termo museu, ocorreu no século III a.C., em Alexandria com a biblioteca organizada pelo matemático Eratóstenes³, a biblioteca era frequentada por sábios, filósofos e naturalistas, recebeu o nome de museu por Ptolomeu I⁴”. Assim, não se tratava mais do “templo das musas”, mas sim “templo da ciência” (AURICCHIO, 2003; apud. CAMPOS, 1965).

Contudo, o primeiro espaço destinado a exposição das obras de artes ocorreu após a atitude de um colecionador desvincular o apelo decorativo das peças para uma área exclusiva destinada a “contemplanção” dos objetos, denominado “Galerie des Uffizi” (KIEFFER, 2000).

² A Antiguidade Clássica refere-se a um período da História da Europa que ocorre aproximadamente do século VIII a.C., quando surge a poesia grega de Homero, até a queda do Império romano do ocidente no século V d.C., mais precisamente no ano 476.

³ Eratóstenes de Cirene foi um matemático, gramático, poeta, geógrafo, bibliotecário e astrônomo da Grécia Antiga, conhecido por calcular a circunferência da Terra. Nasceu em Cirene, na África, e morreu em Alexandria. Estudou em Cirene, em Atenas e em Alexandria

⁴ Ptolomeu I (366 a.C. - 283 a.C.), foi o primeiro rei grego, sucessor de Alexandre.

A Galeria dos Uffizi, data de 1581, construído por Giorgio Vasari a pedido de Cosimo I de Médici para alojar os gabinetes administrativo e legal de Florença. O Grão-Duque Francesco I de Médice, herdeiro de Cosino, tornou-se um dos maiores expoentes da arte do século XVI. De arquitetura renascentista, a galeria Uffizi, ampliou a construção e colocou a sua coleção de quadros do século quinze bem como os camafeus⁵ (figura 3), pedras, jóias, estátuas, peças em bronze, miniaturas, instrumentos científicos e raridades naturais na galeria (KIEFFER, 2000).

Figura 7 - Camafeus mais famosos do mundo



O camafeu com o retrato de Luís XIV, num ônix vermelho em três camadas montadas em ouro e esmalte colorido, representa o rei na sua adolescência. A triunfante coroa em sua cabeça é uma referência direta a Roma antiga e aos generais romanos. A exaltação do poder prevê o sucesso militar do futuro rei.



O camafeu em concha com o busto de Carlos Magno tem do lado direito a inscrição “Carolus Magnus” e foi produzido no século XVII. O imperador com sua barba imponente, usa uma coroa com flor-de-lis e uma armadura renascentista com motivos arabescos. Atualmente está preservado no Museu de Moedas, Medalhas e Antiguidades na Biblioteca Nacional da França



Camafeu Com A Imagem De Ptolomeu Filadelfo (Antepassado De Cleópatra)



O grande camafeu da França – O Grang Camée De France – a maior estrutura de camafeu existente do mundo antigo.

Imagem: Da esquerda para a direita; Luís XIV, Carlos Magno, Ptolomeu Filadelfo e Grang Carnée De France. Disponível em: <http://joiasinvogue.com/a-historia-do-camafeu>. Acesso em: 08/2019.

⁵ A palavra camafeu deriva do latim *cammaeus*, que quer dizer pedra entalhada ou esculpida

Outrossim, a origem dos museus deve-se, de certa forma, aos hábitos dos seres humanos em acumular itens, ou, colecioná-los, fatos como estes ocorridos em tempos bem remotos, mas precisamente no período paleolítico, onde homens primitivos guardavam seus artefatos, segundo Gonçalves (2007, apud Weiner 1987 p 159);

“...nós usamos objetos para fazer declarações sobre nossa identidade, nossos objetivos, e mesmo nossas fantasias. Através dessa tendência humana a atribuir significados aos objetos, aprendemos desde tenra idade que as coisas que usamos veiculam mensagens sobre quem somos e sobre quem buscamos ser. (...) Estamos intimamente envolvidos com objetos que amamos, desejamos ou com os quais presentearmos os outros. Marcamos nossos relacionamentos com objetos (...). Através dos objetos fabricamos nossa auto-imagem, cultivamos e intensificamos relacionamentos. Os objetos guardam ainda o que no passado é vital para nós. (...) não apenas nos fazem retroceder no tempo como também tornam-se os tijolos que ligam o passado ao futuro.” (Weiner 1987: 159).

Gonçalves aponta que os objetos definem a sociedade, que sem os objetos não haveria evolução social; através deles é possível realizar uma leitura da vida social e cultural;

Na medida em que os objetos materiais circulam permanentemente na vida social, importa acompanhar descritiva e analiticamente seus deslocamentos e suas transformações (ou reclassificações) através dos diversos contextos sociais e simbólicos: sejam as trocas mercantis, sejam as trocas cerimoniais, sejam aqueles espaços institucionais e discursivos tais como as coleções, os museus e os chamados patrimônios culturais. (Gonçalves, 2007 p. 15)

Portanto, estudar o deslocamento dos objetos ao longo da história humana permite compreender a vida social e cultural, crenças, conflitos, assim como seus efeitos na subjetividade individual e coletiva (GONÇALVES, 2007).

2.1.1 EVOLUÇÃO DOS MUSEUS

Os museus passaram por quatro momentos em sua evolução sendo:

O Primeiro 331 a.C: Biblioteca de Alexandria, Ptolomeu I era um homem de letras e, ligado a tudo referente ao intelecto, criou uma biblioteca real, com uma proposta universalista e, atualmente, considerado como berço da universidade.

Figura 8 – Pintura interna da biblioteca de Alexandria

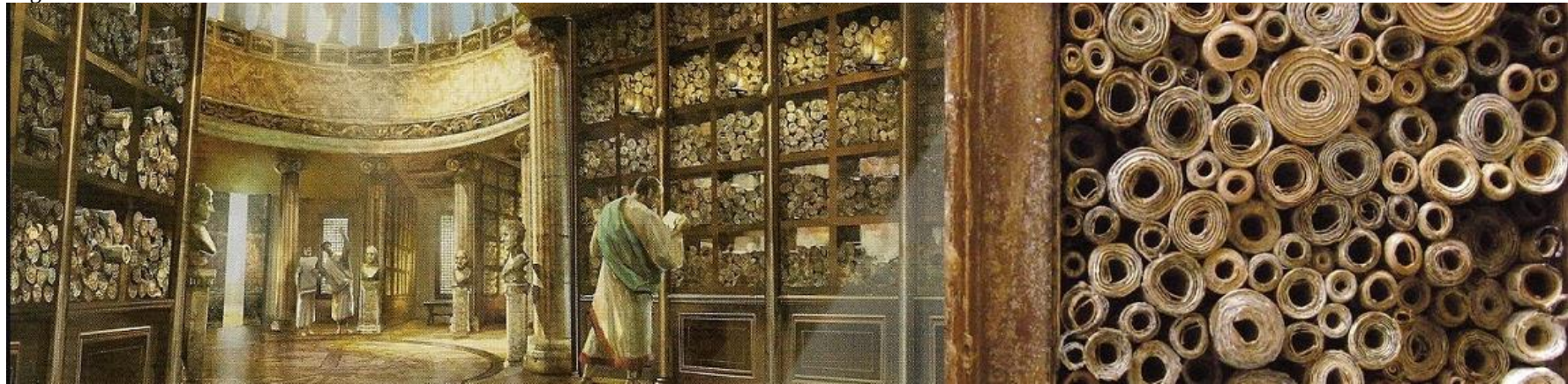


Imagem: Pintura da biblioteca de Alexandria.

Disponível em: < https://fernandonogueiracosta.files.wordpress.com/2015/01/alejandria_biblioteca.jpg>. Acesso em: 08/2019

O Segundo no século XVI: Galeria Uffizzi, o primeiro museu a permitir o diálogo entre o público e as obras nele expostas

Figura 9 - Imagem interna e externa da Galerie des Uffizi



Imagem: Galerie des Uffizi.

Disponível em: < <http://www.noticiasdabota.com/2014/05/a-galeria-uffizi-em-florenca.html> >. Acesso em: 08/2019.

O Terceiro no século XVIII: Museu do Louvre, que apresenta várias coleções e de diferentes naturezas, influenciado pelo iluminismo⁶, e a partir deste contexto o Brasil tem seu primeiro Museu, o Museu Nacional do Rio de Janeiro, também conhecido como Casa dos Pássaros e Museu Imperial⁷ (AURICCHIO, 2003).

Figura 10 - Fachada do Museu do Louvre



Imagem: Fachada principal do Museu do Louvre.

Disponível em: <<https://www.britannica.com/topic/museum-cultural-institution>>. Acesso em: 09/2019

O Quarto entre os séculos XVIII e XIX: Período intrinsicamente ligado a revolução industrial, quando os museus tiveram que se adaptar, renovar, se especializarem, surgindo então, a nova profissão, museologia⁸, a partir de então, é que surgiram as classificações dos museus, levando em consideração o tipo de público e a forma de exposição (AURICCHIO, 2003; apud. FEDERSONI 2000), a seguir apresentadas.

Os museus de Primeira Geração: são considerados os de simples contemplação, exigia um comportamento semelhante ao esperado em uma igreja, não podia falar alto ou mesmo perguntar.

⁶ Iluminismo é um movimento cultural que se desenvolveu na Inglaterra, Holanda e França, nos séculos XVII e XVIII. Nessa época, o desenvolvimento intelectual, que vinha ocorrendo desde o Renascimento, deu origem a idéias de liberdade política e econômica, defendidas pela burguesia.

⁷ Maiores informações serão abordados ainda neste capítulo, mais precisamente no tópico 2.8 BREVE HISTÓRICO DO MUSEU NO BRASIL.

⁸ Museologia (do grego μουσειόν = museiόν 'museu', lugar das musas, e λόγος = logos, razão) é a área do conhecimento que pesquisa a relação dos sujeitos humanos com os seus objetos socialmente relevantes, num dado contexto (Leite, Pedro Pereira 2016) .

Os museus de Segunda e Terceira Geração: houve uma evolução para a preocupação com vitrines e tridimensionalidade e maior atenção à programação visual, à atração do público e à facilitação de acesso aos deficientes físicos.

Os museus de Quarta Geração: Os museus de Quarta Geração são aqueles para os quais se reserva o lema é “proibido não mexer”, os denominados hands on⁹.

Os museus de Quinta Geração: Neste caso, acontece com interferência na resposta da temática proposta, são os denominados museus “minds on”.

2.2 CONCEITOS

O museu tem um importante papel para a sociedade moderna, o de “narrar” a história da evolução da humanidade, já que é possível percorrer um caminho cronologicamente traçado, com fatos, objetos que fundamentam e justificam o relativismo cultural¹⁰. Fundado no ano de 1946 em Paris, o Conselho Internacional de Museus (ICOM)¹¹, tendo como objetivo a preservação do patrimônio mundial e o combate ao tráfico de bens culturais, conceituou no ano de 1948 o termo museu como sendo uma instituição que priorizava a conservação e restauro de artefatos históricos, contudo, no ano de 1951 o ICOM, redefine o conceito de museu como;

[...] todo estabelecimento permanente, administrado com interesse geral de conservar, estudar, colocar em valor pelos meios diversos e essencialmente expor para o deleite e educação do público um conjunto de elementos de valor cultural: coleções de objetos artísticos, históricos, científicos e técnicos, jardins botânicos e zoológicos, aquários [...] (ICOM, s.d.)

Desde sua criação o ICOM ocasionalmente redefine o conceito de museu, em decorrência de novos olhares, novas leituras da sociedade, o que decorria em mudanças que abrangiam outras áreas, por vezes científicas (RODRIGUES, 2019). No ano de 2001, foi apresentado a definição oficial de museu, na qual foi adotada mundialmente e reconhecida até os dias atuais, a saber; “Museu é uma instituição permanente sem fins lucrativos, a serviço da sociedade de seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, pesquisa, comunica e expõe testemunhos materiais do homem e de seu meio, para fins de estudo, educação e lazer (RODRIGUES, 2019).

⁹ Refere-se entre outras coisas, à expressão “mão na massa” ou “aprender fazendo.

¹⁰ Relativismo cultural é uma perspectiva da antropologia que vê diferentes culturas de forma livre de etnocentrismo, o que quer dizer sem julgar o outro a partir de sua própria visão e experiência.

¹¹ O ICOM foi criado em 1946, mantém relações formais com a UNESCO e é membro do Conselho Econômico e Social da Organização das Nações Unidas. Sua sede é junto à UNESCO em Paris, possui mais de 27 000 membros de 150 países, 114 Comitês Nacionais e 30 Comitês Internacionais.

Entre 1 e 7 de setembro de 2019, Kyoto (Japão) sediará 25ª conferência de museus do mundo, mais de 3.000 profissionais e especialistas em museus de todas as origens internacionais participarão deste evento trienal, a 25ª Conferência Geral do ICOM (2019). Com objetivo de definir um novo conceito, pois para o Comitê Permanente de Definição, Perspectivas e Potenciais dos Museus (MDPP), “Por trás da proposta de uma nova definição, há alguns anos de intensa análise das histórias e paradigmas, que moldaram os museus, e das tendências sociais que atualmente afetam os museus.” (ICOM, 2019).

2.3 FUNÇÕES E USOS

O museu possibilita espaços que beneficiam a ação social e a educação de um modo não formal e tem como função auxiliar na formação de todos, no campo da cultura histórica ou ambiental, trazendo assim suas exposições individuais; analógicas; retrospectivas; históricas; o que gera possibilidades de entendimento de determinadas culturas das populações que nos precederam, e por este motivo, devemos preservar esse patrimônio cultural constituinte da nossa história passada e que tanta informação deixou, esclarecendo dando elementos que subsidiam a cultura de cada região (OLIVEIRA G. A., 2010).

O uso do Museu exerce um significado extremamente fundamental para a caracterização e construção da identidade de um povo, sendo um forte instrumento para a transformação da sociedade e a preservação dos elementos culturais. O Museu possui um papel de informar e educar por meio das exposições, sendo um programa multifuncional, além de ser uma área de exposição, podem reunir bibliotecas, sala de leitura, atividades recreativas, auditórios, centros de pesquisa, observatório, favorece três finalidades primordiais do museu, o estudo, a educação e o lazer, e consequentemente uma rica contribuição social atribuída ao desenvolvimento da sociedade (RODRIGUES, 2019).

2.4 BENEFÍCIOS SOCIAIS

Visitar museus tem um papel de transformação e um papel agregado na vida das pessoas, disponibilizando uma diversidade de experiências e aprendizagens sobre variados povos, culturas, histórias e valores. Temos que compreender que toda construção de um museu é fruto entre as diferentes posições de classes sociais, de grupos étnicos, artistas, colecionadores, entre outros. O museu tem o intuito de desenvolver a educação e a cultura, conservando e expondo seu patrimônio.

O antropólogo José Reginaldo Gonçalves expõe os museus como espaços integrantes dos modernos sistemas de arte e cultura, por meio dos quais grupos e categorias sociais representam e constituem simbolicamente suas inter-relações e sua inserção na sociedade brasileira. Seu foco está em, assumir os processos cotidianos de construção e reconstrução como tarefa inicial, para saber como os profissionais de museus concebem sua atividade e que relação estabelece entre esta e diversos grupos sociais que compõe de diferente modo nossa identidade

brasileira, visto que, estes profissionais (museólogos) fazem uma mediação social e simbólica entre sociedade, o Estado e o público. (JESSYCA, 2013, Pg. 05).

Para (AURICCHIO, 2003; apud LATOUR, 1987: 224-225) os museus de história natural, se caracterizam pela “mobilização do mundo” em um só lugar, tornando o museu como “o grande censo universal”, que permite descobertas onde os “zoólogos¹² em seus museus de história natural sem se deslocarem mais do que algumas centenas de metros e apenas abrindo algumas dúzias de gavetas viajariam através de todos os continentes”. Os museus de história natural, tem como características marcantes, serem considerados como centros de ciência, deste feito, ocupa uma função social a de popularizar a ciência (AURICCHIO, 2003), as demais características marcantes são a de que;

Como os museus e centros de ciência e tecnologia têm, entre as suas funções, popularizar o conhecimento científico, seu ponto crucial está em manter os limites da ciência, sua temporalidade, trazendo para o cidadão uma nova decodificação do mundo natural sem anunciar espetaculares descobertas ou gerar expectativas de respostas que a ciência não poderá realizar ou fornecer (AURICCHIO, 2003; apud. LINS DE BARROS, 1999)

O comportamento de uma determinada sociedade, é “o discurso social incorporado por ele em sua mente”, ou seja, embasado em suas experiências, principalmente “desenvolvidas por meio de interação com outros” (AURICCHIO, 2003) complementa ainda que;

A mediação social é fenômeno que ajuda a passar de um plano para outro. Esta mediação é possível graças às ferramentas culturais que integram os sistemas de símbolos convencionais desenvolvidos pela humanidade. Portanto, a popularização da ciência funciona como um mecanismo mediador de conhecimentos e habilidades. (AURICCHIO, 2003; apud. LINS DE BARROS, 1999)

Por meio dos museus, a vida social recupera a dimensão humana que se esvai na pressa da hora, as cidades encontram o espelho que lhes revele a face apagada no turbilhão do cotidiano, e cada pessoa acolhida por um museu acaba por saber mais de si mesma (IBRAM I. B., IBRAM - Instituto Brasileiro de Museus, 2019).

2.5 BENEFÍCIOS AMBIENTAIS

O museu colabora para conservação da biodiversidade, da relação entre a população e a natureza a partir de atividades educativas, ambientes de debate, exposição, trazendo para perto as atividades perto da natureza. São espaços de grande privilégio, onde se desenvolve

¹² Zoologia vem do grego zoon, que significa animal e logos que significa estudo. Zoologia é a ciência que estuda os animais bem como as relações entre eles e o ambiente em que vivem.

uma educação de forma livre, capaz de proporcionar diversas formas de percepção, lazer, experimentação em um patrimônio cultural e natural.

Encontra-se vinculado à memória do meio ambiente, sendo capaz de fazer interagir o homem com a natureza, alcançando melhores condições de vida para a população, conservando o ambiente, seja do modo patrimonial ou natural, Auricchio (2003, apud Scheiner 1990) diz que a educação ambiental é uma forma de entendimento do patrimônio natural, já que; “[...] o museu tradicionalmente visto como espaço de memória do ‘Homo faber’ pode e deve ser entendido como espaço ligado à memória do planeta Terra e do Homem enquanto ser vivo” (ibid.)”.

Entende-se que a relação do homem com a natureza está intimamente ligada, desta feita, a educação ambiental pode alcançar melhorias associadas a conservação do ambiente, sob o ponto de vista de Auricchio (2003);

Todos os museus possuem potencialidades para o desenvolvimento da educação ambiental, pois todo museu é capaz de interagir de alguma forma com o seu público, seja em particular com o indivíduo ou com a sociedade. [...] os museus são espaços privilegiados, pois, de maneira diferente das escolas, podem desenvolver a educação ambiental de forma livre, sem cobrança, sem vínculo com um currículo formal, mas não por isso de forma descompromissada com a sociedade.

Assim sendo, o museu é capaz de estimular percepção e visão crítica de forma prazerosa, com sensações, questionamentos dos visitantes, estimulados pela curiosidade, pelo censo crítico, também possibilita a melhor forma de aprendizagem, a experimentação com observação. Ademais, o museu pode tornar-se uma instituição científica de cunho recreativo e cultural, possui influência direta e positiva em um público diversificado, além de contribuir com seus resultados para alcançar mudança de atitude, formação de valores e uma maior sensibilidade, (AURICCHIO, 2003; apud MONTERO, 1999).

Por exemplo, os museus possuem potencialidades para o desenvolvimento da educação ambiental por que nele são expostas as memórias da humanidade, expondo registros e objetos das transformações, mais ainda;

“explica o mundo numa tentativa de trabalho sob a evidência material produzida pelo homem e por elementos da natureza. [...] Assim, a educação ambiental tenta alcançar melhorias nas condições de vida das populações locais, associadas à conservação do ambiente em que vivem, seja sob o ponto de vista patrimonial ou cultural”. (AURICCHIO, 2003, p 57).

Assim, do ponto de vista antrópico os frequentadores de museus, terão a oportunidade de entender que “os seres humanos, desde tempos pré-históricos, atuam no sentido de transformar o meio natural em que vivem” (AURICCHIO, 2003), que historicamente os povos do

mundo eram nômades, deslocavam-se de um local para outro buscando por alimentos e por locais de moradia e sustento. Com o tempo, foram desenvolvidas técnicas para cultivo de vegetais e frutos, além da adoção de procedimentos de confinamento e criação de animais, isso é a principal causa da intervenção do homem no meio ambiente, entendendo estes fatores a sociedade percebe a necessidade de mudança de cultura socioeconômico, juntamente com investimentos em pesquisas científicas que subsidiem soluções sustentáveis para a evolução do homem em consonância com a natureza.

2.6 TIPOS DE MUSEUS

Museu é um lugar onde se encontram reunidas curiosidades de espécies, obras de arte, exemplares científicos entre outros, existem vários tipos de museus e podem ser de tipo público ou privado mas normalmente têm a característica de ser um espaço sem fins lucrativo.

Os museus são regidos pelo Conselho Internacional de museus (ICOM International Council of Museums) que é uma instituição criada em 1946 tendo como objetivo o de controlar e de manter a atividade de museus pelo mundo todo. Assim os museus têm o importante dever de promover seu papel educativo, de atrair e ampliar a visitação da sua comunidade, localidade ou grupo que representa.

A interação com a comunidade e a promoção de seu patrimônio é parte integrante do papel educativo dos museus assim deixam de ser espaços de função estética apenas, ou de transmitir curiosidades através de objetos resultantes de conquistas bélicas, e passam a ter um importante espaço de interpretação de culturas e de educação dos cidadãos, fortalecendo a cidadania e o respeito às diferenças culturais. Abaixo uma relação de tipologias das coleções que são preservadas e comunicadas pelo museu, podendo estas serem classificadas em mais de uma categoria (IBRAM, 2011):

ANTROPOLOGIA E ETNOGRAFIA:

Coleções relacionadas às diversas etnias, voltadas para o estudo antropológico e social das diferentes culturas. Ex: acervos folclóricos, artes e tradições populares, indígenas, afro-brasileiras, do homem americano, do homem do sertão etc.

ARQUEOLOGIA:

Coleções de bens culturais portadores de valor histórico e artístico, procedentes de escavações, prospecções e achados arqueológicos. Ex: artefatos, monumentos, sambaquis etc

ARTES VISUAIS:

Coleções de pinturas, esculturas, gravuras, desenhos, incluindo a produção relacionada à Arte Sacra. Nesta categoria também incluem-se as chamadas Artes aplicadas, ou seja, as artes que são voltadas para a produção de objetos, tais como porcelana, cristais, prataria, mobiliário, tapeçaria etc.

CIÊNCIAS NATURAIS E HISTÓRIA NATURAL:

Bens culturais relacionados às Ciências Biológicas (Biologia, Botânica, Genética, Zoologia, Ecologia etc.), às GeoCiências (Geologia, Mineralogia etc.) e à Oceanografia.

CIÊNCIA E TECNOLOGIA:

Bens culturais representativos da evolução da História da Ciência e da Técnica.

HISTÓRIA:

Bens culturais que ilustram acontecimentos ou períodos da História.

IMAGEM E SOM:

Documentos sonoros, videográficos, filmográficos e fotográficos.

VIRTUAL:

Bens culturais que se apresentam mediados pela tecnologia de interação cibernética (internet).

BIBLIOTECONÔMICO:

Publicações impressas, tais como livros, periódicos, monografias, teses, etc.

DOCUMENTAL:

Pequeno número de documentos manuscritos, impressos ou eletrônicos reunidos intencionalmente a partir de uma temática.

ARQUIVÍSTICO:

Conjunto de documentos acumulados por pessoas ou instituições, públicas ou privadas, durante o exercício de suas atividades, independentemente do supor.

2.7 IMPACTOS GERADOS COM A IMPLANTAÇÃO DE UM MUSEU

A premissa do museu, é a de preservar e interpretar os vestígios materiais de atividade humana, bem como da natureza, pelos antepassados, e estes registros só foram e são possíveis devido ao hábito inerente aos seres humanos de registrar sua passagem, ou, a de “coleccionar” objetos necessário para a sua subsistência (OLIVEIRA G. A., 2010).

O museu assume funções das mais diversas, “Por meio dos museus, a vida social recupera a dimensão humana que se esvai na pressa da hora. As cidades encontram o espelho que lhes revele a face apagada no turbilhão do cotidiano. E cada pessoa acolhida por um museu acaba por saber mais de si mesma” (IBRAM, 2019). Além desta conexão social, a existência de um museu especificamente de história natural, amplia a apropriação do saber, revelando as consequências da ação do homem na natureza, esclarecendo a sociedade a relevância dos bens naturais para a humanidade, Valente et. al (2005), cita que;

Ampliando sua dimensão educativa, os museus, como espaços de preservação e guardiões do passado, aproximam-se dos aspectos da ciência contemporânea e também contemplam a visão de que a historicidade é característica relevante para se pensar cientificamente, ou seja, o universo é sujeito de transformação permanente e portanto, tem uma história. Nesta ótica os museus têm perseguido a associação dos fenômenos naturais com a história. Por meio dela é permitido o entendimento do processo dos eventos. Esta versão visa aproximar o homem leigo do conhecimento preservado e apresentado no museu. Se o século XX inicia com a mistificação da ciência, no fim do século a tendência pedagógica é a desmistificação. (VALENTE & ESTHER, 2005, p 54).

Seguindo este caminho, o governo brasileiro cria no ano de 2009 o Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), através da lei 11.906, com intento de “promover e assegurar a implementação de políticas públicas para o setor museológico, com vistas à contribuir para a organização, gestão e desenvolvimento de instituições museológicas e seus acervos” (BRASIL M. d., 2014), objetivando o fomento a classe em prol da “difusão cultural” e “afirmação da cidadania” (BRASIL, 2014).

Reconhecendo que o museu serve como estímulo à visitação por alunos de escolas, motiva a produção de conhecimento, promove e estimula pesquisas científicas, foi que os investimentos no setor museológico entre 2001 a 2011 cresceram quase 1.000%, mesmo assim, não foram suficientes para a classe. (BRASIL M. d., 2014).

A cultura estimula o desenvolvimento econômico local e regional, e o papel do Ibram, é de fundamental importância, pois ele trata especificamente da economia de museus, tema a ser abordado no próximo item..2.7.1 Museu e economia

Do ponto de vista econômico, os museus são definidos como “bens culturais que produzem impactos econômicos e sociais diretos e indiretos para a sociedade” (BRASIL M. d., 2014), e sua função é a de preservar a memória, também compõem uma estrutura de produção e propagação cultural, papel importante no desenvolvimento educacional, propicia harmonia no processo de reconhecimento e apropriação da identidade social. As benfeitorias apontadas são referente a cultura entendida como um recurso financeiro econômico; formação empregos e o aumento do valor simbólico, ou seja, a assimilação pela sociedade de sua cultura. De acordo com o Ibram (2014), quando um museu, é implantado em uma cidade, como consequência ele gera, um fluxo financeiro direto para a região, e para exemplificar, elaborou o fluxograma abaixo representado;

Figura 11 – IBRAM - Diagrama de Impactos Gerados

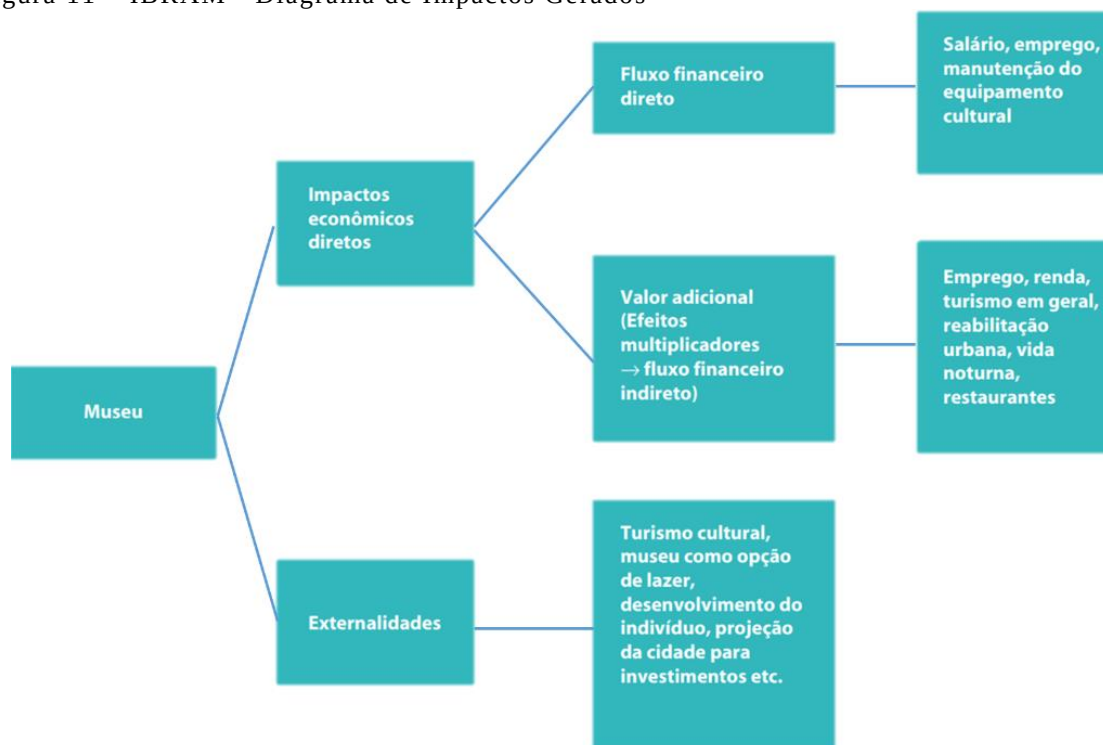


Imagem: Diagrama de impactos gerados pela presença de um museu na cidade.
Disponível em: < <http://www.museus.gov.br>>. Acesso em: 09/2019.
Fonte: (BRASIL M. d., 2014, p 21).

Ademais, os “ganhos” vão além do valor monetário, o Ibram (2014) apud Frey e Meier (2006), apontam que os ganhos se estruturam em cinco valores;

a) Valor de escolha (Option value): quando as pessoas valorizam a possibilidade de desfrutar das obras expostas nos museus em algum momento futuro;

b) Valor de existência (Existence value): quando as pessoas se beneficiam por saber que um museu existe, mesmo que necessariamente não visitem museus, no momento presente ou futuro

c) Valor de legado (Bequest value): quando as pessoas têm satisfação em saber que, futuramente, seus descendentes e outros membros da comunidade estarão aptos a desfrutar dos museus se assim desejarem;

d) Valor de prestígio (Prestige value): quando as pessoas gozam do prestígio que as suas cidades ou regiões auferem por possuírem um ou mais museus valorizados para além dos limites territoriais. Elas próprias necessariamente não gostam de museus ou mesmo os visitam;

e) Valor de educação (Education value): quando as pessoas valorizam os museus ao terem a percepção e consciência

da sua contribuição para o seu “senso de cultura” e da população em geral. (BRASIL M. d., 2014, p 22).

Figura 12 - Ciclo de Valores sociais

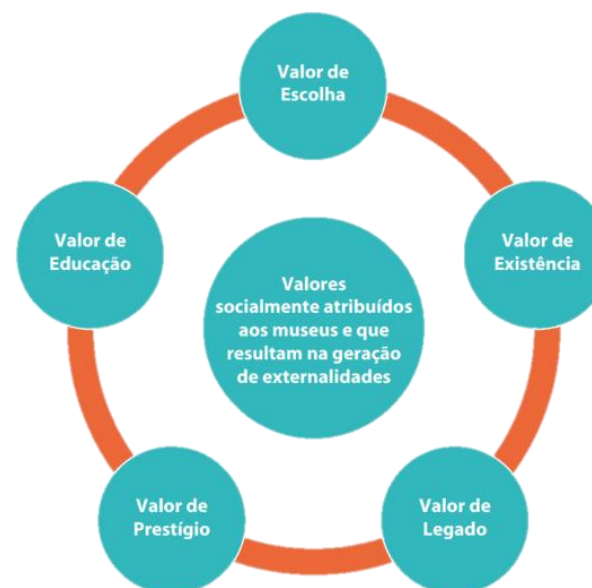


Imagem: Diagrama de impactos gerados pela presença de um museu na cidade.

Disponível em: < <http://www.museus.gov.br> >.

Acesso em: 09/2019.

Fonte: (BRASIL M. d., 2014, p 23)

2.8 BREVE HISTÓRICO DO MUSEU NO BRASIL

2.8.1 – Museu Nacional do Rio de Janeiro

No Brasil, o surgimento do museu como instituição científica ocorreu em 1818 com a criação do então Museu Real, que mais tarde se tornou o Museu Nacional do Rio de Janeiro. (CONSIDERA, 2011); o museu, é uma instituição autônoma, integrante do Fórum de Ciência e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro, vinculada ao Ministério da Educação que completou 200 anos em 2018 (Brasil, 2019)

Figura 13 - Fachada Museu Nacional do Rio de Janeiro - Antes do incêndio.



Imagem: Museu Nacional antes do incêndio de 2 de setembro que destruiu o equipamento.

Disponível em: < <http://www.vermelho.org.br/noticia/314829-1>>. Acesso em: 09/2019.

Fonte: Portal Vermelho.

A criação do Museu Histórico Nacional no Rio de Janeiro significou uma referência na transformação do conceito de museu, de museologia e de processos museológicos, que culminaram com a criação do curso de museologia, as condutas museológicas adotadas a partir

de então, tornaram-se símbolo de modernidade, (CONSIDERA, 2011). Infelizmente, em 09 de 2018, um incêndio de causa não identificada, mas de grande proporção, destruiu o acervo com mais de 20 milhões de itens, dentre os mais relevantes: O crânio de Luzia, fóssil humano mais antigo encontrado nas Américas; Trono do rei de Daomé, presente dado por um rei africano a Dom João VI e um dos primeiros itens do acervo do museu o meteorito Bendegó de 5 toneladas, o maior já encontrado no Brasil, sendo o único item que ficou intacto após o incêndio.

Figura 14 - Museu do Rio - Imagens de alguns acervos catalogados



Imagem: Da esquerda para a direita: Crânio de Luzia (com simulação de sua possível face) | Trono de Daomé | Meteorito de Bendegó | Caixaão de Sha-Amun-Em-Su, representando a perda da maior coleção egípcia da América Latina. Disponível em: <<http://www.museunacional.ufrj.br>> Acesso em: 09/2019. Fonte: Museu Nacional.

Figura 15 - Museu do Rio de Janeiro em chamas.



Imagem: Museu Nacional momento do incêndio.

Disponível em: < <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2018/09/03/museu-nacional-fica-completamente-destruido.ghtml>>. Acesso em: 09/2019. Fonte: O Globo.

Ex-presidenta do sindicato de professores da instituição, Tatiana Roque, professora de Filosofia e Matemática da UFRJ entende que a falta insuficiência de verbas voltadas para manutenção do Museu, “era um problema crônico oriundo de sucessivos governos. Um problema muito antigo é que não há uma política para esse museu por parte do poder público. Ele deveria ter uma administração específica, um orçamento próprio, não necessariamente atrelado a UFRJ” (BETIM, 2018).

2.8.2 – Museu Paraense Emílio Goeldi

Considera (2011), salienta que ainda no século XIX, foram fundados o Museu Paraense Emílio Goeldi¹³, criado em 1871 e o Museu Paulista, criado em 1893. Mundialmente reconhecido como uma das instituições mais importantes no quesito de pesquisa científica sobre a Amazônia, localizado na cidade de Belém, estado do Pará, o museu é vinculado ao Ministério da Ciência e Tecnologia pois possui uma importante missão, e de elaborar e propagar conhecimentos e estudos científicos sobre “sistemas naturais e socioculturais relacionados à Amazônia” (OLIVEIRA A, 2010). O Museu Paraense, [...] “tinha o estudo da natureza (fauna, flora, geografia, geologia e também as questões que envolviam a história do Pará e Amazonas) como principal objetivo. Sua estrutura física se divide em três unidades.

1) Parque Zoobotânico - Mais antiga unidade, localizada no centro urbano de Belém, nela se encontram instaladas a Diretoria, as Coordenações de Administração e Museologia, a assessoria de Comunicação Social e a Editora do Museu.

2) Campus de Pesquisa - Com 12 hectares, nele funcionam as Coordenações de Botânica, Zoologia, Ciências Humanas,

Ciências da Terra e Ecologia, Informação e Documentação, Planejamento, além dos laboratórios institucionais.

3) Estação Científica Ferreira Penna - Inaugurada em 1993, possui 33.000 hectares da Floresta Nacional de Caxiuanã e destina-se à execução de programas de pesquisa e ações de desenvolvimento comunitário. (OLIVEIRA A, 2010).

Figura 16 - Fachada do Museu Paraense



Imagem: Museu Paraense Emílio Goeldi - Museus em Belém (BRA).
Disponível em: < www.museu-goeldi.br >
Acesso em: 09/2019.
Fonte: City News

¹³ Emílio Goeldi (1859-1917), zoólogo suíço frequentou as universidades de Leipzig e Jena (Alemanha), no curso de Zoologia e Anatomia Comparada.

2.8.3 Breve histórico de museu em Mato Grosso

Mato Grosso é um Estado de culturas variadas, indo da área gastronômica a pontos turísticos ricos em belezas naturais, contudo, o acervo cultural estava espalhado por vários municípios de Mato Grosso, na década de oitenta decidiu-se juntar os acervos e centralizá-los em Cuiabá, originando o primeiro museu no estado, criado em 20 de agosto de 1987 o Museu Histórico de Mato Grosso (ALVES, 2011).

No estado de Mato Grosso existem cadastrados 54 museus distribuídos conforme tabela 1.

Mapa 1 - Museus no Estado de Mato Grosso



Mapa: Localização de museus no Estado de Mato Grosso.
Disponível em: <<http://museus.cultura.gov.br>> Acesso em: 09/2019
Fonte: Museu cultural Governo Federal.

Tabela 1 - Relação de museus por Município

Município	Museu por município
Alta Floresta	1
Araputanga	1
Cáceres	3
Campo Novo Do Parecis	1
Campo Verde	1
Canarana	1
Chapada Dos Guimarães	2
Cuiabá	21
Diamantino	2
Dom Aquino	1
General Carneiro	1
Itiquira	1
Jaciara	1
Juara	1
Juína	1
Poconé	2
Pontes E Lacerda	1
Porto Dos Gaúchos	1
Primavera Do Leste	1
Rondonópolis	2
Rosário Oeste	1

Santo Antônio Do Leverger	1
São Félix Do Araguaia	1
Sinop	1
Várzea Grande	3
Vila Bela Da Santíssima Trindade	1
Total Geral	54

Tabela: Relação de museus por Municípios no Estado de Mato Grosso. Tabela Alterada pelo autor. Disponível em: <<http://museus.cultura.gov.br>>
Acesso em: 09/2019. Fonte: Museusbr..

Tabela 2 - Museus por município e ano de criação.

MUNICÍPIO	NOME DO MUSEU	Ano de abertura
Alta Floresta	Museu de História Natural de Alta Floresta	2007
Araputanga	Centro de História, Educação e Cultura Donizete Tavares Coelho	2015
Cáceres	Centro de Pesquisa e Museu de Arqueologia, Etnografia, Paleontologia e Espeleologia - Universidade do Estado de Mato Grosso	2005
Cáceres	Museu Histórico de Cáceres	1978
Cáceres	Museu Memória e Identidade Indígena	2005
Campo Novo Do Parecis	Museu Histórico do Parecis	2018
Campo Verde	Museu da História de Campo Verde	2010
Canarana	Fundação Pró-Memória de Canarana	2005
Chapada Dos Guimarães	Parque Nacional da Chapada dos Guimarães	1989
Chapada Dos Guimarães	Sala de Memória de Chapada dos Guimarães	2017
Cuiabá	Aquário Municipal de Cuiabá	1999
Cuiabá	Memorial da Água Engenheiro José Luiz de Borges Garcia	1999
Cuiabá	Memorial João Paulo II	2003
Cuiabá	Museu da Imagem e do Som de Cuiabá Lázaro Papazian Chau	2006
Cuiabá	Museu da Polícia Militar de Mato Grosso Coronel PM RR Ubaldo Monteiro da Silva	2004
Cuiabá	Museu das Bonecas e Brinquedos	1999
Cuiabá	Museu de Arte de Mato Grosso	2014
Cuiabá	Museu de Arte e de Cultura Popular	1974
Cuiabá	Museu de Arte Sacra de Mato Grosso	1980
Cuiabá	Museu de História Natural de Mato Grosso Casa Dom Aquino	2006
Cuiabá	Museu de História Natural e Antropologia	1978
Cuiabá	Museu de Pedras Ramis Bucair	1959
Cuiabá	Museu do Artesanato de Mato Grosso	2013
Cuiabá	Museu do Morro da Caixa D'Água Velha	2007
Cuiabá	Museu do Rio Cuiabá Hid Alfred Scaff	1999
Cuiabá	Museu Histórico de Mato Grosso	1978
Cuiabá	Museu Homem Brasileiro	2004
Cuiabá	Museu Rondon de Etnologia e Arqueologia (MUSEAR/UFMT)	1973
Cuiabá	Parque Mãe Bonifácia	2000
Cuiabá	Parque Massairo Okamura	2001

Cuiabá	Parque Zé Bolo Flô	1999
Diamantino	Casa Memorial dos Viajantes	2007
Diamantino	Museu da Diocese	2015
Dom Aquino	Museu Cultural Wilson Furtado de Mendonça	2005
General Carneiro	Museu Comunitário e Centro de Cultura Bororo de Meruri	2001
Itiquira	Museu Histórico Acelino Rodrigues de Oliveira	2010
Jaciara	Museu Histórico de Jaciara	2012
Juara	Museu do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Etnocultural e Artístico do Vale do Arinos	2018
Juína	Museu Salesiano dos Povos da Floresta	2001
Poconé	Cantinho da Vovó Bem	2000
Poconé	Parque Nacional do Pantanal Matogrossense	2000
Pontes E Lacerda	Casa da Memória Marechal Rondon	2007
Porto Dos Gaúchos	Museu da Colonização Guilherme Meyer	2015
Primavera Do Leste	Museu Comunitário e Centro de Cultura Xavante de Sangradouro	2005
Rondonópolis	Museu Rosa Bororo	1997
Rondonópolis	Museu Universitário de Rondonópolis	1988
Rosário Oeste	Museu Municipal Histórico e Indígena de Rosário Oeste	1982
Santo Antônio Do Leverger	Museu da Usina de Itaici	1985
São Félix Do Araguaia	Museu Histórico Cultural do Centro Oeste	1996
Sinop	Museu Histórico de Sinop	2008
Várzea Grande	Museu Anátomo-Patológico e de Inspeção de Produtos de Origem Animal Chico Costa	2006
Várzea Grande	Museu Ubaldo Monteiro da Silva	1984
Várzea Grande	Sala de Memória Júlio Campos	1987
Vila Bela Da Santíssima Trindade	Museu Histórico e Arqueológico Joaquim Marcelo Profeta da Cruz	2006

Tabela: Relação de museus por Municípios no Estado de Mato Grosso e ano de criação Tabela Alterada pelo autor.

Disponível em:<<http://museus.cultura.gov.br>>

Acesso em: 09/2019.

Fonte: Museusbr.

No município de Várzea Grande foram catalogados dois Museus,

Tabela 3 - Relação de Museus ativos no município de Várzea Grande

MUNICÍPIO	NOME DO MUSEU	Ano de abertura
Várzea grande	Museu Anátomo-Patológico e de Inspeção de Produtos de Origem Animal Chico Costa	2006
Várzea grande	Sala de Memória Júlio Campos	1987

Tabela: Relação de museus no município de Várzea Grande Tabela Alterada pelo autor.

Disponível em:<<http://museus.cultura.gov.br>>

Acesso em: 09/2019.

Fonte: Museusbr.

O Museu de Anátomo-Patologia Chico Costa – localizado na área do Frigorífico Fricol, no Bairro Souza Lima, em Várzea Grande, abriga um acervo diferente. Ao invés de obras de arte, o museu exhibe peças da anatomia e patologia animal. São esqueletos, órgãos internos e imagens que desvelam o mundo animal.

Figura 17 - Exposição do Museu Chico Costa em Várzea Grande



Figura: Exposição de peças da anatomia e patologia animal.

Disponível em:< <https://mapadomato.info/guia/museu-anatomo-patologico-chico-costa/>>

Acesso em: 09/2019.

Fonte: Muapa do Mato.

3 ASPECTOS NORMATIVOS

Para subsidiar este trabalho, foi consultado, leis e decretos à nível internacional, nacional e regional para subsidiar aspectos legais, funcionais no que se refere ao tema proposto.

3.1 LEGISLAÇÃO INCIDENTE NO PLANO INTERNACIONAL

O museu tem por objetivo estimular o desenvolvimento e preservar o meio ambiente, com o intuito de conservação da biodiversidade, atividades educativas, ambientes de debates e exposições. São espaços de grande privilégio, desenvolvendo a educação ao ar livre e preservando o patrimônio natural do ambiente.

Segundo a Lei nº 47/2004 de 19 de Agosto Aprova a Lei Quadro dos Museus Portugueses A Assembleia da República decreta, nos termos da alínea “c” do artigo 161.o da Constituição, para valer como lei geral da República, o seguinte: Artigo 2.o Princípios da política museológica 1 — A política museológica nacional obedece aos seguintes princípios: a) Princípio do primado da pessoa, através da afirmação dos museus como instituições indispensáveis para o seu desenvolvimento integral e a concretização dos seus direitos fundamentais; b) Princípio da promoção da cidadania responsável, através da valorização da pessoa, para a qual os museus constituem instrumentos indispensáveis no domínio da fruição e criação cultural, estimulando o empenhamento de todos os cidadãos na sua salvaguarda, enriquecimento e divulgação; c) Princípio de serviço público, através da afirmação dos museus como instituições abertas à sociedade;

Artigo 3.o Conceito de museu 1 — Museu é uma instituição de carácter permanente, com ou sem personalidade jurídica, sem fins lucrativos, dotada de uma estrutura organizacional que lhe permite: a) garantir um destino unitário a um conjunto de bens culturais e valorizá-los através da investigação, incorporação, inventário, documentação, conservação, interpretação, exposição e divulgação, com objetivos científicos, educativos e lúdicos.

O ICOM é uma Organização não-governamental com objetivo dar visibilidade e valorizar o papel dos museus no desenvolvimento da sociedade, é uma associação profissional sem fins lucrativos, financiada pela contribuição de seus membros, por atividades que desenvolve e pelo patrocínio de organizações públicas e privadas.que mantém relações formais com a UNESCO, executando parte de seu programa para museus, tendo status consultivo no Conselho Econômico e Social da ONU 1977 pelo Conselho Internacional de Museus (Icom) (BRASIL M. d., 2014), o valor do museu para a economia é defenido pelo ICOM da seginte forma;

Partindo da definição do Conselho Internacional de Museus (Internacional Council of Museums – ICOM), o museu é uma instituição de caráter permanente, com ou sem personalidade jurídica, sem fins lucrativos, dotada de estrutura organizacional que permite: garantir um destino unitário a um conjunto de bens culturais e valorizá-los por intermédio da investigação, incorporação, inventário, documentação, conservação, interpretação, exposição e divulgação, com fins de educação, estudo e deleite (BRASIL M. d., 2014, p 29).

O surgimento do ICOM, foi historicamente relevante para a cultura mundial, vale ressaltar, que, por sua conta é que foi criado a profissão de museólogo, ademais, a “unificação” da categoria em nível mundial é de considerável relevância, a fim de esclarecer este fortalecimento como instituição internacional, a figura 17, representa cronologicamente os feitos deste órgão; que aliás, é de origem deste conselho o conceito a ser adotado para os museus, o que, diretamente está relacionado a programas posteriores que fomentaram a classe; (BRASIL M. d., 2014).

Figura 18 – ICOM – Conselho Internacional de Museus – Linha do Tempo de 1958 a 2008

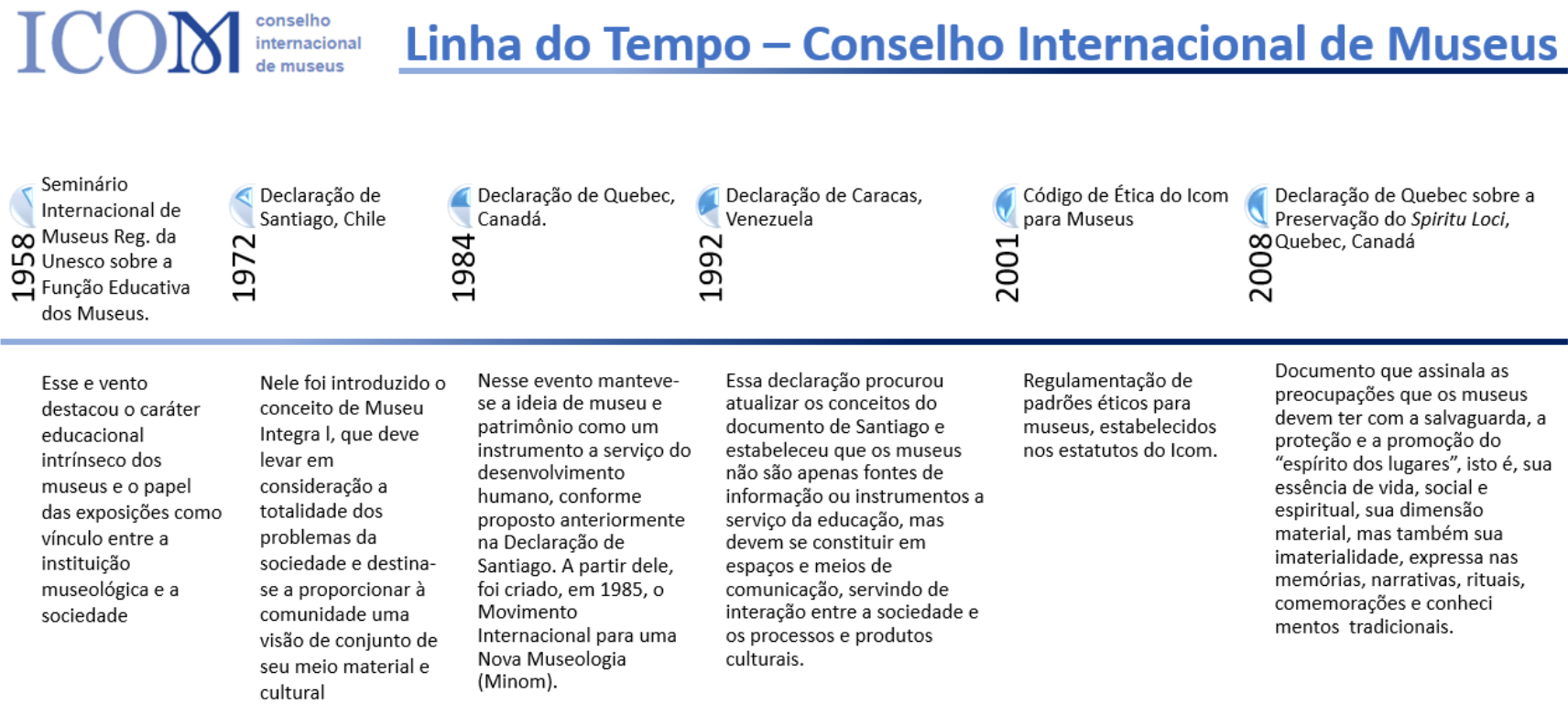


Imagem: Compilação de fatos relevantes em eventos no Brasil, influenciados pela participação em eventos promovidos pelo ICOM.
Disponível em: < <https://icom.museum/en/activities/standards-guidelines/museum-definition/>>. Acesso em: 09/2019.
Fonte: ICOM. Adaptado pelo autor

A cada seminário, pesquisadores brasileiros e estrangeiros reúnem-se para debater sobre o desenvolvimento do campo da museologia nas últimas décadas, e os resultados do consenso destes encontros, geraram documentos que nortearam a dinâmica da Museologia brasileira desde a segunda metade do século XX. (CENEDOM, 2014).

3.2 LEGISLAÇÃO INCIDENTE NO PLANO NACIONAL

Segundo a LEI Nº 11.904, DE 14 DE JANEIRO DE 2009. Art. 1º Consideram-se museus, para os efeitos desta Lei, as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento.

Parágrafo único. Enquadrar-se-ão nesta Lei as instituições e os processos museológicos voltados para o trabalho com o patrimônio cultural e o território visando ao desenvolvimento cultural e socioeconômico e à participação das comunidades.

Art. 2 São princípios fundamentais dos museus:

I – a valorização da dignidade humana;

II – a promoção da cidadania;

III – o cumprimento da função social;

IV – a valorização e preservação do patrimônio cultural e ambiental;

V – a universalidade do acesso, o respeito e a valorização à diversidade cultural;

VI – o intercâmbio institucional.

Embora a trajetória da legislação brasileira não tenha sido pormenorizada, vale destacar a relevância da produção de conhecimento obtidos em simpósios, conferências e publicações científicas, promovidas pelo ICOM, que de certo, foi um instrumento imprescindível para

a consolidação de atos visando a preservação e valorização do museu no Brasil, dito isso, constata-se na figura 19 a cronologia das ações do poder público nacional no que se refere a estruturação de mecanismos que norteiam a classe de Museologia” (BESSA, 2017), bem como a compilação de Leis relacionadas na figura 18.

Figura 19 – Legislação Nacional - Linha do Tempo de 1984 a 2013



Imagem: Compilação de Leis relevantes em um recorte no tempo.

Disponível em: < <http://www4.planalto.gov.br/legislacao/>>. Acesso em: 09/2019.

Fonte: BRASIL, 2019. Adaptado pelo autor.

O Governo Federal comprovam o comprometimento com a causa, articulando na reestruturação de órgãos Públicos, Criando órgãos especialmente voltados às finalidades e competências relacionadas à promoção e à implementação de Políticas Públicas.

Figura 20 - IBRAM – Plano Nacional Setorial de Museus – Linha do Tempo de 2003 a 2010

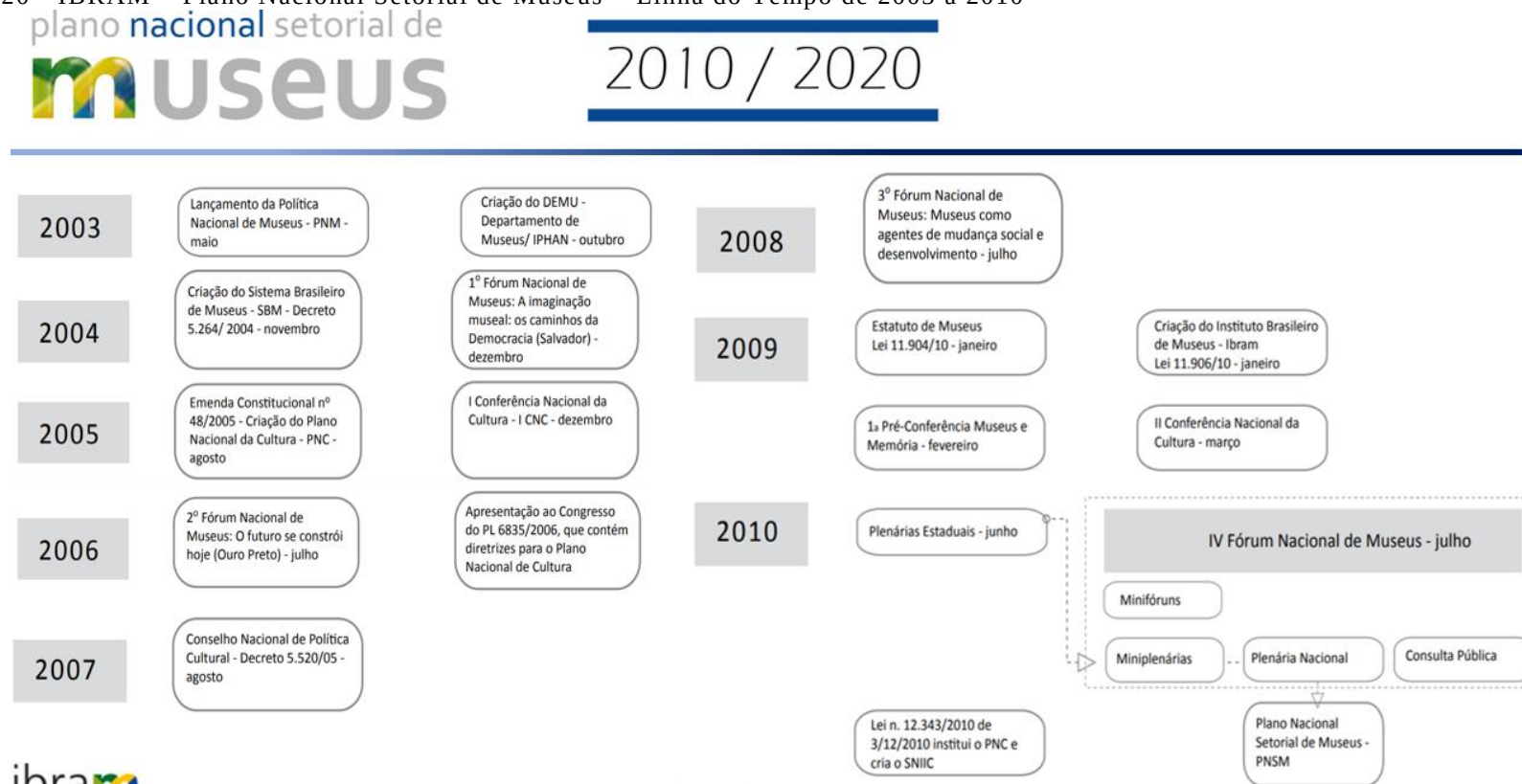


Imagem: Compilação de Leis relevantes em um recorte no tempo.

Disponível em: < <http://www4.planalto.gov.br/legislacao/>>. Acesso em: 09/2019. Fonte: BRASIL, 2019. Adaptado pelo autor

3.3 LEGISLAÇÃO INCIDENTE NO PLANO LOCAL

Decorrente a LEI Nº 9.985, DE 18 DE JULHO DE 2000. Art. 1º Esta Lei institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza – SNUC, estabelece critérios e normas para a criação, implantação e gestão das unidades de conservação.

Art. 2º Para os fins previstos nesta Lei, entende-se por: I - unidade de conservação: espaço territorial e seus recursos ambientais, incluindo as águas jurisdicionais, com características naturais relevantes, legalmente instituído pelo Poder Público, com objetivos de conservação e limites definidos, sob regime especial de administração, ao qual se aplicam garantias adequadas de proteção;

Art. 3º O Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza – SNUC é constituído pelo conjunto das unidades de conservação federais, estaduais e municipais, de acordo com o disposto nesta Lei.

Art. 4º O SNUC tem os seguintes objetivos: I - contribuir para a manutenção da diversidade biológica e dos recursos genéticos no território nacional e nas águas jurisdicionais; II - proteger as espécies ameaçadas de extinção no âmbito regional e nacional; III - contribuir para a preservação e a restauração da diversidade de ecossistemas naturais; IV - promover o desenvolvimento sustentável a partir dos recursos naturais.

4 ASPECTOS SOCIOLÓGICOS

Os museus revelam o desejo de procurar novos públicos ou procuram realizar a diferença na vida das pessoas, segundo (AURICCHIO, 2003) apud Almeida (1991);

“[...] os museus podem e devem ter um papel social ativo, ainda que inicialmente pedagógico, no sentido de socializar a produção artística e científica produzidas no âmbito das elites intelectuais e pelas culturas do povo. Para isso o museu precisa se abrir para visões não hegemônicas do mundo, dando espaço para a heterogeneidade. Os museus precisam se tornar verdadeiros espaços públicos”. Segundo MENEZES (1992: 117), os museus só atuarão na transformação da sociedade, considerando a própria exposição como um recurso poderoso, quando contribuir para “capacitar nas escolhas todos aqueles com quem puder se envolver”, pois o museu tem como função de popularizar a ciência, e para que haja sucesso, a interdisciplinaridade¹⁴ os museus de história natural e os museus de ciência e tecnologia têm em comum a função educativa, pois o museu de ciência e tecnologia baseia-se no conhecimento científico, o museu de história natural está alicerçada em demonstrações, experimentos, descobertas e entretenimento. (AURICCHIO, 2003).

4.1 QUALIDADE DE VIDA

Qualidade de vida tem a ver com encontrar o equilíbrio dentro de você, que poderá te proporcionar dentro de uma galeria de fotos buscando assim trazer a paz interior, assim Cada vez mais, o museu reafirma-se na contemporaneidade como um museu aberto, de comunicação que atende à função do homem como indivíduo e do homem como um ser social.

Os museus revelam o desejo de procurar novos públicos ou procuram realizar a diferença na vida das pessoas, isso envolve desde o bem-estar físico, como o emocional, mental, e as relações sociais. Deve analisar os aspectos da vida que são mais relevantes e entender o que deve ser priorizado. Mas pilares da saúde física e mental são essenciais para ter uma qualidade de vida.

5 ASPECTOS TÉCNICOS

¹⁴ A interdisciplinaridade parte da palavra "interdisciplinar", que tem, como conceito, o que é um comum a duas ou a mais disciplinas. Diz respeito ao processo de ligação entre as disciplinas

Os museus inovam frente as demandas sociais, com diversas opções que podem incluir serviços culturais, com uma demanda de informações, opções de lazer e aprendizado. Além do mais, seu foco educacional, em práticas a utilidade social e a natureza, voltadas a uma abordagem social, serão estudos e discussões nos campos das políticas sociais e econômicas. Museu possui uma responsabilidade com a população, sendo uma instituição pública, atuando como serviços sociais.

A gestão do conhecimento conecta-se às transformações da sociedade contemporânea na medida em que considera conhecimento, comunicação e usos da linguagem como objetos de pesquisa e domínios de intervenção tecnológica.

Buscando assim trazer tecnologia de Informação e Comunicação associam-se, também, às transformações culturais, econômicas e políticas em curso, favorecendo o engajamento da comunidade, a inclusão de grupos sociais e a instauração de processos de democratização do conhecimento. “Os espaços expositivos que apresentam tecnologias digitais com ou sem inserção de objetos do museu convidam o usuário-público-visitante a entrar em conexão, a integrar e a participar do que se propõe”.

O museu configura um campo aberto de possibilidades de imaginação, criação e compartilhamento de conhecimento, tendo assim um museu diferente a cada dia ou mês buscando inovação da apresentação dos materiais do museu, a conservação dos documentos, procedimento utilizados, programas educacionais, promovendo aos visitantes uma consciência do papel e da importância dos museus. O museu terá como base a ideia de buscar edifícios históricos mais eficientes em termos energéticos, tendo assim funcionalidades, por meio de placas inteligentes que se movem em busca da maior incidência de sol e convertem a luz solar em eletricidade, para seguir como um museu com sustentabilidade a construção contara com grandes espaços abertos, pensados para aproveitar ao máximo a iluminação natural e buscar a captação da água das chuvas para ser utilizado no museu, e assim poderá atender as demandas dos usuários, o que poderá estimular o uso, da ocupação e conservação desses imóveis garantindo sua vitalidade.

Em busca do conforto ambiental o objetivo é fazer uma ligação entre o bom emprego do Conforto Ambiental e as Experiências Sensoriais em Museus, de um modo que as sensações geradas na exposição sejam mais marcantes do que o que o usuário espera de uma visita ao Museu, para que a procura por esse tipo de ambiente se intensifique deixando esse tipo de acesso à cultura e conhecimento mais atrativo, o museus traz como objetivo estimular o desenvolvimento procura preservar o meio ambiente, assim conserva tem a biodiversidade, atividades educativa e ambiente de debates e exposições. Sendo assim responsáveis pelo patrimônio natura e cultural, material e imaterial, promovendo uma integração dos visitantes com o museu.

5.1 PROJETOS DE REFERENCIA

5.1.1 PROJETO 01 – GRANDE MUSEU DO MUNDO MAIA DE MÉRIDA

O projeto escolhido como referência foi o Grande Museu do Mundo Maia de Mérida (figura 2) / Grupo Arquitecture, localizado em Calle 60 Norte, Unidad Revolución, Mérida, YUC, Mexico, tendo assim uma área construída de 22600.0m² (conforme ficha técnica representado na figura 1), Este museu foi projetado por um grupo de quatro arquitetos e quatro designs. Sendo assim o projeto foi entregue em 2012, sendo a principal escolha desse projeto como referência foi pela sua grandiosidade, integrando os espaços necessários para as diferentes atividades funcionais, utilização dos materiais elevando a busca de ventilação e iluminação natural, a utilização do concreto armado, aço e também o vidro que faz a aproximação do exterior com o interior deixando assim um ambiente mais confortável.

O projeto (figura 3) fica mais livre, e com maior liberdade de expressão, não só a exposição toma conta de todo o projeto, mais a edificação localizada no coração de um sub centro urbano importante no norte de Mérida. Projetaram um museu abrangente, permitindo acessibilidade universal, com sinalização, facilidades para idosos ou pessoas com deficiência, áreas de descanso, proporcionando além de um estudo da grande aquisição arqueológica, melhorando a qualidade de vida dos visitantes

Figura 21 - Ficha técnica do Grande museu do Mundo Maia de Mérida

Arquitetos	: Grupo Arquitecture
Localização	: Calle 60 Norte, Unidad Revolución, Mérida, YUC, Mexico
Architectural Design	: Grupo Arquitecture (4A Arquitectos)
Equipe de Projeto	: Ricardo Combaluzier, Enrique Duarte, William Ramírez, Josefina Rivas
Área	: 22600.0 m2
Ano do projeto	: 2012
Fotografias	: David Cervera, Alessandra Ortíz, Rocío Rojo, Héctor Velasco, Tamara Uribe
Fabricantes	: Trespa Brasil, Durock, Neogard, Mayabtún, USG, NOVIDESA, Otis, Mattera, Graphisoft, Metecno, Predecon

Fonte: ArchDaily.

Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/01-100710/grande-museu-do-mundo-maia-de-merida-slash-4a-arquitectos>. Acesso em: 05/2019

Figura 22 – Implantação do Museu Grande Mundo Maia de Mérida



Fonte: ArchDaily

Disponível

em: https://images.adsttc.com/media/images/573b/b8f2/e58e/ce11/ae00/0037/slideshow/DC_IMG_3_131.jpg?1463531752. Acesso em: 05/2019.

Figura 23 – Fachada do Grande Museu do Mundo Maia de Mérida



Fonte: ArchDaily

Disponível

em: https://images.adsttc.com/media/images/573b/b8f2/e58e/ce11/ae00/0037/slideshow/DC_IMG_3_131.jpg?1463531752. Acesso em: 05/2019.

Figura 24 - Imagem interna do Grande museu do Mundo Maia de Mérida



Fonte: ArchDaily

Disponível

em: https://images.adsttc.com/media/images/573b/b881/e58e/cefc/4d00/0022/slideshow/DC_cafe_cine.jpg?1463531639. Acesso em: 05/2019

5.1.2 PROJETO 02 – MUSEU CAIS DO SERTÃO/BRASIL ARQUITETURA.

O projeto escolhido como referência foi o Museu Cais do Sertão / Brasil Arquitetura (figura 6) , onde está localizado: Av. Alfredo Lisboa, 10 - Recife, PE, 50030-030, Brasil, tendo assim uma área construída de 5000.0 m² (conforme ficha técnica, figura 5). Este museu foi projetado por dois arquitetos Francisco Fanucci, Marcelo Ferraz, sendo assim o projeto foi entregue em 2018, a escolha desse projeto foi o diferencial apresentado por sua proposta arquitetônica e museográfica¹⁵ com estrutura longilínea de construções do porto, para abrigar todo o programa do museu.

O conjunto do museu com a integração de áreas livres e de convívio - cria um novo marco urbano na paisagem, conjugando alta tecnologia construtiva com a utilização do concreto como parte da estrutura em dois brises como forma de decoração e barragem de sol em toda a fachada, deixando assim o museu muito mais atrativo, simbólico elemento da arquitetura é o cobogó gigante (figura 8) que pelas suas características de amenizar a relação dos espaços interior/exterior, criando um filtro de luz a exposição dos objetos variados executado em concreto, pensado a partir de um conceito forte e de conteúdo, além de uma arquitetura de forte cidade urbana. O museu proporciona a seus visitantes uma experiência acolhedora, de caráter único, ao mesmo tempo intelectual e afetivo.

¹⁵ conjunto de atividades técnicas necessárias para o desempenho das atividades da prática museológica e do funcionamento do museu, no que diz respeito à gestão, salvaguarda e comunicação.

Figura 25 - Ficha técnica do museu Caes do Sertão

Arquitetos	: Brasil Arquitetura
Localização	: Av. Alfredo Lisboa, 10 - Recife, PE, 50030-030, Brasil
Autores	: Francisco Fanucci, Marcelo Ferraz
Co-Autores	: Pedro Del Guerra, Cícero Ferraz Cruz, Luciana Dornellas
Área	: 5000.0 m2
Ano do projeto	: 2018
Fotografias	: Nelson Kon
Fabricantes	: KJPL Arbyte, Lanxess Bayferrox, Penha Vidros, Marcenaria Baraúna, Tecnopop

Fonte: ArchDaily

Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/907621/museu-cais-do-sertao-brasil-arquitetura>. Acesso em: 05/2019.

Figura 26 – Imagem aérea do Museu Cais do Sertão



Fonte: ArchDaily

Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/907621/museu-cais-do-sertao-brasil-arquitetura>. Acesso em: 05/2019.

Figura 27 - Fachada do museu Caes do Sertão



Fonte: ArchDaily

Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/907621/museu-cais-do-sertao-brasil-arquitetura>. Acesso em: 05/2019.

Figura 28 - Imagem interna do museu Caes do Sertão, com destaque o cobogó.



Fonte: ArchDaily

Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/907621/museu-cais-do-sertao-brasil-arquitetura>. Acesso em: 05/2019.

5.1.3 PROJETO 03 - PAVILHÃO DE ARTE EM VIDEBAEK

O projeto escolhido foi o museu de arte projetado por Henning Larsen na Dinamarca está localizado no Parque Scenic Western Videbæk, na pequena cidade de Videbæk, possuindo uma área quadrada de 1130m² (ficha técnica, figura 9), a escolha desse projeto foi por conta de sua integração com o meio ambiente trazendo assim a natureza para dentro do museu, em que as esquadrias são “molduras” para a natureza, em que mesmo dentro da edificação o visitante não se desconecta da natureza, (figura 11).

E sim no seu exterior, onde utiliza de sua construção como um meio de mostra a paisagem urbana, o museu foi implantado sobre um lago (figura 10), o pavilhão é inspirado em seu entorno, que traz a integração do verde para dentro da edificação. A arquitetura consiste em duas placas quadradas aparentemente flutuantes, que remete uma liberdade para a edificação, a fachada tem como demonstras inspiração na paisagem circundante; o movimento do lago e dos galhos das árvores, deixando o ambiente diversas aparências com o decorrer das horas e dos dias

Figura 29 - Ficha técnica museu Pavilhão de Arte em Videbaek

Arquitetos	: Henning Larsen
Localização	: Videbaek, Dinamarca
Arquiteto Responsável	: Henning Larsen
Equipe	: Jørgen Holm, Søren Danielsen
Área	: 1130 m ²
Ano do projeto	: 2017
Fotografias	: Martin Schubert, Kirstine Mengel
Fabricantes	: Troldekt

Fonte: ArchDaily

Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/902210/pavilhao-de-arte-em-videbaek-henning-larsen>. Acesso em: 05/2019.

Figura 30 - Vista externa do museu Pavilhão de Arte em Videbaek



Fonte: ArchDaily

Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/902210/pavilhao-de-arte-em-videbaek-henning-larsen>. Acesso em: 05/2019.

Figura 31 - Imagem interna do museu Pavilhão de Arte em Videbaek



Fonte: ArchDaily

Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/902210/pavilhao-de-arte-em-videbaek-henning-larsen>. Acesso em: 05/2019.

Figura 32 - Circulação externa do museu Pavilhão de Arte em Videbaek



Fonte: ArchDaily

Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/902210/pavilhao-de-arte-em-videbaek-henning-larsen>. Acesso em: 05/2019.

5.1.4 MATRIZ DE ANÁLISE

Tabela 4 - Síntese análise comparativa dos Projetos Referenciais

ATRIBUTO	VARIÁVEIS	PROJETOS REFERENCIAIS		
		PROJETO 01	PROJETO 02	PROJETO 03
ESTRUTURA FÍSICA	Situação Atual	Projeto executado	Projeto executado	Projeto executado
	Localização	Calle 60 Norte, Unidad Revolución Mexico.	Av. Alfredo Lisboa 10 - Recife, PE, 50030-030, Brasil.	Parque Scenic Western Videbæk, na pequena cidade de Videbæk.
	Metragem (m²)	22600,00m²	500,00m²	1130m²
	Partido Arquitetônico	Contemporâneo.	Contemporâneo	Contemplação do verde.
	Ambientes Projetados	Sala de artes, lojas se souvenir, cafeteria, sala de cinema, sala de uso múltiplo entre outros.	Auditório, sala de exposição, sala de exposição sensorial, espaços ao ar livre, entre outros.	Sala de exposição, cafeteria, sala de apresentação, espaço para contemplação entre outra.
	Materiais construtivos	Concreto armado, aço e vidro.	Concreto armado e aço.	Concreto armado e placas de ferro para flutuação.
	Sistema Construtivo	Blocos de concreto com armação de aço estruturas em aço aparente com vidro.	Bloco de concreto com armação de aço.	Armação de concreto.
	Condicionantes ambientais	Preservação da natureza e sustentabilidade	Preservação da natureza e sustentabilidade	Preservação da natureza e sustentabilidade
	Sistema energético	Utiliza placas de energia para ter eficiência energética.	Utilização de brise para economia de energia.	Pavilhão com claraboia e grandes vãos para a entrada de luz natural e obter economia de energia.
	Instalações complementares	Não possui	Não possui	Não possui
	Entorno	Av carr Mérida- Progreso próximo de uma Ag. ADM fiscal	Possui um recife em sua volta junto som alguns galpões.	Grande preservação da natureza.

Apontamentos relevantes

- Projeto 01: Pavilhão de Arte em Videbæk

O Pavilhão de Arte em Videbaek / Henning Larsen auxiliou no modo que a estruturas foram utilizadas a brincadeira fita com os pilares em forma de “V” buscando assim um diferencial para o museu, a utilização dos grandes vãos para trazer a natureza em suas diferentes formas em diferentes épocas do ano, o pavilhão poderia contar com uma disposição melhor da onde foi construído assim poderia ter um maior aproveitamento da sua área flutuante.

➤ **Projeto 02: Museu Cais do Sertão.**

O Museu Cais do Sertão tem como proposta a utilização dos brises como objeto decorativo e funcional deixando o museu inovador e diferente, assim demonstrando ainda mais seus espaços rústicos, o museu poderia ter um maior aproveitamento de suas grandes estruturas, pôs o terraço se torna uma parte perdida do museu sem fim de utilidade.

➤ **Projeto 03: Museu Mundo Maia de Mérida.**

O Grande Museu do Mundo Maia de Mérida oferece seu desempenho em ser um projeto que tem a eficiência energéticas por placas de energia solar buscando assim ser uma edificação sustentável, além de ter várias abertura de entrada de luz natural indiretamente trazendo um conforto e aconchego para quem está dentro do museu, onde possui uma grande diversidades de salas que pode ser utilizadas independente, aumentando assim as satisfação de quem está no museu, sua construção por ser grande se torna um ponto de referência no México. Desta forma, a proposta do projeto de um Museu de História Natural em Chapada dos Guimaraes, terá como parâmetros a utilização de processos construtivos que interajam com a natureza, com objetivo de propiciar conforto térmico, lumínico e acústico, o museu também tomará como partido a inserção de vegetação nativa no interior da edificação, tornando-se um dos atrativos presentes dentro e fora do museu, harmonizando a arquitetura e a paisagem. Ademais, a edificação será em concreto armado, onde há possibilidade de projetar grandes vãos, bem como utilização de aço e vidros, para que os visitantes contemplem o ambiente interno e externo.

6 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Os aspectos metodológicos desta proposta baseiam-se em conceitualização do tema através de pesquisa bibliográfica em materiais já publicados a fim de buscar como a tipologia utilizada pelos museus pode agregar valores para a busca de maior conhecimento tanto na área cultural ou científica.

6.1. UMA PROPOSTA PROJETUAL

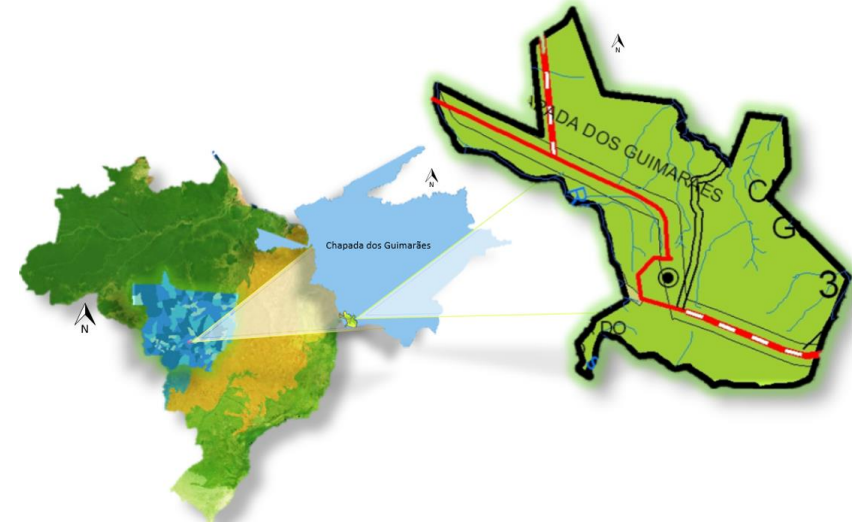
Para definir a proposta do museu de história natural, Primeiramente é necessário analisar vários fatores, como o clima, a topografia, o entorno do local, assim poderá ter uma visão de como poderá ser projetado o museu para prever os melhores aspectos, disposição de fachadas, o nascer do sol e por do sol. Posteriormente será proposto o programa de necessidades, setorização dos ambientes, e pré-dimensionamento levando-se em consideração as normativas pertinentes ao tema proposto.

6.1.1 O OBJETO

O Município de Chapada dos Guimarães localiza-se no estado do Mato Grosso a 65 km do município de Cuiabá, possui um clima mais ameno do que a capital do Mato Grosso, Cuiabá, onde a temperatura pode se aproximar de zero graus centígrados na estação do inverno, e eventualmente podem acontecer geadas (JÚNIOR, MORAES, & PAULA, 2011). De acordo com o censo do IBGE 2010 de Chapada dos Guimarães tem como principal atividade econômica o turismo ecológico, abaixo tabela com dados socioeconômicos do município. Chapada está com índice de desenvolvimento médio (IDH) entre 0,5 e 0,8, a população urbana representa aproximadamente 61% da população do município (JÚNIOR, MORAES, & PAULA, 2011).

De acordo com o censo do IBGE ano de 2010, a população de Chapada dos Guimarães totaliza em 17.821 habitantes, em sua maioria jovens conforme gráfico abaixo;

Mapa 2 - Mapa município de Chapada dos Guimarães



Mapa: Imagem ilustrativa da localização do Município Chapada dos Guimarães no contexto nacional, estadual e municipal.

Adaptação: do autor. Disponível em: Google.6.1.1.2 Dados Socioeconômicos Habitantes.

Gráfico 1 Distribuição da população por sexo.

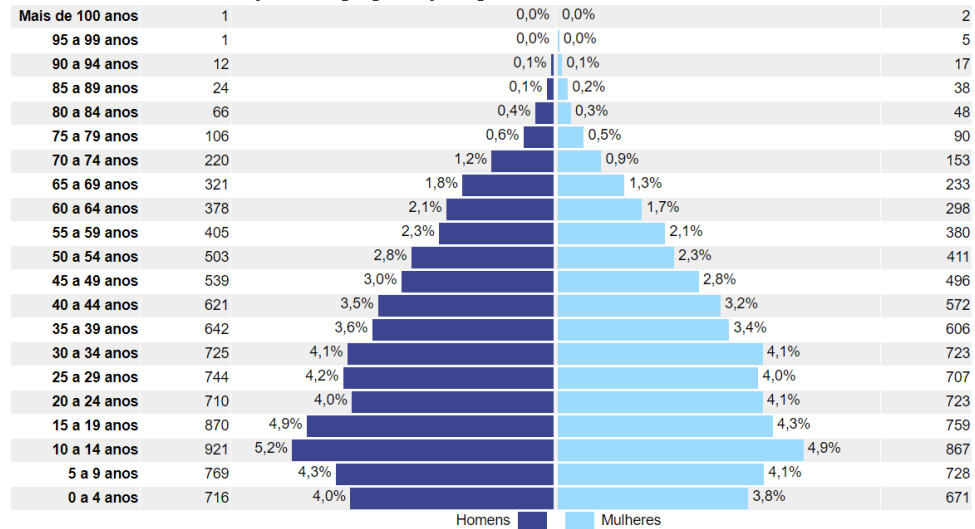


Imagem: Gráfico distribuição da população de acordo com o sexo e idade segundo os grupos de idade em chapada dos Guimarães.

Fonte: IBGE, censo 2010.

Disponível em: < <https://censo2010.ibge.gov.br> >. Acesso em: 09/2019

Gráfico 2 - População residente e domicílios - 1980/2010

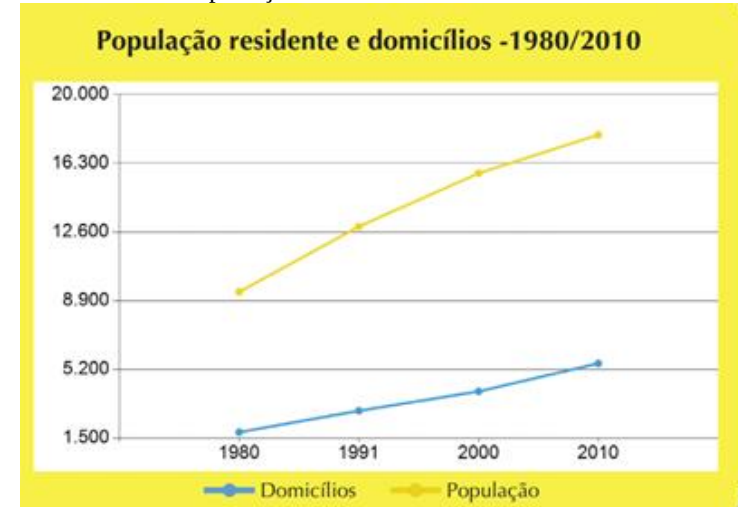


Imagem: Gráfico População residente e domicílios de 1980 a 2010 em chapada dos Guimarães.

Fonte: IBGE, censo 2010.

Disponível em: <<https://ww2.ibge.gov.br>>. Acesso em: 09/2019

No ano de 2017 foi elaborado o PDI (Plano de Desenvolvimento Institucional Integrado de Chapada dos Guimarães), e para compor o estudo do entorno, será apresentado

Gráfico 3 - Projeção do crescimento demográfico.

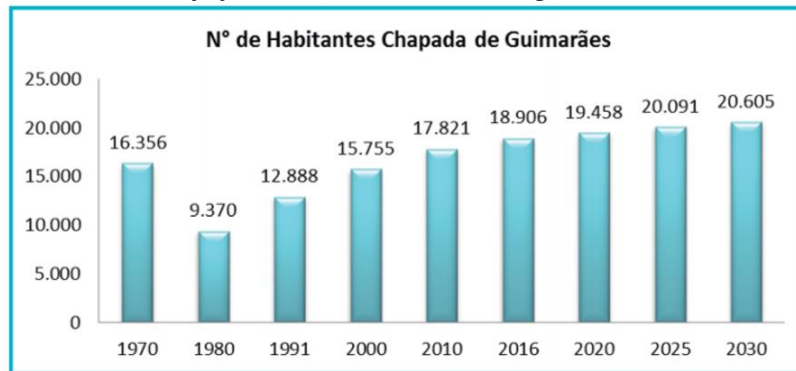


Imagem: Gráfico com projeção de crescimento do município de Chapada dos Guimarães do ano de 1970 a 2030.

Fonte: PDDI, 2017.

Disponível em: <<http://www.chapadadosguimaraes.mt.gov.br>>. Acesso em: 09/2019

diagnósticos de cenários presentes e futuros com projeção até o ano de 2030 .

Tabela 5 - Domicílios e Moradores

Domicílio Particulares	Domicílios particulares e Moradores segundo a situação do domicílio								
	Total	2000		Total	2010		Total	2015	
		Situação do Domicílio			Situação do Domicílio			Situação do Domicílio	
		Urbano	Rural		Urbano	Rural		Urbano	Rural
Domicílios	4010	2432	1580	5538	3390	2139	5852	3662	2190
População	15.755	9.452	6.303	17.824	11.037	6.784	18.725	11.716	7.008
Percentual	100%	60,65	39,40	100%	61,21	38,62	100%	62,58	37,42

Fonte: IBGE, Censos Demográficos. Nota: Dados de 2015 Tabulados pela equipe PMSB, 2016

Fonte: IBGE, Censos Demográficos. Nota: Dados de 2015 Tabulados pela equipe PMSB, 2016

Imagem: Tabela relacionando os domicílios particulares e moradores segundo a situação do domicílio.

Fonte: PDDI, 2017 apud IBGE.

Disponível em: <<http://www.chapadadosguimaraes.mt.gov.br>>. Acesso em: 09/2019

O gráfico 1, demonstra a estimativa populacional elaborada pelos órgãos competentes até o ano de 2030, estes dados foram encaminhados ao TCU (Tribunal de Contas da União), onde a informação é a de que a faixa etária de 20 a 44 anos, concentrará

Após constatação dos índices educacionais, a gestão municipal elaborou programas direcionados a melhorias nos índices apurados.

Gráfico 4 - Taxa de Analfabetismo

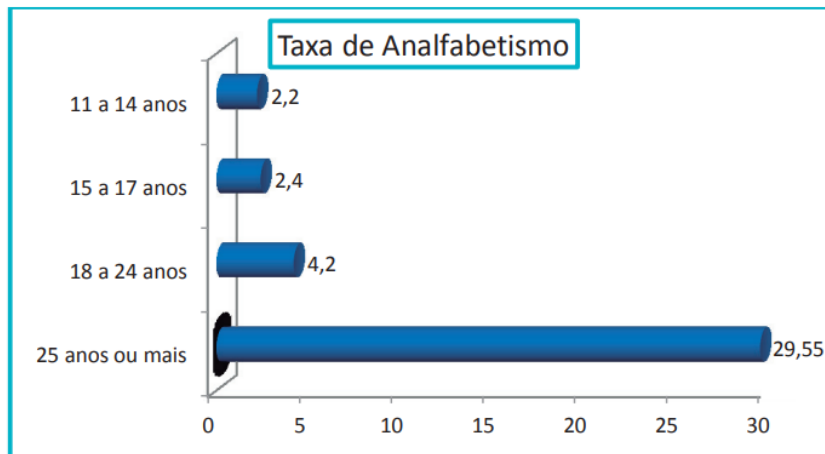


Imagem: Gráfico com taxa de analfabetismo.

Fonte: PDDI, 2017.

Disponível em: < <http://www.chapadadosguimaraes.mt.gov.br>>. Acesso em: 09/2019

37,99% da população no ano de 2030. Em relação a tabela 5, evidencia-se que até o ano de 2015 pouco mais de 60% das moradias concentravam-se na área urbana. (PREFEITURA CHAPADA DOS GUIMARÃES, 2017). 6.1.1.3 Educação

Tabela 6 - Índices de matrículas nas Escolas Municipais

Escolas Municipais				
Ano	Matriculados	Aprovados	Transferido	Deixou de frequentar
2014	1938	1406	199	30
2015	2311	1861	158	32
2016	2359	1948	201	15

Imagem: Tabela com recorte temporal dos alunos matriculados e desistentes. Fonte: PDDI, 2017

Disponível em: < <http://www.chapadadosguimaraes.mt.gov.br>>. Acesso em: 09/2019

Tabela 7 - População Alfabetizada no Município

GRAU DE ALFABETIZAÇÃO MUNICÍPIO DE CHAPADA DOS GUIMARÃES				
Pessoas com 15 anos ou mais de idade	I Pessoas com 15 anos ou mais de idade NÃO ALFABETIZADAS	qtdA PARA ALFABETIZAR	II Pessoas com 15 anos ou mais de idade MATRICULADOS	II %
8.906 POPULAÇÃO ATUA	1.668	1273	265 Matriculados na rede Municipal em 2017.	

Fonte: IBGE, 2010.

MATRICULADOS: Projeto Muxirum, parceria com o Governo do Estado, 2017.

Imagem: Tabela com números atualizados até o ano de 2017 com números da população analfabeta.

Fonte: PDDI, 2017

Disponível em: < <http://www.chapadadosguimaraes.mt.gov.br>>. Acesso em: 09/2019

A fim de mitigar estes números, a gestão umnicipal elaborou um programa para garantir a melhoria do ensino no município, dentre eles: Proficiência no Ensino Fundamental direcionando aos anos Iniciais; elevar para 60% a proporção de alunos que aprenderam adequadamente; implantação de cursos e oficinas voltados para os educadores; fortalecimento e o acompanhamento de aprendizagem; criação de oficinas de ensino e aprendizagem para pais com ações e projetos em cada unidade escolar. (PREFEITURA CHAPADA DOS GUIMARÃES, 2017).

6.1.1.4 Saúde

Gráfico 5 - Taxa de Mortalidade Infantil

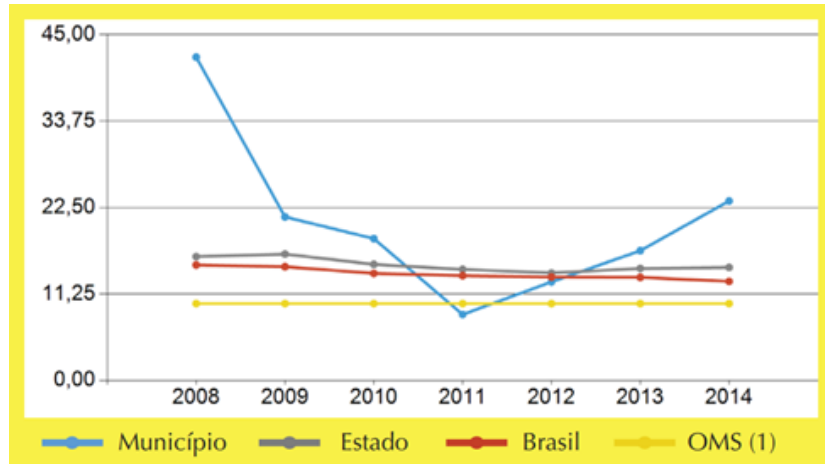


Imagem: Gráfico taxa de mortalidade infantil anos 2008 a 2014 em chapada dos Guimarães. (OMS (1). Valor considerado aceitável pela Organização Mundial da Saúde - OMS

Fonte: IBGE, apud Ministério da Saúde, Datasus 2008-2014

Disponível em: <<https://ww2.ibge.gov.br>>. Acesso em: 09/2019

Gráfico 6 - Notificação de dengue registradas

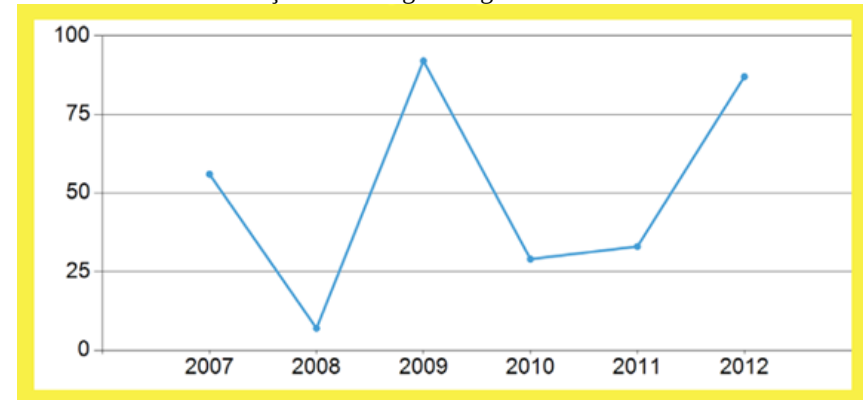


Imagem: Gráfico de notificações de casos de dengue registradas anos 2007 a 2012 em chapada dos Guimarães.

Fonte: IBGE, apud Ministério da Saúde, Datasus 2007-2012

Disponível em: <<https://ww2.ibge.gov.br>>. Acesso em: 09/2019

Analisando os dois gráficos, observa-se que a taxa de mortalidade infantil está diretamente proporcional aos números de notificações de casos de dengue no município. De acordo com o censo do IBGE (2010);

O município está entre as regiões consideradas de médio desenvolvimento humano (IDH entre 0,5 e 0,8). Os indicadores utilizados para se calcular o IDH são: a esperança de vida ao nascer, o nível educacional e a renda per capita. Atualmente a população urbana representa aproximadamente 61 % da população do Município. (IBGE, 2010) Informação evidenciada através dos dados de índice de desenvolvimento humano levantado no Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento - PNUD -2013.

Gráfico 7 - Índice de Desenvolvimento Humano

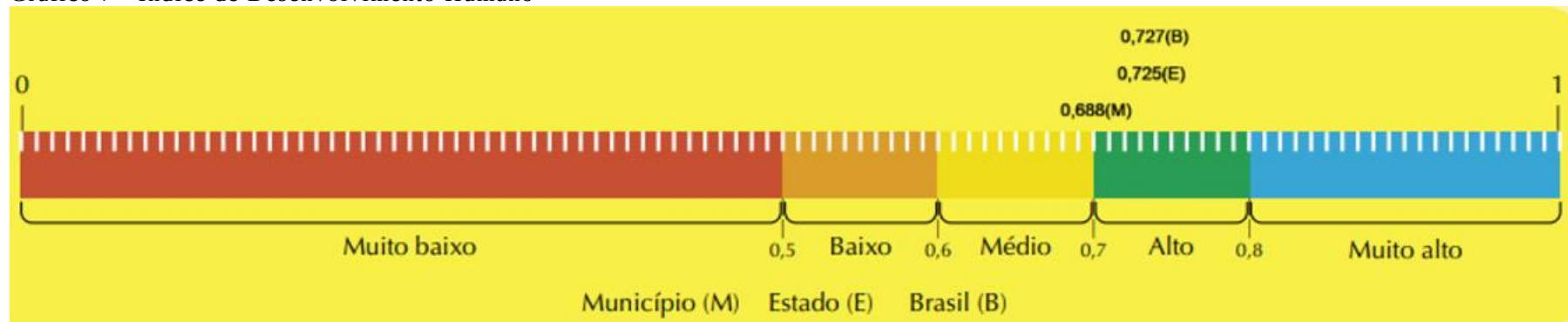


Imagem: IDH de Chapada dos Guimarães.

Fonte: IBGE, apud Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento – PNUD 2013.

Disponível em: <<https://ww2.ibge.gov.br>>. Acesso em: 09/2019.

6.1.1.5 Resíduos Sólidos

Em relação ao serviço público de coleta de resíduos sólidos, a administração pública pretende elevar o atendimento bem como a destinação adequada até o ano de 2029 para 100% dos resíduos coletados, com as seguintes estratégias: Fortalecimento de parcerias com empresas/instituições locais promotoras do serviço, acompanhamento da aprovação do Plano Municipal de Saneamento Básico do Município de Chapada dos Guimarães, melhorias operacionais, nos serviços de coleta seletiva, disposição final ambientalmente adequada dos rejeitos

gerados, reaproveitamento dos resíduos orgânicos, planejamento da infraestrutura de manejo de resíduos sólidos na área rural (PREFEITURA CHAPADA DOS GUIMARÃES, 2017).

Tabela 8 - Coleta de Resíduos sólidos – cobertura de 30% no ano de 2016.

META DE LONGO PRAZO PLANO ESTRATÉGICO				HISTÓRICO		METAS			
8.5	Elevar de 30,0% para 100% a destinação adequada dos resíduos sólidos, até 2029.	Curto Prazo	Médio Prazo			Longo Prazo			
		2013	2014			2015	2016	2017	2018
				30	40%	50%	70%	100%	

Imagem: Tabela com índices de coleta de resíduos sólidos a partir do ano de 2016, com meta até o ano de 2029.

Fonte: PDDI, 2017 apud IBGE.

Disponível em: <<http://www.chapadadosguimaraes.mt.gov.br>>. Acesso em: 09/2019.6.1.1.6 Esgotamento Sanitário; Drenagem Urbana; Pavimentação.

Com planos para expansão do atendimento nos serviços de esgotamento sanitário, a administração pública pretende alcançar de 6% no ano de 2016 para 60% até o ano de 2029, com as ações mitigadoras: Implantação e ampliação do sistema de esgotamento sanitário, controle do sistema de esgotamento bem como a do corpo receptor, melhoramento dos sistemas, adequação dos sistemas alternativos de esgotamento na área rural. (PREFEITURA CHAPADA DOS GUIMARÃES, 2017).

Tabela 9 - Esgotamento sanitário – cobertura de 6% no ano de 2016.

META DE LONGO PRAZO PLANO ESTRATÉGICO		HISTÓRICO				METAS			
6.4	Elevar de 6% para 60 % a área coberta com tratamento de esgotamento sanitário até 2029.					Curto Prazo		Médio Prazo	Longo Prazo
						2013	2014	2015	2016
		-	-	-	6%	7%	10%	20%	60%

Imagem: Tabela com índices esgotamento sanitário, do ano de 2016 com atendimento de 6%, com meta até o ano de 2029.

Fonte: PDDI, 2017 apud IBGE. Disponível em: <<http://www.chapadadosguimaraes.mt.gov.br>>. Acesso em: 09/2019

Tabela 10 - Drenagem Urbana - cobertura de 56,5% no ano de 2016

META DE LONGO PRAZO PLANO ESTRATÉGICO		HISTÓRICO				METAS			
6.5	Elevar de 56,5 o percentual para 100 por cento a cobertura do sistema de drenagem urbana.					Curto Prazo		Médio Prazo	Longo Prazo
						2013	2014	2015	2016
		-	-	-	56,5	60	65	80	100

Imagem: Tabela com índices esgotamento sanitário, do ano de 2016 com atendimento de 6%, com meta até o ano de 2029.

Fonte: PDDI, 2017 apud Sistema de Abastecimento de Água e Esgoto - SAAE.

Disponível em: <<http://www.chapadadosguimaraes.mt.gov.br>>. Acesso em: 09/2019

Avaliar a cobertura do sistema de drenagem em relação ao sistema viário existente no município face às metas estabelecidas no PMSB.

Tabela 11 - Vias pavimentadas - 120km no ano de 2016

META DE LONGO PRAZO PLANO ESTRATÉGICO		HISTÓRICO				METAS			
8.4	Elevar de 120 km para 175 km de vias urbanas pavimentadas, até 2029.					Curto Prazo		Médio Prazo	Longo Prazo
						2017	2018	2021	2029
		2013	2014	2015	2016	2017	2018	2021	2029
					120 KM	125 km	130 km	140 km	175 km

Imagem: Tabela com índices vias pavimentadas, do ano de 2016 com atendimento de 6%, com meta até o ano de 2029.

Fonte: PDDI, 2017 apud Secretaria de Obras e Serviços Urbanos.

Disponível em: <<http://www.chapadadosguimaraes.mt.gov.br>>. Acesso em: 09/2019

Os problemas indicados correspondem a 19% de alagamento; 6% inundações. Dados do PMSB, 2016. Em relação a galeria de água 56% afirmam que não possui em sua rua. Em relação a limpeza o mesmo percentual afirma que não acontece (PREFEITURA CHAPADA DOS GUIMARÃES, 2017).6.1.1.7 Cultura.

A administração pública, pretende elevar o número de habitantes que participam de eventos culturais na cidade, o intento faz parte do PDI ano de 2017, onde explana que;

A interlocução com a sociedade será resultado do funcionamento do Conselho de Políticas Culturais., Fundo Municipal de Cultura e Secretaria Municipal de Turismo, Cultura e Meio Ambiente que em parceria, e com a representação da sociedade em ambas as instituições, oportunizarão ao poder público a responder positivamente aos anseios e necessidades da população, dando sustentabilidade aos que vivem da cultura, e levando conhecimento, oportunidades e participação aos que usufruem das ações culturais.

Tabela 12 - Plano estratégico para elevar o índice de participação em eventos culturais

META DE LONGO PRAZO PLANO ESTRATÉGICO		HISTÓRICO				METAS			
8.3	Elevar de 30 para 70 o percentual de participantes de atividades culturais até 2029.					Curto Prazo		Médio Prazo	Longo Prazo
						2014	2015	2016	2017
					30	35	40	50	70
OBS.	A interlocução com a sociedade será resultado do funcionamento do Conselho de Políticas Culturais., Fundo Municipal de Cultura e Secretaria Municipal de Turismo, Cultura e Meio Ambiente que em parceria, e com a representação da sociedade em ambas as instituições, oportunizarão ao poder público a responder positivamente aos anseios e necessidades da população, dando sustentabilidade aos que vivem da cultura, e levando conhecimento, oportunidades e participação aos que usufruem das ações culturais.								

Imagem: Tabela com índices participantes de atividades culturais, do ano de 2017.

Fonte: PDDI, 2017 apud Secretaria Municipal de Turismo, Cultura e Meio Ambiente.

Disponível em: <<http://www.chapadadosguimaraes.mt.gov.br>>. Acesso em: 09/2019

Desta feita, administração pública pretende realizar alianças que visam consolidar a meta estipulada até o ano de 2029.6.1.2.

7 CONCEITO ESTRUTURANTE

O que estruturou o desenvolvimento da proposta foi a utilização do lugar escolhido como um marco histórico, onde sua estrutura foi planejada para ser sólida e grandiosa, feita de tijolo com armação de aço estruturas em aço aparente com vidro, assim a natureza não só esta presente dentro do museu como fora também, foram criados três mirantes para que possa ser vista toda a beleza que Chapada dos Guimarães, sendo assim o museu pode se tornar um ponto turístico.

Figura 33 Estruturas

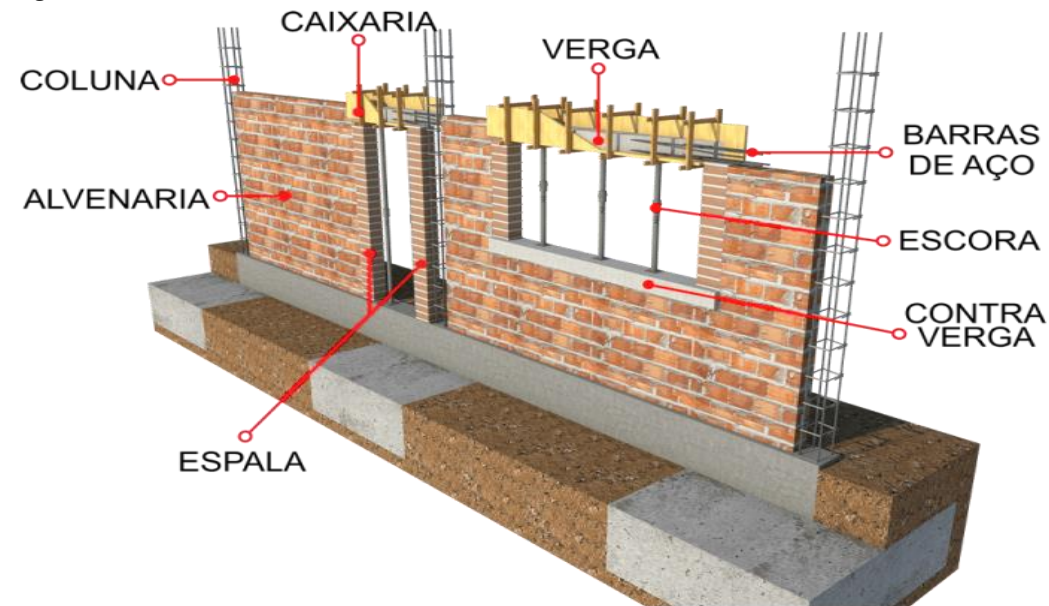


Imagem: Demonstração Da Estrutura Projetada .
Fonte: Acervo Próprio.

7.1 ESTUDO DO ENTORNO

O terreno escolhido para implantação do empreendimento, localiza-se na Zona Residencial 2 – ZR2, contudo, conforme mapa do entorno no raio de influência de 1km, existem vários comércios (pousadas, restaurantes, bares) voltados para o turismo.

Mapa 3 - Área de Influência no Entorno - 1Km

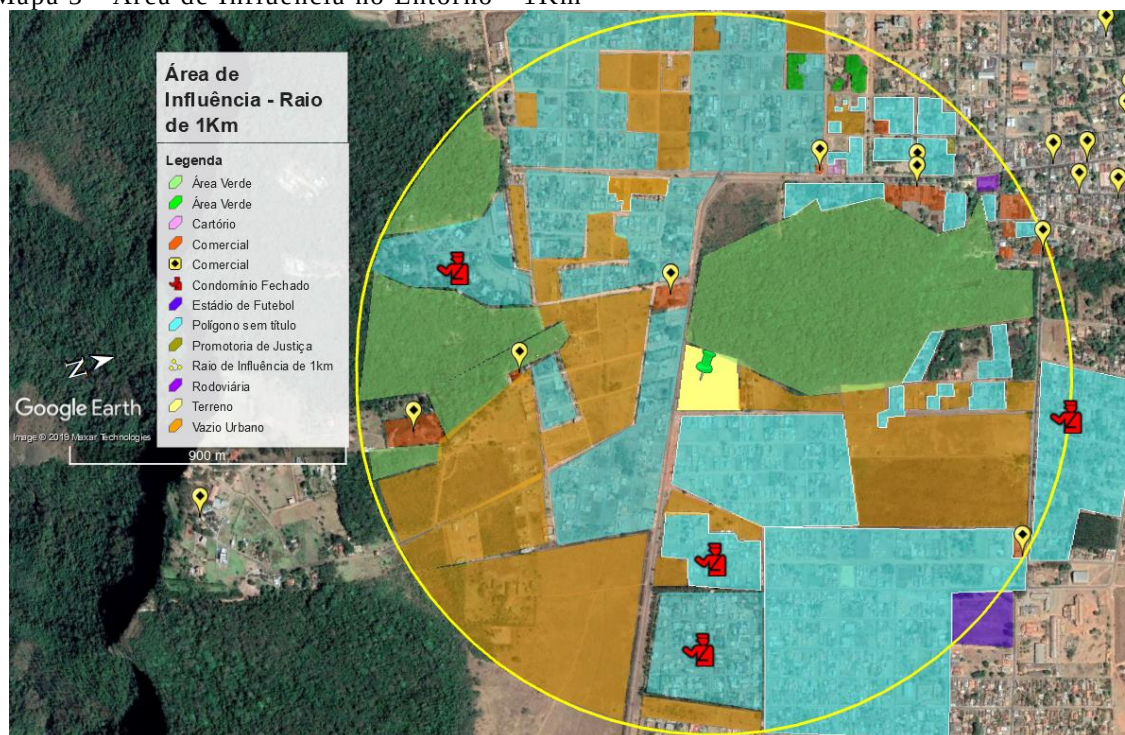


Imagem: Mapa área de influência do entorno, raio de 1km.

Fonte: Google Earth. Adaptado pelo autor..

7.2 ZONEAMENTO

A edificação será instalada no zoneamento ZR2 – Zona Residencial 2, conforme mapa abaixo.

Mapa 4 - Zoneamento

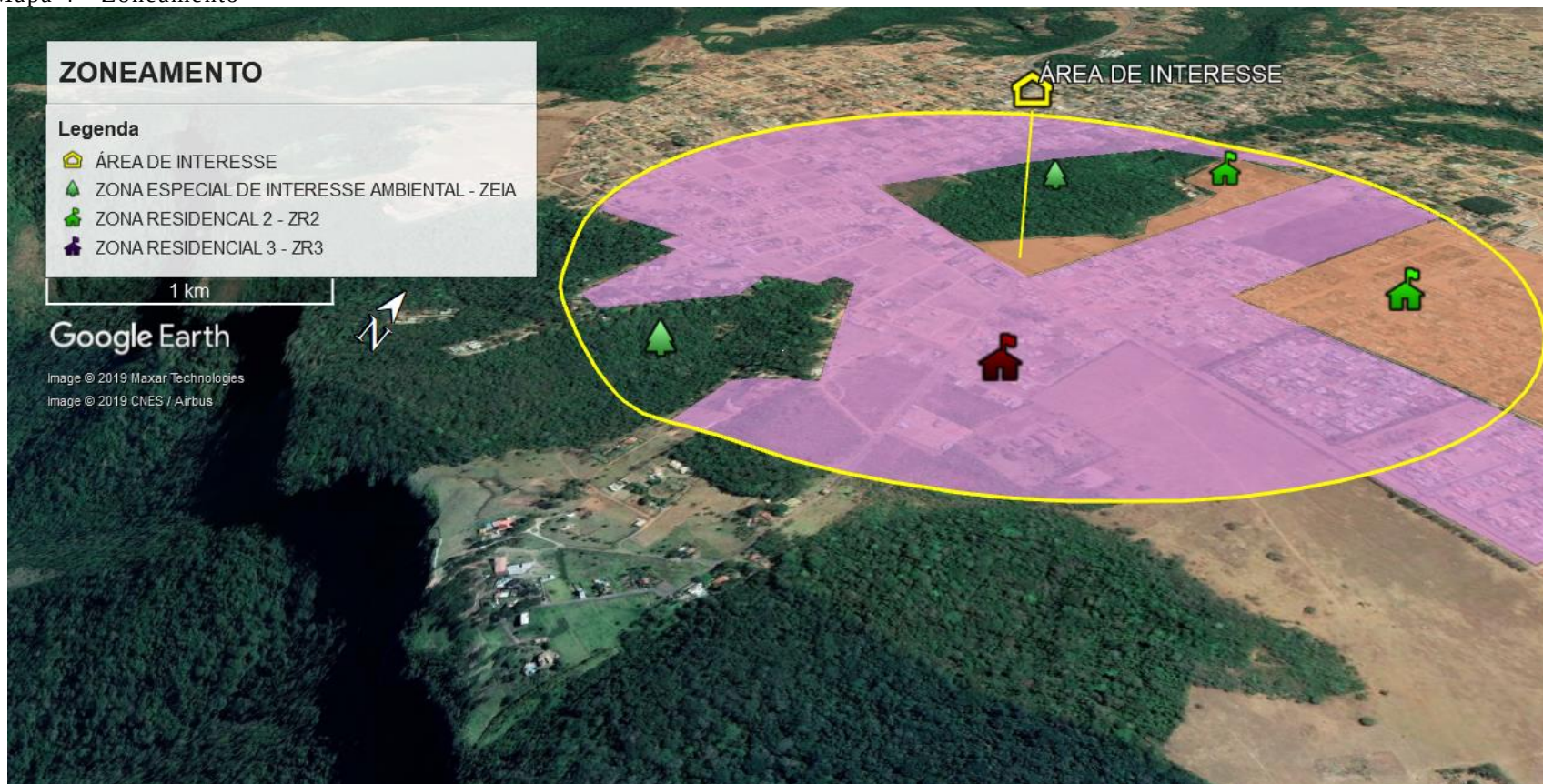


Imagem: Mapa Zoneamento, raio de 1km.

Fonte: Google Prefeitura Earth. Adaptado pelo autor

7.3 HIERARQUIZAÇÃO VIÁRIA

Mapa 5 - Hierarquização viária

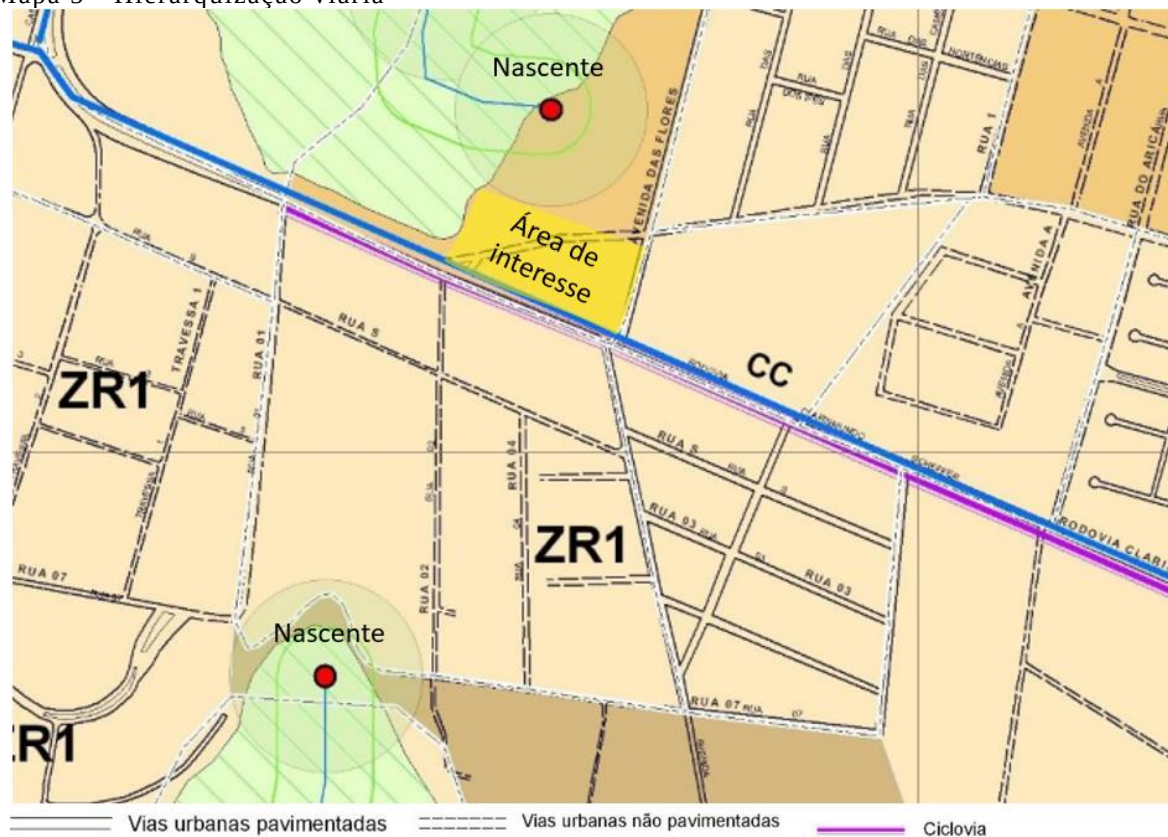


Imagem: Mapa hierarquização viária Chapada dos Guimarães.

Fonte: Prefeitura Municipal de Chapada dos Guimarães.

Disponível em: <<http://www.chapadadosguimaraes.mt.gov.br>>. Acesso em: 09/2019

8 SETORES DE INTERVENÇÃO

O terreno possui uma área total de aproximadamente 28.510,25 mil m², que será toda ocupada para o projeto do Museu de História Natural. A menor parcela será destinada a edificação e a maior parte para áreas de vegetação pertinente no terreno, onde foi proposto uma elevação da vegetação no terreno, aumentando a contemplação da natureza, vista principalmente por todos os mirantes proposto a edificação, seu formato grande e exuberante foi proposital para que chamasse a atenção de quem passasse na BR principal de Chapada dos Guimaraes.

Figura 34 Proposta



Imagem: Antes e Depois da Implantação.
Fonte: InfraWorks 2019

8.1 TOPOGRAFIA.

O terreno apresenta topográfica com leve declividade, variando de dois metros, na curva de nível 828m e 826m.

Mapa 6 - Mapa hipsométrico do terreno e do entorno

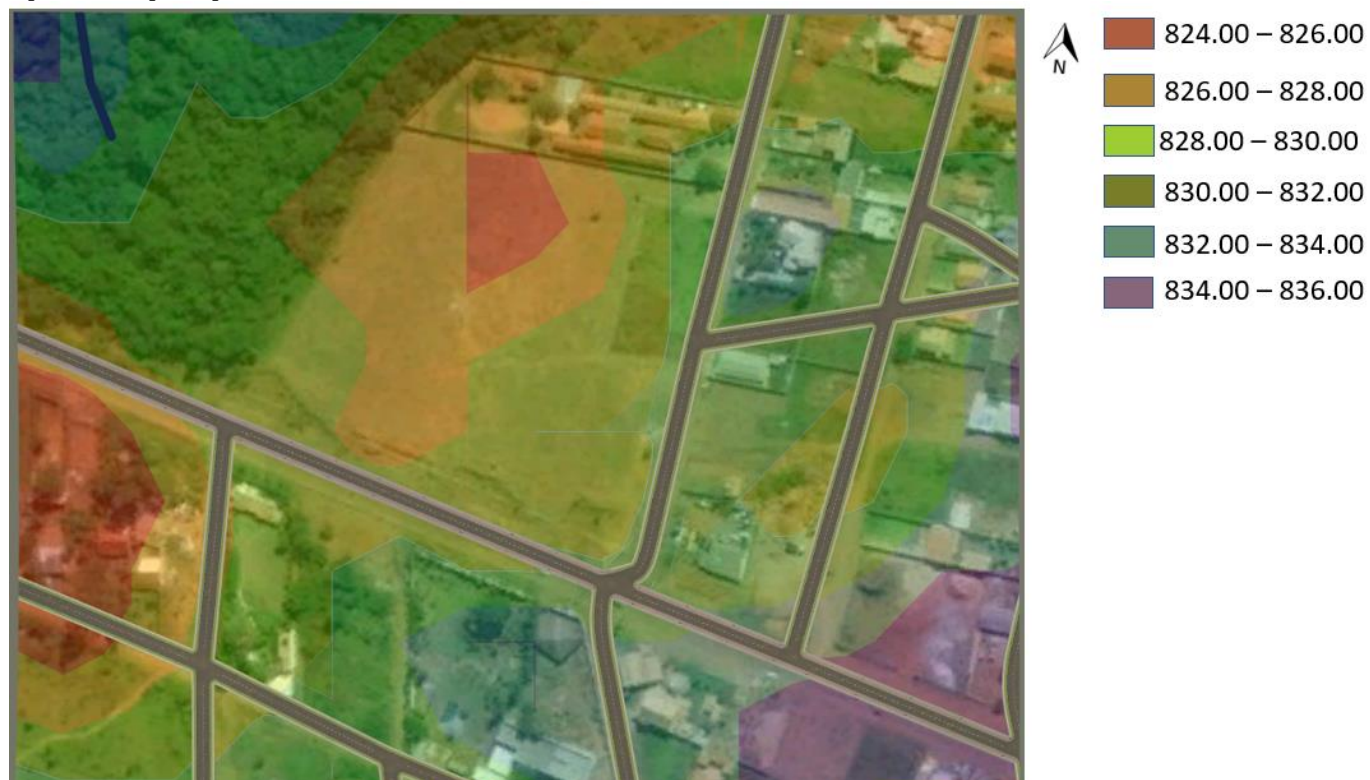


Imagem: Mapa hipsométrico da área de interesse e do entorno.
Fonte: InfraWorks 2019

8.1.1 SOLO

A região da Chapada dos Guimarães está inserida no relevo Planalto de Guimarães, com característica que variam de relevo de cuesta¹⁶ reconhecidos da base para o topo: com rochas sedimentares da Bacia do Paraná; fcoberturas detrito-lateríticas e aluviões recentes. (JÚNIOR, MORAES, & PAULA, Geoparque Chapada dos Guimarães (MT) - proposta - Volume I, 2011).

¹⁶ Uma forma de relevo em que colinas e montes têm um declive não simétrico, ou seja, suave de um lado e íngreme do outro.

8.3 CLIMA

Com altitude que atinge mais de 800 m, e com um relevo íngreme da borda, são fatores determinantes que favorecem o clima ameno, conforme;

No início da primavera começa o período chuvoso que se estende até o início de abril, que é o período onde começa a esquentar. A partir deste período, no outono, começa o período de estiagem, que se intensifica durante o inverno, onde ocorrem as incursões polares mais significativas. Raramente há ocorrências de geadas e temperaturas negativas. A menor temperatura registrada na Chapada dos Guimarães foi de $(-)^4^{\circ}$ no dia 18 de julho de 1975. (VIEIRA JÚNIOR, MORAES, & PAULA, 2012, p. 286).

As temperaturas anuais variam de $21,5^{\circ}$ em Chapada, em contrapartida na Baixada Cuiabana, a temperatura média ultrapassa 25° . (VIEIRA JÚNIOR, MORAES, & PAULA, 2012)

Tabela 13 - Dados Climatológicos

Latitude: 15° 28' 8" S		Longitude: 55° 43' 44" W	
Mês	T média/mín(°C)	T média/máx. (°C)	P (mm)/média
Jan.	24	32	336,1
Fev.	24	32	347,2
Mar.	24	32	292,8
Abr.	23	33	183,1
Mai	21	32	89,4
Jun.	18	31	32,7
Jul.	17	31	29,1
Ago.	19	34	21,1
Set.	21	34	88,5
Out.	23	34	185,5
Nov.	24	33	249,8
Dez.	24	32	332,6

Imagem: Tabela com dados climatológicos de Chapada dos Guimarães,

Fonte: Geoparque Chapada dos Guimarães Vol I, p. 286

Disponível em: <<http://rigeo.cprm.gov.br>>. Acesso em: 09/201

8.3.1 VEGETAÇÃO

O cerrado caracteriza-se pela presença de apenas dois estratos arbustivo de 1 a 4 m e herbáceo, também denominada savana devido a composição por gramíneas¹⁷ e ciperáceas¹⁸, entremeadas por acantáceas¹⁹, genitáceas²⁰ e convolvuláceas²¹. O Campo cerrado rupestre ocorre acima de 800 m de altitude, a vegetação não ultrapassa 1 m de altura e abrange, principalmente, as famílias Eriocaulaceae²², (VIEIRA JÚNIOR, MORAES, & PAULA, 2012 apud ICMBio, 2009).

A mata seca semidecídua (peroba, jacareúba e jatobá), se caracteriza como uma mata de encosta ou interflúvio e está associada às áreas das cabeceiras dos rios perenes, como o Coxipó e o Aricá e a áreas de relevo acidentado, chegando aos sopés das morrarias, com altitudes médias de 300 m, formada por árvores de 20 m de altura, a 30 m, constituindo, tipicamente, existem árvores da Floresta Amazônica, como guanandi (*Calophyllum brasiliense*), copaíba-vermelha (*Copaifera langsdorffii*) e jatobá (*Hymenaea* spp.), além de palmeiras como buriti (*Mauritia flexuosa*) e babaçu (*Attalea speciosa*).

¹⁷ As gramíneas são plantas que se caracterizam em geral como ervas monocotiledôneas de pequeno porte, podem ser anuais ou perenes, rizomatosa ou estolonífera, com caule em geral oco e articulado por nós sólidos, raramente ramificado e mais ou menos lenhoso, folhas lineares, sésseis, com lígula e bainha enrolada em redor do caule, raízes geralmente fasciculares e flores na maioria das espécies, cachos e partículas simples ou compostas por espiguetas.

¹⁸ É uma família composta por ervas, em geral rizomatosas com caules triangulares em secção transversal, com frequência sem folhas acima da base. São plantas herbáceas podendo ser perenes e graminiformes.

¹⁹ Acanthaceae é uma família de plantas angiospérmicas (plantas com flor - divisão Magnoliophyta), pertencente à ordem Lamiales.

²⁰ Família de gimnospérmicas que se distribuem por um único género (*Gnetum*) e por cerca de 40 espécies. São geralmente plantas trepadoras ou, com menos frequência, árvores ou arbustos. As Gnetáceas (*Gnetaceae*) encontram-se em regiões tropicais e subtropicais

²¹ é considerada cosmopolita com numerosas espécies nos trópicos e poucas nas zonas temperadas (Austin & Cavalcante 1982, Staples 2012), representada por 60 gêneros e cerca de 1.900 espécies (Cheek & Simão-Bianchini 2013, Buriel et al. 2015, Simões & Staples 2017, Athiê-Souza et al

²² Eriocaulaceae é uma família de plantas floríferas pertencente à ordem Poales. As espécies do género estão amplamente distribuídas, principalmente nas regiões tropicais da América do Sul. Poucas espécies são encontradas em regiões temperadas.

9 PARTIDO ARQUITETÔNICO

Figura 35 Primeiro partido arquitetônico

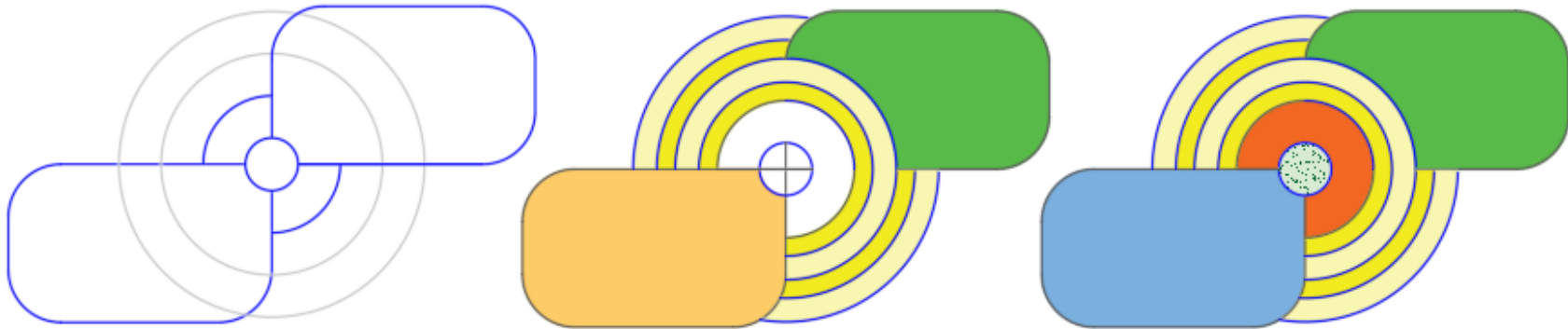


Imagem: Partido.

Fonte: Acervo Propio

9.1 PARTIDO ADOTADO PARA A IMPLANTAÇÃO

A elaboração da proposta levou em consideração onde foi a escolha do terreno pois o terreno tem uma ótima localização pois esta despojado de uma BR que corta Chapada dos Guimarães ao meio deixando assim o museu mais visível a população, onde o museu foi colocado de forma que ficasse destinado a sua fachada para frente da BR e AV que se cruzão, onde parte de sua edificação foi planejada para ser mirantes que podera servir de contenplação do verde em sua volta por o museu possui uma grande altura, onde mostras toda a beleza que existe em Chapada dos Guimarães.

Figura 36 Planta de Implantação



Imagem: ImPlantação museu.

Fonte: Acervo Propio

9.2 PARTIDO ADOTADO PARA A EDIFICAÇÃO

A definição do partido a ser utilizado na edificação, foi a criação de grandes salões que são ligados entre-si por rampas em forma circular que serve de exposição de obra enquanto tem a mudança de pavimento trazendo mais interação dos visitantes com a edificação, com toda sua forma mais fechada e proposital para que as pessoas estejam dentro da edificação, não se distraia com o que está em sua volta trazendo assim uma maior comunicação com os acervos depositados no museu, diacodado com que os visitantes vão subindo para os demais pavimentos vai contando assim uma nova história cronológica dos acervos pertencentes ao museu. A arquitetura empregada na proposta foi caracterizada pela simplicidade da forma, porém com a essência pautada pelo Compromisso de oferecer tudo que um museu necessita para que tenha conforto, qualidade e com a intenção de se tornar um marco referencial no contexto urbano da cidade, de Chapada dos Guimarães.

Figura 37 Perspectiva da fachada leste em destaque o pergolado



Imagem: Volumetria da Implantação.
Fonte: Acervo Próprio

10 PROGRAMA DE NECESSIDADES / PRÉ-DIMENSIONAMENTO

Para elaborar o programa de necessidades de acordo com os setores e o pré-dimensionamento de suas respectivas áreas,

Tabela 14 Pré-dimensionamento

Pré Dimensionamento					
Setor	Ambiente	Quantidade	Capacidade/Pessoas	Area (M²)	Total (M²)
ADMINISTRATIVO	Bilheteria	1	2	13,59	13,59
	Hall Bilheteria	1	71	85,58	85,58
	Recepção	1	2	13,27	13,27
	Guarda Volume	1	1	17,27	17,27
	Achados e Perdidos	1	1	10,5	10,5
	WC Func./ PCD	1	1	9	9
	WC Adm/Mas./PCD	1	1	6	6
	WC Adm/Mas./PCD	1	1	6	6
	Recepção/ADM	1	18	27	27
	Sala de Apoio ADM	2	2	9	18
	Diretoria	1	2	17,27	17,27
	Recepção/Diretoria	1	1	10	10
	Arquivo	1	1	13,58	13,58
	Tec. Segurança	1	2	14,57	14,57
	Cuidadoria	1	2	17,17	17,17
	Sala de Reunião	1	20	30	30
	Almoxarifado	1	1	17,5	17,5
	DML	2	1	6	12
	Dep./Limpeza	1	1	6	6
	Fraldário	1	2	5	5
	Vestiário Fem.	1	8	50	50
	Vestiário Mas.	1	8	50	50
	Total				449,3
	Area Util 30%				134,79
	Total				584,09

Imagem: Pré Dimensionamento Administrativo.

Fonte: Acervo Próprio

Tabela 16 - Pré Dimensionamento

utilizou-se as normas que se refere de museu sobre os espaços físicos, de todos os ambientes.

Tabela 15 - Pré Dimensionamento

Pré Dimensionamento					
Setor	Ambiente	Quantidade	Capacidade/Pessoas	Area (M²)	Total (M²)
Serviços	Acervo tec.	1	1	24,34	24,34
	Acervo Temporário	1	1	43,03	43,03
	Acervo Permanente	1	1	61,3	61,3
	Acervo Restrito	1	1	46,3	46,3
	Guarda de Coleção p Trans.	1	3	84,3	84,3
	Rec. Acervo/Inspeção	1	2	41,51	41,51
	Sala de Conservação/ Restauro	1	6	71,3	71,3
	Lab. Documento	1	1	9,34	9,34
	Cozinha	1	3	26	26
	Refeitório	1	24	51,33	51,33
	WC Doca/ Mas.	1	5	16,49	16,49
	Doca	1	5	233	233
	WC Doca/ Fem.	1	5	16,49	16,49
	DML/DOCA	1	6	30	30
	Lanchonete	1	3	35,05	35,05
	Cozinha Lanchonete	1	3	27,08	27,08
	Preparo/Lanchonete	1	2	20	20
	Dispensa/Lanchote	1	1	8	8
	Loja Comercial	3	1	10,5	31,5
	Loja Comercial	2	1	13,05	26,1
	WC Fem./PCD	1	6	27,08	27,08
	WC Mas./PCD	1	5	27,08	27,08
	Fraldário	1	2	6	6
	Sala de Maquinas	1	2	41	41
	Cental de Gás	1	-	4	4
	Estacionamento	1	144	2.700	2700
	Total				3707,62
	Area Util 30%				1112,286
	Total				4819,906

Imagem: Pré Dimensionamento Serviços.

Fonte: Acervo Próprio

Pré Dimensionamento					
Setor	Ambiente	Quantidade	Capacidade/Pessoas	Area (M²)	Total (M²)
SETOR PEDAGÓGICO	Sala Audio Visual	1	123	185	185
	Anfiteatro	1	56	84,31	84,31
	Exposição	4	-	60,16	240,64
	WC. Mas./PCD	4	8	43	172
	WC. Fem./PCD	4	8	43	172
	Sala Midia Tec.	1	40	60	60
	Acervo de Leitura	1	112	168	168
	Sala de Pesquisa	1	20	60	60
	DML	1	4	24	24
	Sala de WorkShop	1	200	301	301
	Laboratório Pesquisa	1	30	86	86
	Total				1552,95
				Area Util 30%	465,885
				Total	2018,835

Imagem: Pré Dimensionamento setor Pedagógico.
 Fonte: Acervo Próprio.Tabela.

Tabela 17 - Pré Dimensionamento

Pré Dimensionamento					
Setor	Ambiente	Quantidade	Capacidade/Pessoas	Area (M²)	Total (M²)
VIVENCIA		1	123	185	185
	Hall/ Audio visual	1	90	151	151
	Sala apoio Audio Visual	1	3	25,03	25,03
	Deposito Audio Visual	1	1	60,23	60,23
	Exposição	4	-	60,16	240,64
	WC. Mas./PCD	4	8	43	172
	WC. Fem./PCD	4	8	43	172
	Fraldário	2	2	5	10
	Exposição/Permanete	1	370	1218	1218
	Exposição/Temporária	1	120	588	588
	DML	1	4	24	24
	Deposito/DML	1	1	25	25
	Mirante	3	480	723	2169
				Total	5039,9
				Area Util 30%	1511,97
				Total	6551,87

Imagem: Pré Dimensionamento Vivencia.

Fonte: Acervo Próprio.

10.1 ORGANOGRAMA E FLUXOGRAMA

Com a definição do programa de necessidades e pré-dimensionamento foi possível estudar os fluxos e organização dos setores, delimitando os acessos e circulações tanto públicas quanto as restritas.

Figura 38 Fluxograma

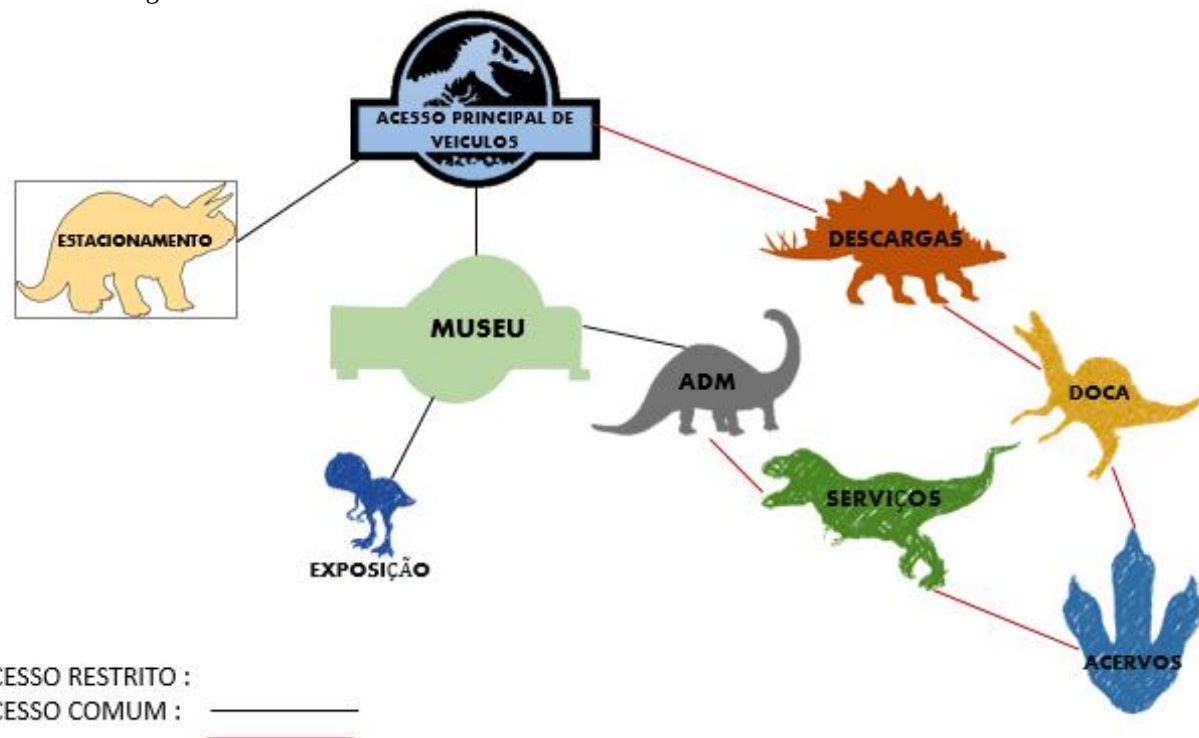


Imagem: Fluxograma Museu .
Fonte: Acervo Próprio

11 SETORIZAÇÃO

Figura 39 Setorização museu

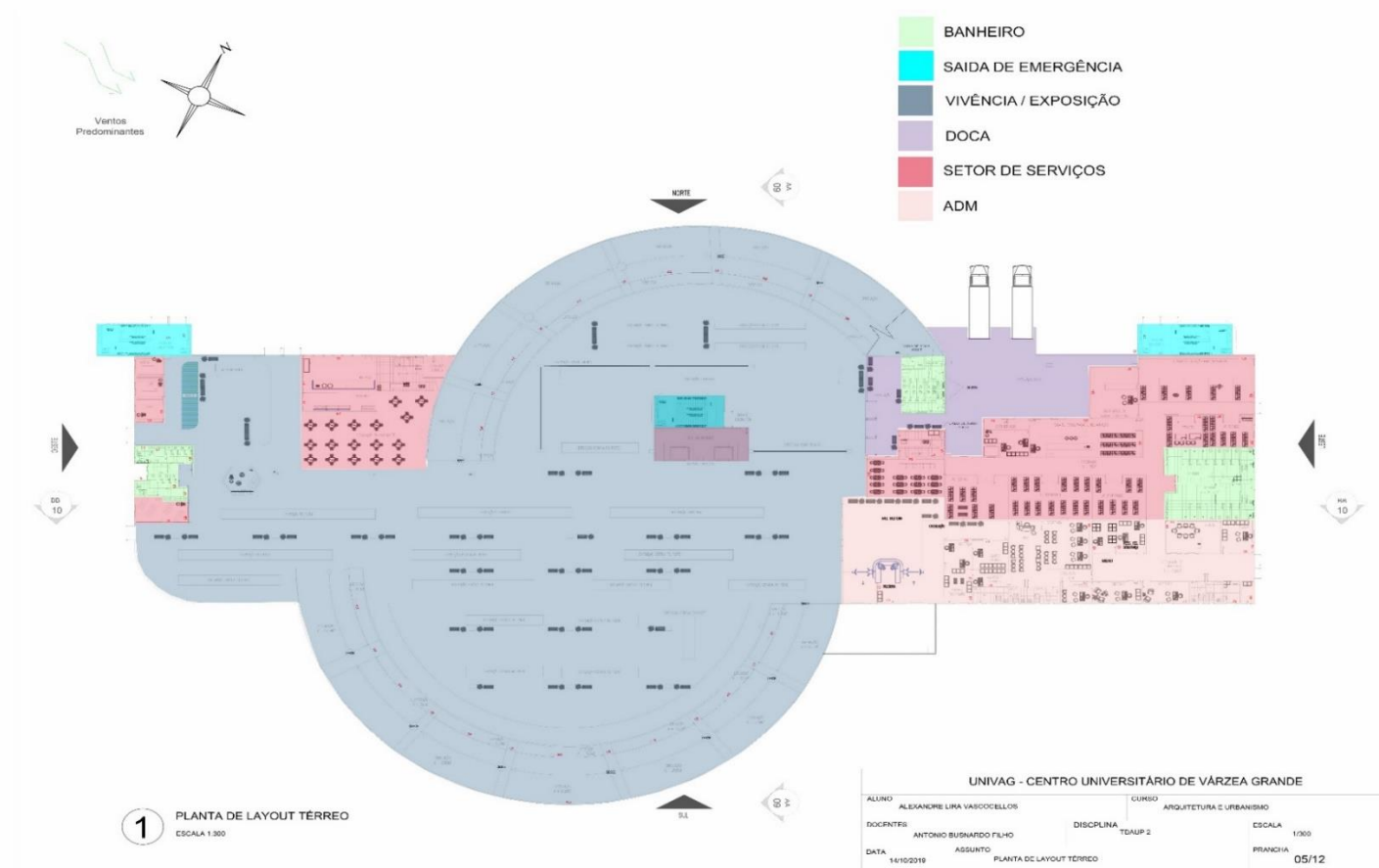


Imagem: Setorização Museu Térreo.
Fonte: Acervo Próprio

Figura 40 Setorização

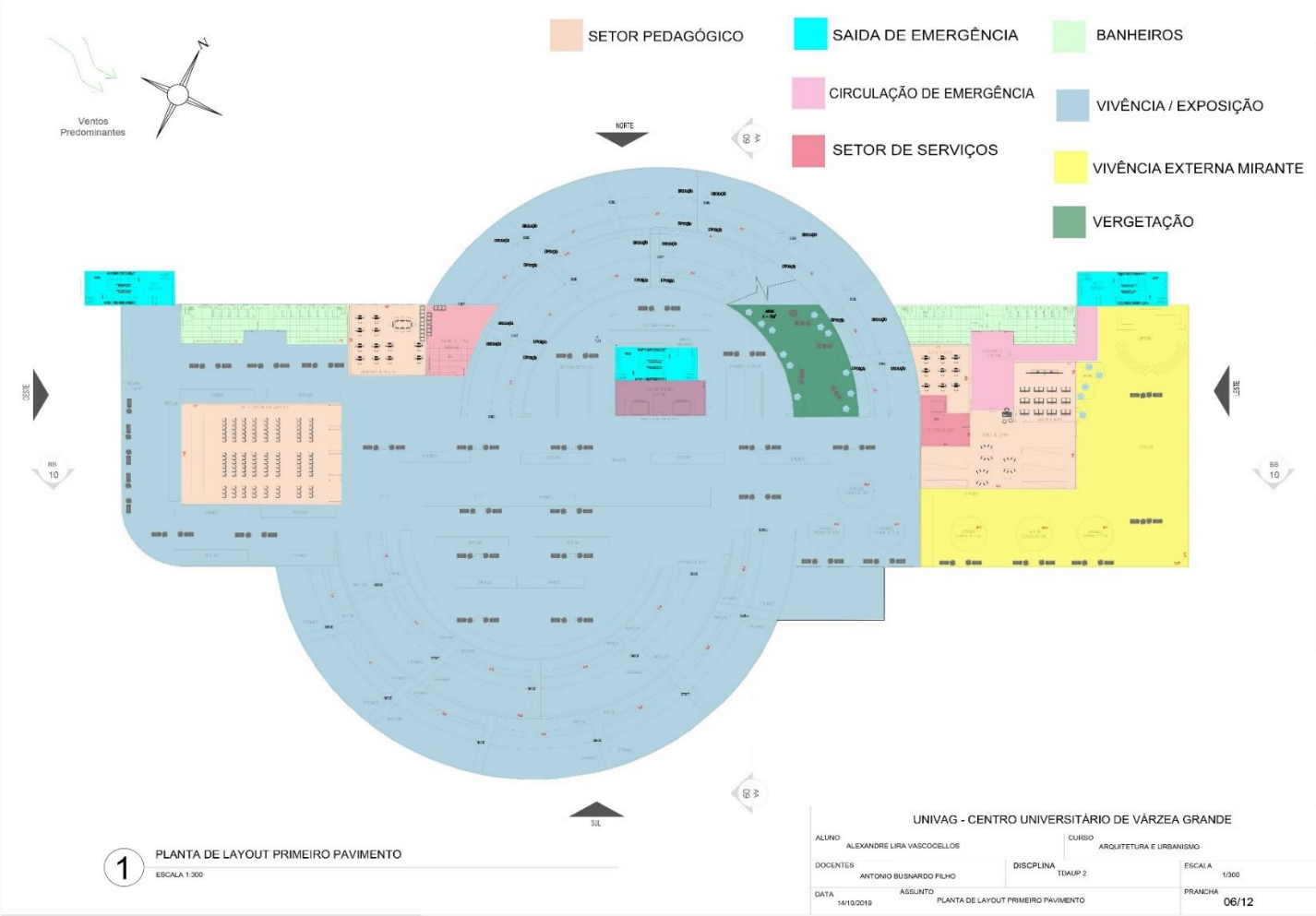


Imagem: Setorização Museu Primeiro Pavimento .
Fonte: Acervo Próprio

12 ANÁLISE DA LEGISLAÇÃO INCIDENTE

Não foi encontrado leis do município de Chapada dos Guimaraes, sendo assim adotou-se como diretrizes as leis em nível Federal e Estadual.

Segundo a LEI Nº 11.904, DE 14 DE JANEIRO DE 2009. Art. 1º Consideram-se museus, para os efeitos desta Lei, as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento.

Decorrente a LEI Nº 9.985, DE 18 DE JULHO DE 2000. Art. 1º Esta Lei institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza – SNUC, estabelece critérios e normas para a criação, implantação e gestão das unidades de conservação.

12.1 CÁLCULOS DE INDICES URBANÍSTICOS E VAGAS DE ESTACIONAMENTO

12.1.1 CÁLCULO DOS ÍNDICES URBANÍSTICOS

terreno	m ²	28.510,25
Taxa de Ocupação	%	40
Cálculo	28.510,25m ² X0,40%	= 11.404.1m ²

Área Permeável	%	60
terreno	m ²	28.510,25
Cálculo	: 28.510,25m ² X0,60% =	17.107m ²

12.1.2. CÁLCULO DAS VAGAS DE ESTACIONAMENTO

Área total construída	m ²	15.912
Por Pessoa	m ²	5,5
Cálculo de pessoas	15.912m ² / 5,5m ² =	2.894 ps
Vaga por Pessoa	m ²	20
Cálculo	2.894 / 20 =	144.7 = 145 vagas
Vagas para Pcd	%	5

Cálculo

$$145 + 5\% =$$

$$152.25 = 153 \text{ vagas}$$

13 ENSAIOS TÉCNICOS

13.1 COMPOSIÇÃO ESPACIAL.

A implantação de forma central ocupa no terreno boa parte de sua porção, propondo um conjunto de organização espacial, facilitando assim a disponibilidade do museu e das vagas de estacionamento

Figura 42 Volumetria / Legibilidade



Imagem: setorização Museu Segundo Pavimento
Fonte: Acervo Próprio

Figura 43 Volumetria



Imagem: Volumetria da Implantação.
Fonte: Acervo Próprio

Figura 44 Volumetria



Imagem: Volumetria da Implantação Fachada Sul.
Fonte: Acervo Próprio

13.2 FUNCIONALIDADE:

todos os setores foram criados pensando na distribuição dos acervos para que cada exposição possa trazer uma nova perspectiva da história da época, sendo assim seu fluxo no entorno do museu e destinado em sequência para que cada acervo possa seguir uma ordem cronológica do tempo.

13.3 CONFORTO AMBIENTAL:

A proposta deste projeto nos traz grandes vão que deixa o salão onde estão os acervos ainda maior com isso gerando uma liberdade de expressão para cada peça exposta, nos demais pavimentos da edificação foi criado um cenário, da pré história para que o visitante possa ter uma sensação de como seria aquele período.

13.4 ACESSIBILIDADE :

A tipologia da proposta possui três pavimentos porém todos eles estão adequados para as atividades, contando assim dois elevadores internos disponíveis para a locomoção vertical, sendo assim a acessibilidade é universal, seguindo a NBR 9050, assegurando assim o direito de ir e vir com segurança para todos os usuários.

13.5 COMUNICAÇÃO VISUAL:

O acesso de veículos se dá pela Av Das Flores, para melhor facilitar o fluxo, pois a Br 251 é muito movimentada sendo assim dificulta o acesso para a entrada do museu. A circulação de pedestres são duas uma pela Av Das Flores e outra pela Br 251 para assim facilitar a entrada no museu, caso os visitantes vierem do ônibus, pela Br 251 tem um acesso deste lado do museu, na proposta da edificação foi colocada uma parada rápida onde sua entrada seria pela Av Das Flores, onde esta mesma Av é destinada para doca.

14 COMPOSIÇÃO DE AMBIENTES

Figura 45 Implantação



Imagem: Implantação do Museu
Fonte: Acervo Próprio

Figura 46 Planta Baixa Térreo

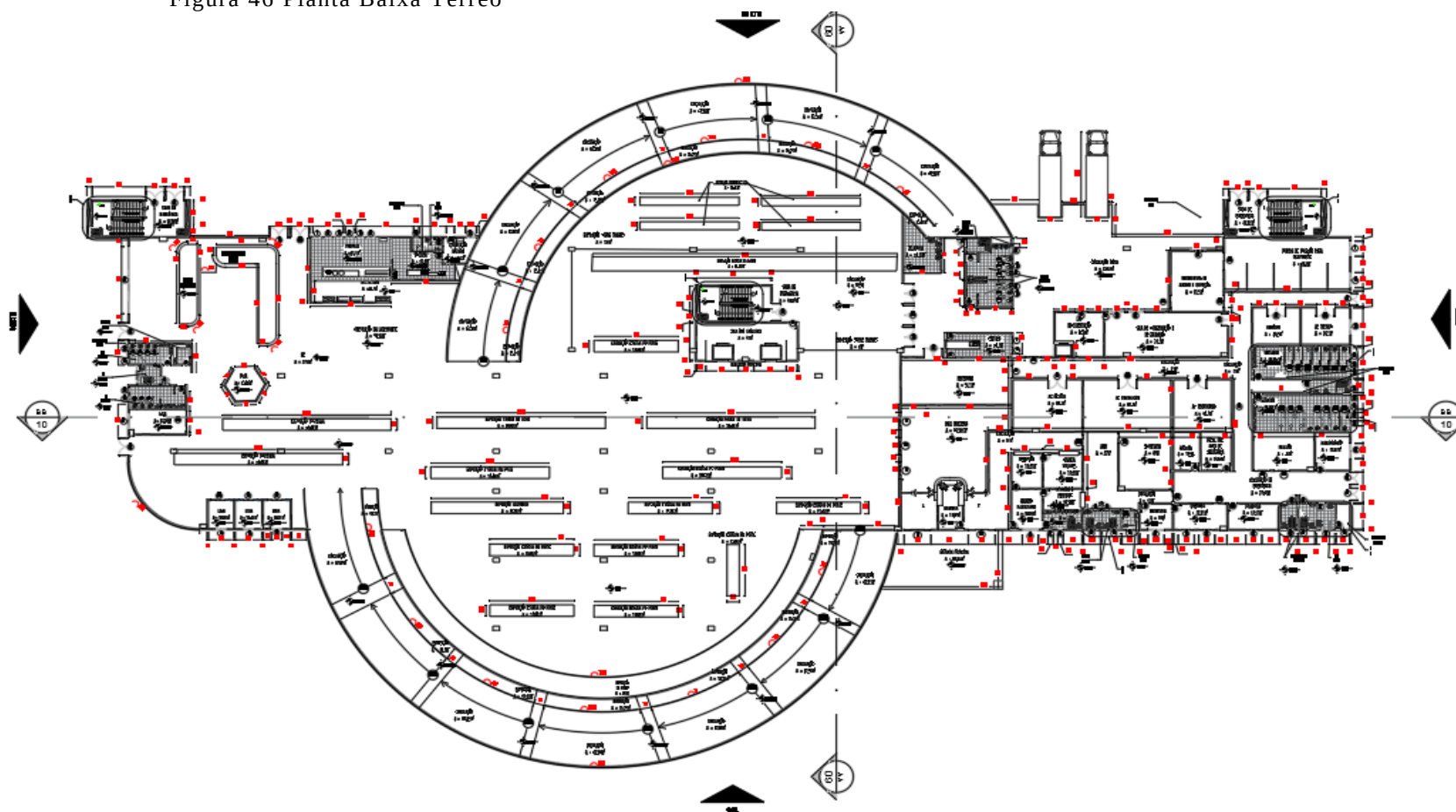


Imagem: Planta Baixa Térreo
Fonte: Acervo Próprio

Figura 47 Planta Baixa Primeiro Pavimento

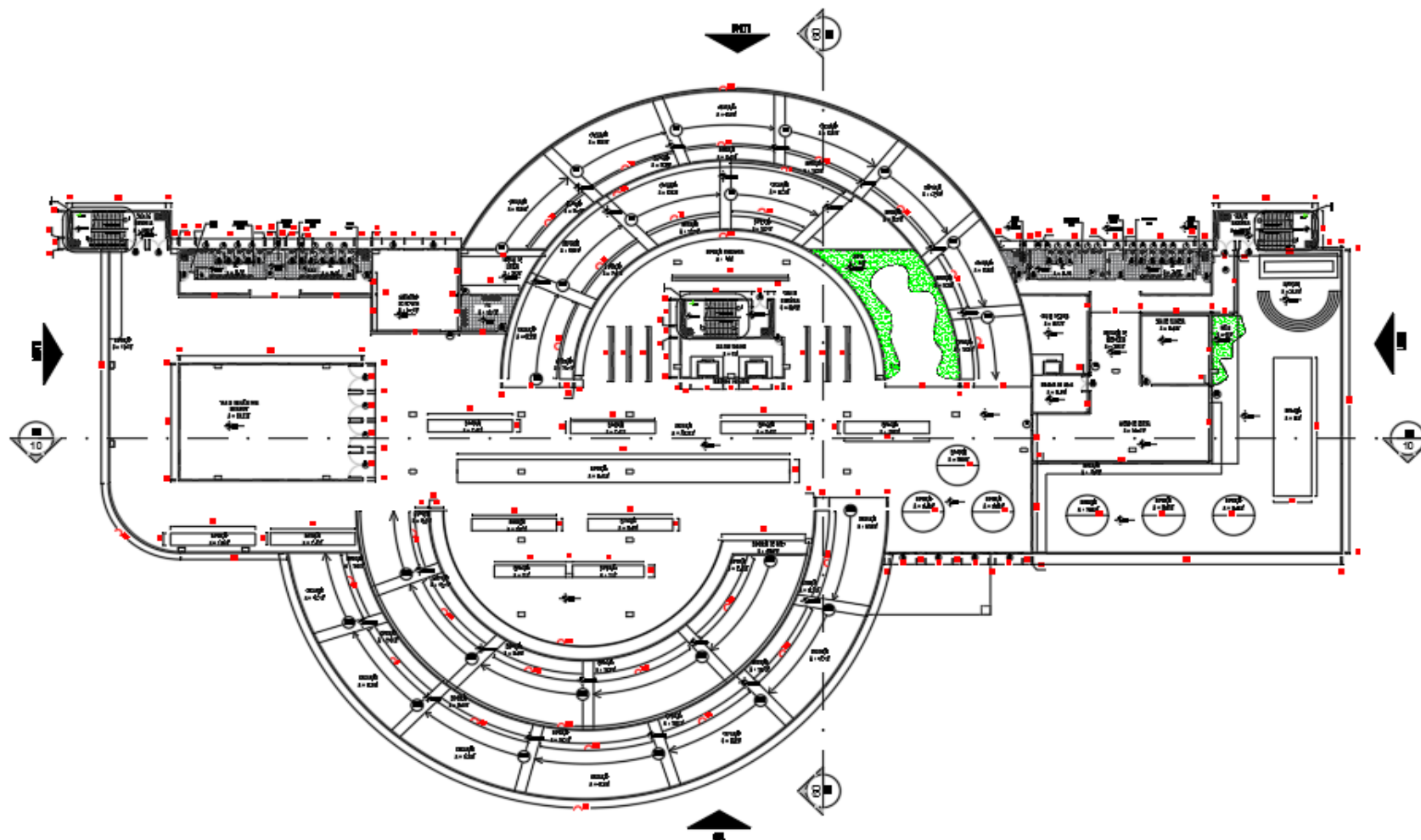


Imagem: Planta Baixa Primeiro Pavimento
Fonte: Acervo Próprio

Figura 48 Planta Baixa Segundo Pavimento

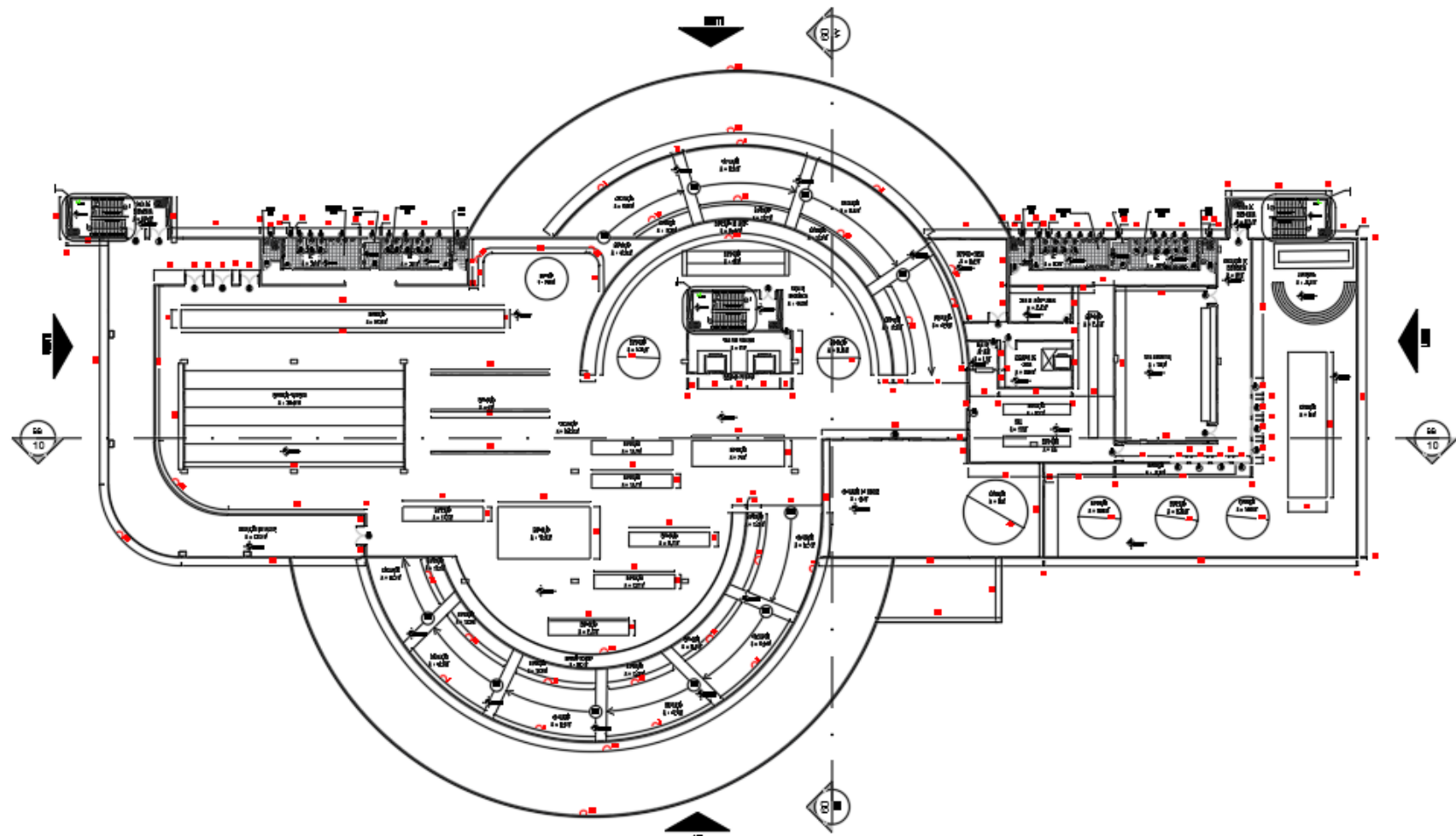


Imagem: Planta Baixa Segundo Pavimento
Fonte: Acervo Próprio.

Figura 49 - Planta Layout Térreo

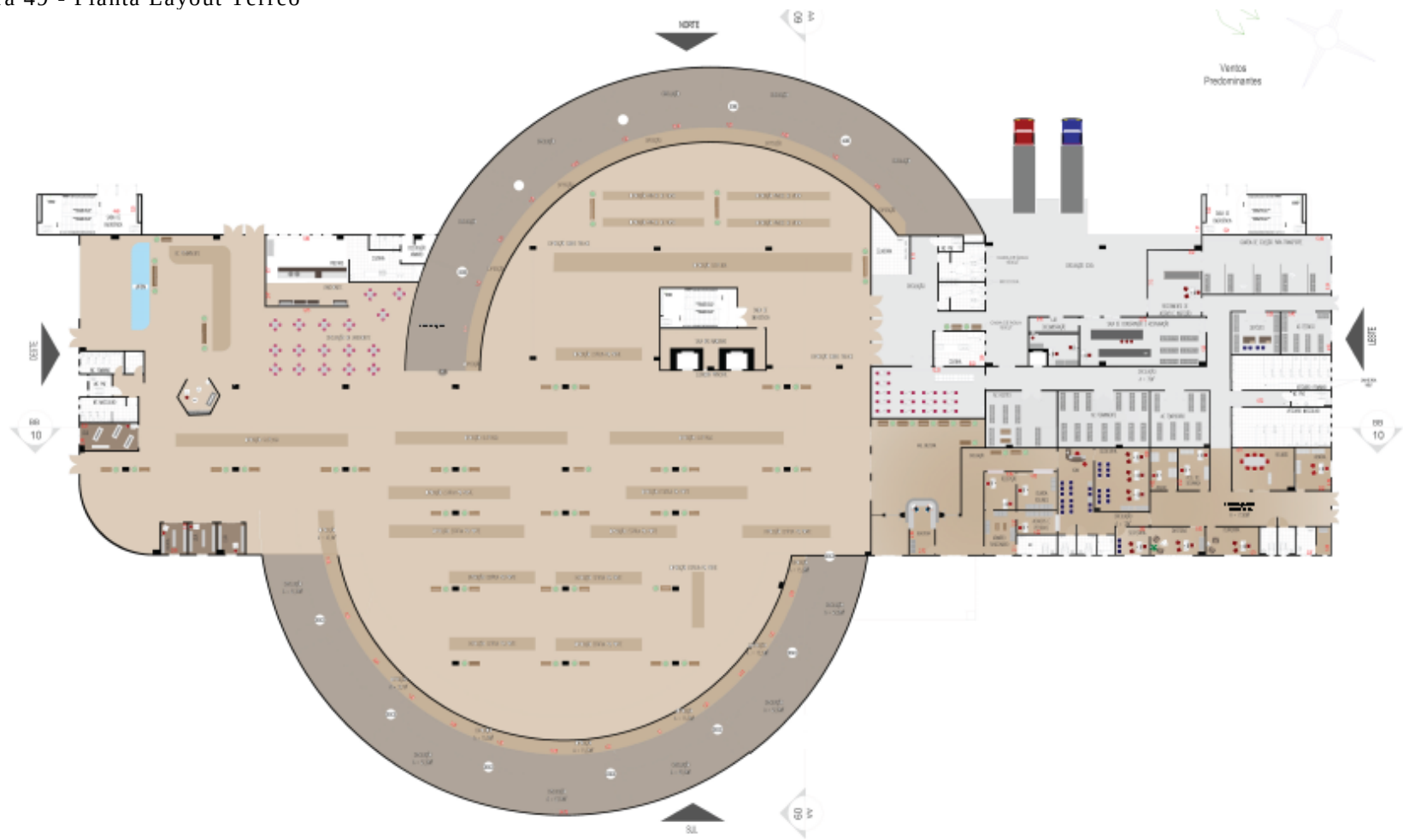
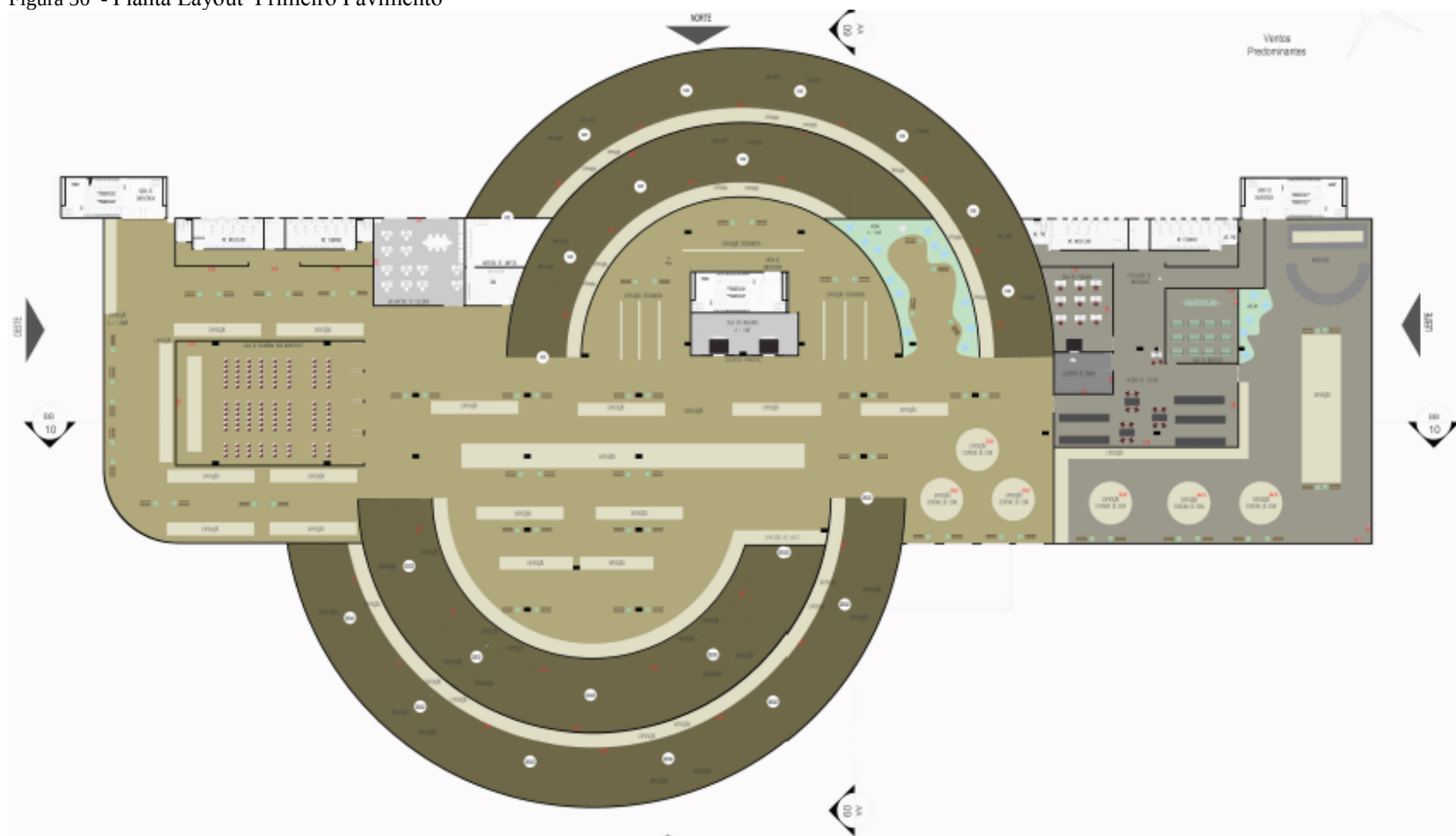


Imagem: Planta Layout Térreo.
Fonte: Acervo próprio

Figura 50 - Planta Layout Primeiro Pavimento



Planta Layout Primeiro Pavimento
Fonte: Acervo Próprio

Imagem:

Figura 51 - Planta de Setorização Térreo

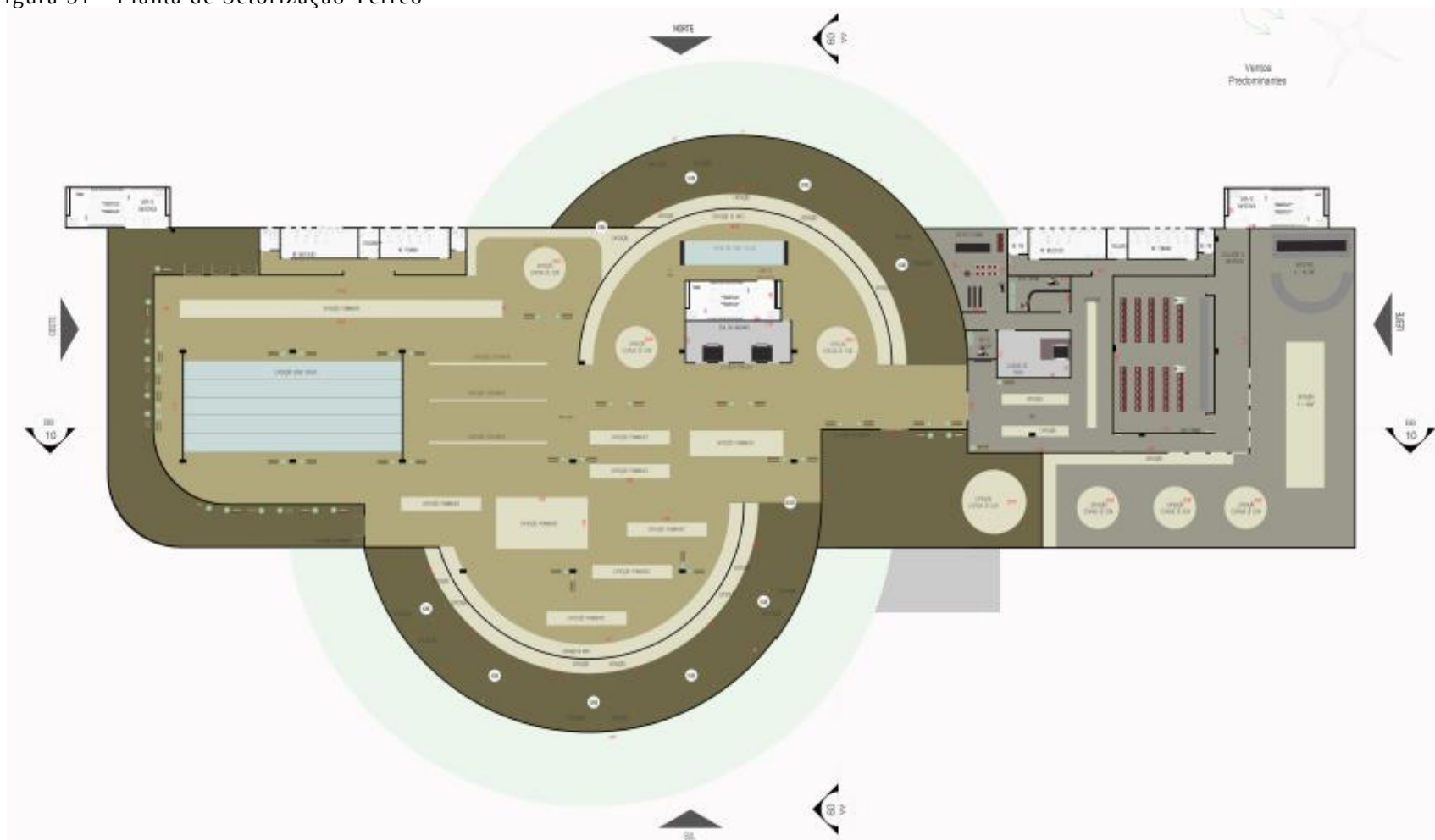


Imagem: Planta de Setorização Térreo
Fonte: Acervo Próprio

Figura 52 Planta de Setorização

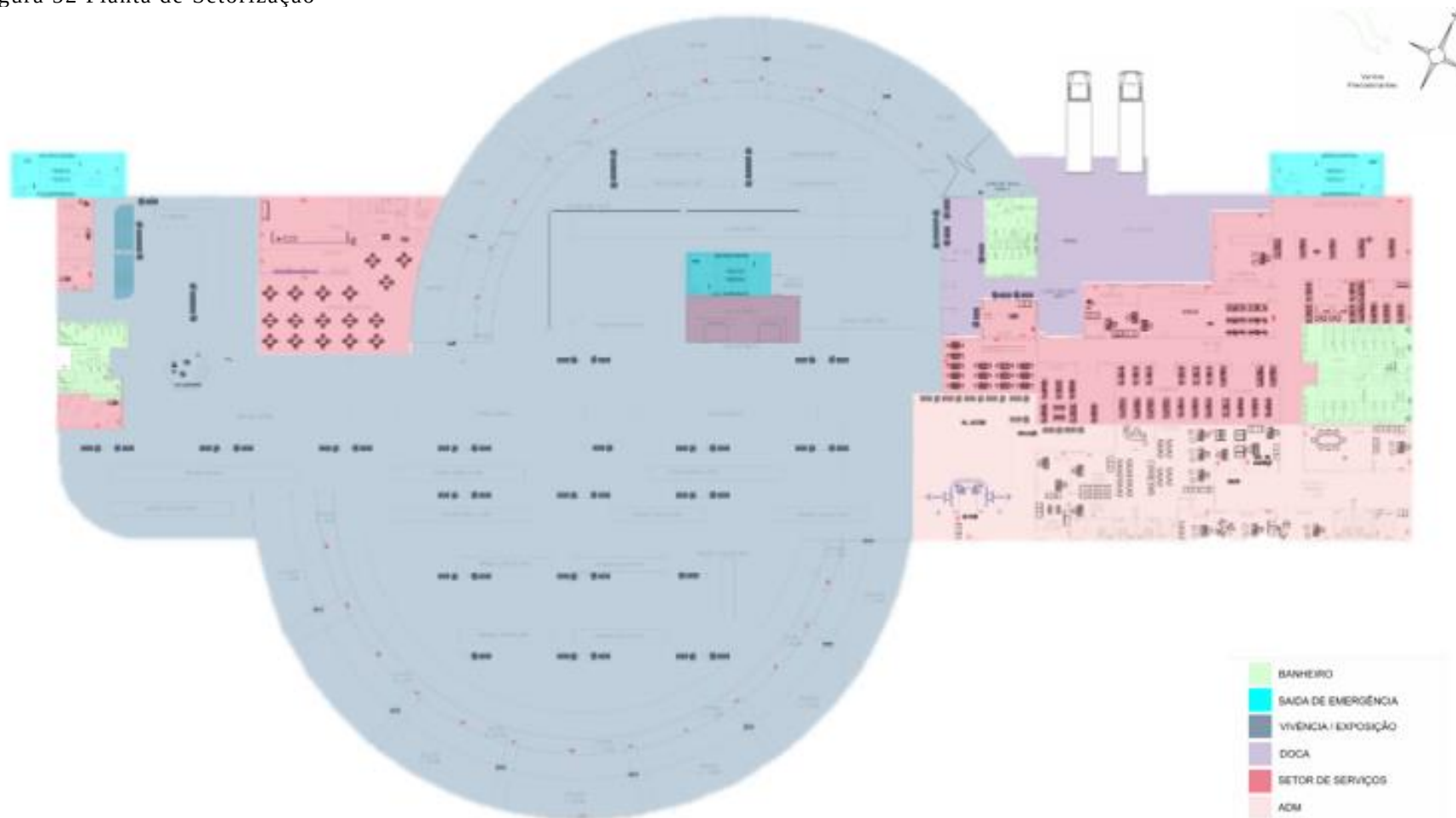


Imagem: Planta de Setorização Têrreo
Fone: Acervo Próprio

Figura 53 Planta de Setorização

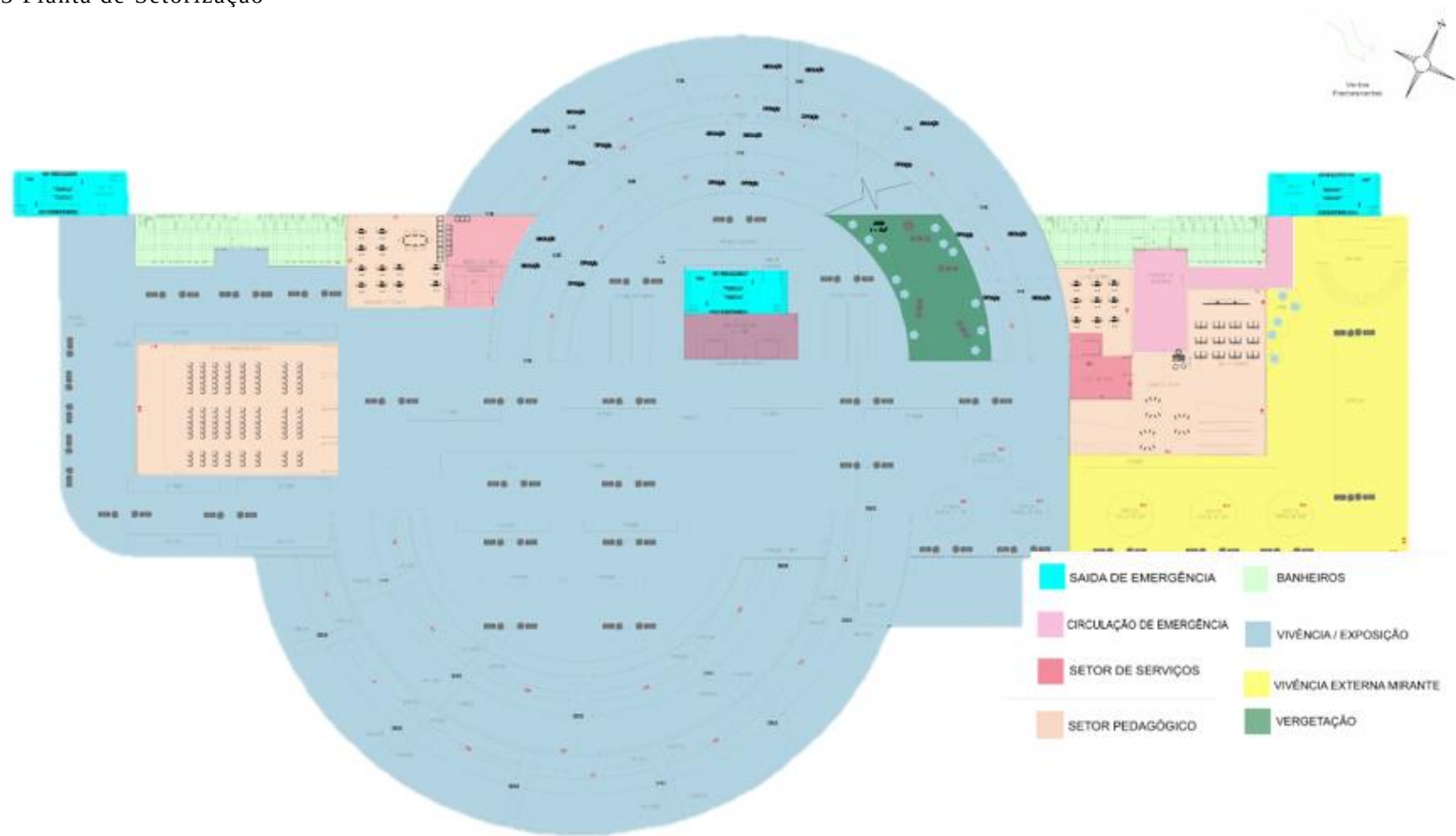


Imagem: Planta de Setorização Primeiro Pavimento
 Fonte: Acervo Próprio

Figura 54 Planta de Setorização

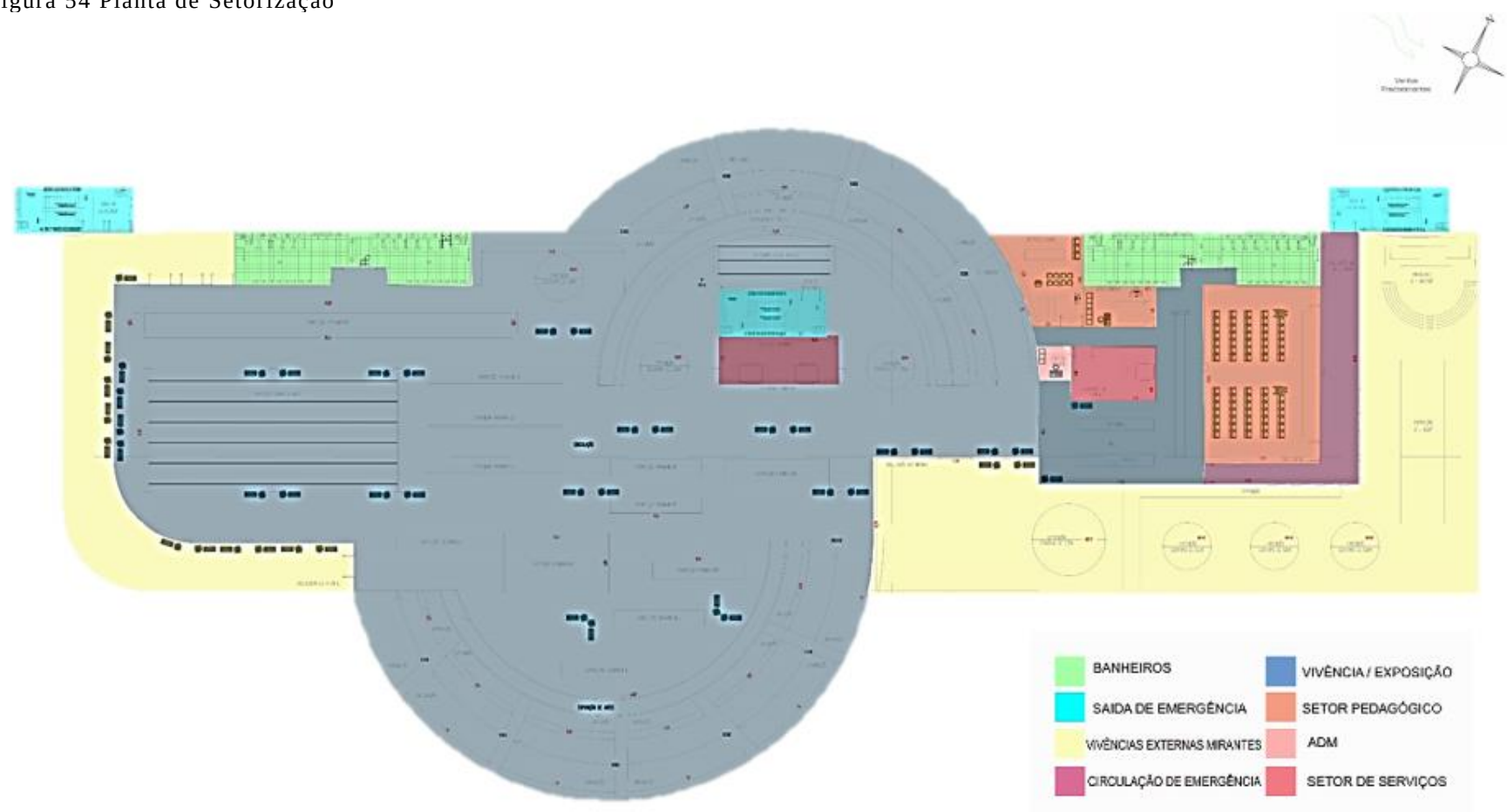


Imagem: Planta de Setorização Segundo Pavimento
Fonte: Acervo Próprio

Figura 55 Planta de Cobertura

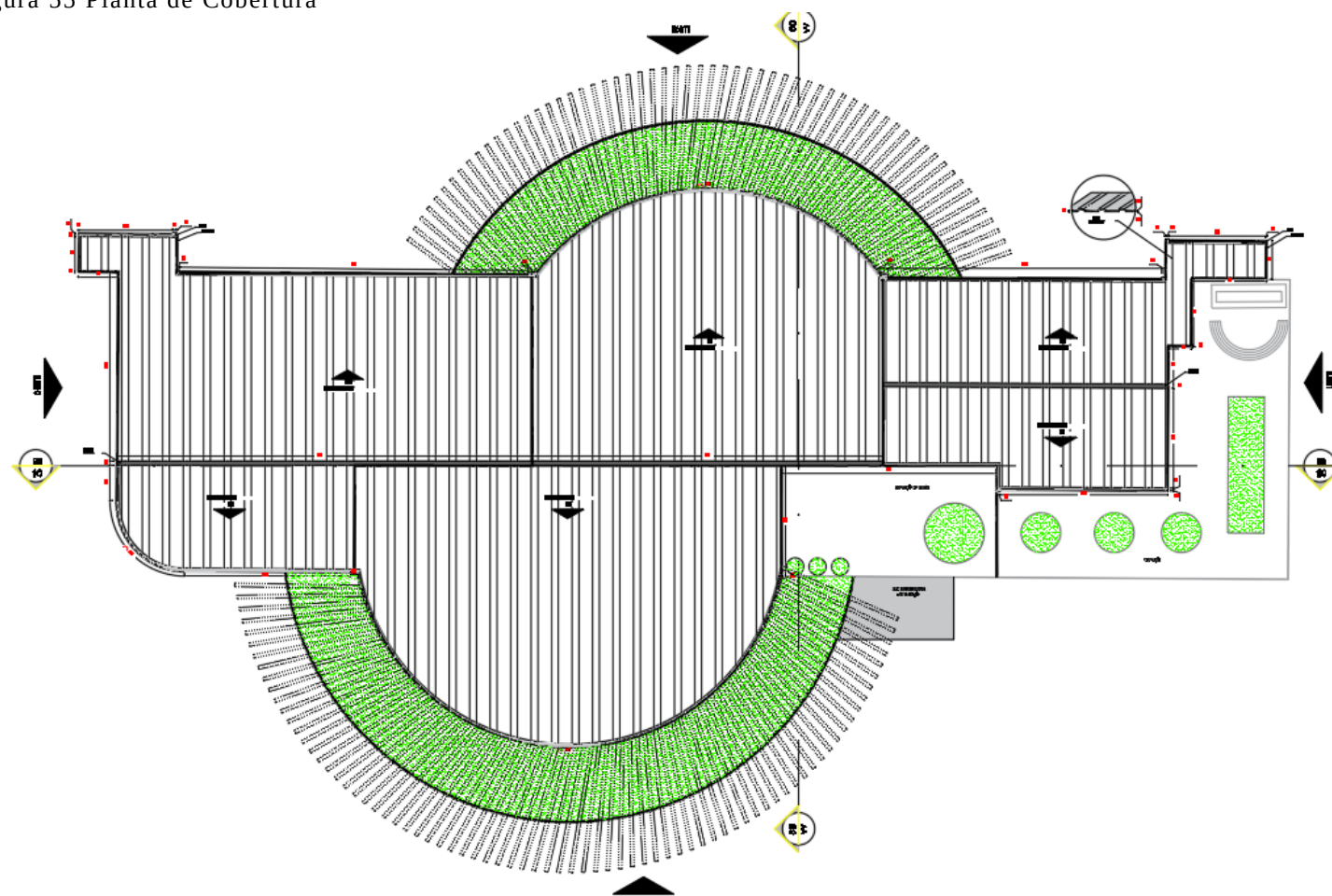


Imagem: Planta de Layout Segundo Pavimento
Fonte: Acervo Próprio

Figura 56 Corte

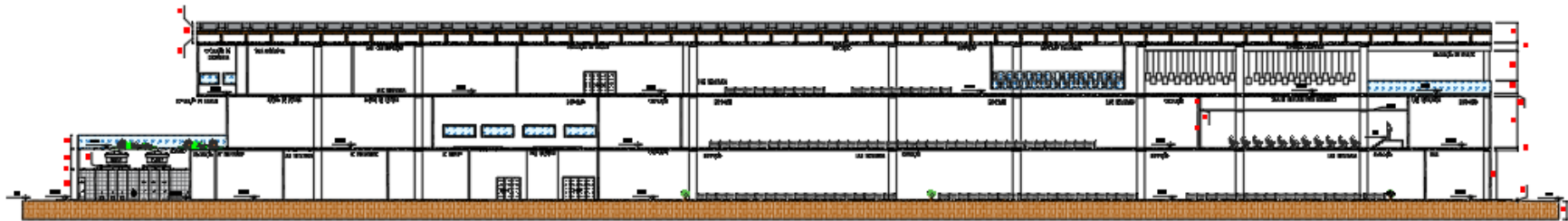
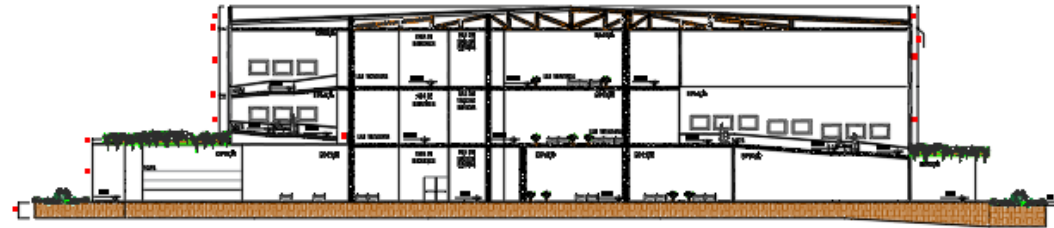


Imagem: Corte Transversal e Longitudinal

14.1 CIRCULAÇÃO EXTERNA /ADEQUAÇÃO DO SISTEMA VIÁRIO:

Não foi feita mudanças no sistema viário, para a entrada principal foi criado uma pista de desaceleração tanto para os veículos de carga e descarga quanto para os visitantes do museu.

14.2 CIRCULAÇÃO INTERNA / VERTICAL E HORIZONTAL:

A proposta do museu conta com as duas, onde foi consultado as normas de circulação. Por tanto o museu possui dois elevadores que seria para o público do empreendimento e um para acesso de carga e descarga uso restrito, possui rampas que levam ao próximo pavimento que são utilizada como meio de exposição de acervos, o projeto também conta com três escadas de emergência que serve para a evacuação de museu, onde foi utilizado as normas NBR 9077 de Incendio , NBR 9050 Acessibilidade, NBR 13994 elevadores de passageiros.

14.3 COMPOSIÇÃO PAISAGÍSTICA

Figura 57 Paisagismo



Imagem: Volumetria da Implantação Fachada Sul.

Fonte: Acervo Próprio

14.4 PLANO DE MASSAS:

O terreno escolhido em Chapada dos Guimaraes já existe algumas arvores pertinentes da região, foi proposto o plantio de novas arvores no terreno Com isso, pensando numa valorização do bioma local e agregar mais qualidade visual e climática para o projeto.

Nome da espécie	Foto	Características
Nome científico: <i>Ocotea spixiana</i> Nomes populares: Canela branca,		Características: Árvore de médio a grande porte, rústica e pioneira, 20 a 40 metros de altura. Existem mais de uma espécie de Canela branca na região. Folhas simples, ásperas, 15 cm. Fruto típico das canelas, 2 cm, com pedúnculo bem destacado e odor forte característico. Uma semente por fruto, 1 cm de diâmetro.
Popular: Perobado-cerrado Científico: <i>Aspidosperma tomentosum</i>		Pode chegar até 15 m de altura e seus frutos e sementes são utilizados para o artesanato.
Nome Popular: Aroeira Nome Científico: <i>Lithraea Brasiliensis</i>		Critério da escolha : crescimento rápido independente do solo, produz sombra porte médio de 4 a 14 metros
Nome Científico: <i>Deguelia Costata</i> Nome popular : Embira de carrapato		Típica do cerrado Proporciona sombra, de porte pequeno com 4 a 8 metros.

15 Composição de espécies e materiais:

15.1 COMPOSIÇÃO DE TEXTURAS E CORES:

Para o projeto foi realizado uma composição de cor única sendo assim em contraste com textura não muito chamativas pensando em cor neutras pois elas transmitem calma e passividade são a elemento- chave para a composição com qualquer outra cor onde os ambientes com cores neutras se tornam elegantes, aconchegantes e sofisticadas. Por sua vez foi escolhido o tom Inverno Seco para paredes externas sendo assim algumas das paredes esta desposta com tijolo aparente nas cor branco neve, para dar um contraste, possui também um pergolda de madeira onde tem o traspasso com a vegetação, este se encontra pintado com o verniz da cor inbuia.

16 TÉCNICAS E MATERIAIS CONSTRUTIVOS

16.1 CONCRETO ARMADO

Para este projeto foi escolhido a utilização do concreto armado é a técnica mais utilizada para construção de estruturas, sendo assim permite a utilização de mesclar a resistência à compressão e durabilidade da pedra com as características do aço deixando assim o projeto mais livre, além da vantagem de utilização dessa tecnica, O resultado é um material que tem como vantagens poder assumir qualquer forma com rapidez e facilidade, além de proporcionar ao metal proteção contra a corrosão.

16.2 VIDRO TEMPERADO

A utilização deste material foi extremamente utio para os guarda corpo de todos os mirantes, este material foi escolhido por conta, de sua Maior resistência a impactos, Além destes benefícios, o vidro temperado garante, mais beleza e elegância.

17 PROPOSTA FINAL

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou uma análise do projeto para Chapada dos Guimaraes verde, uma proposta de buscar o desenvolvimento do município com alternativa para a melhora e até mesmo contenção de diversas áreas da cultura de Chapada dos Guimaraes.

Na segunda etapa deste trabalho, o estudo foi mais direcionado para Chapada, que é o objeto principal deste estudo, com a proposta de elaborar um Museu de História Natural, tendo como principal objetivo demonstrar a riqueza que se encontra em Chapada dos Guimaraes, o espaço foi pensado para que seja um marco histórico buscando assim uma melhor qualidade de vida da população.

Este trabalho foi de suma importância, pois permitiu entender que um projeto arquitetônico quando é desposto com um objetivo tem uma grande importância para a cidade onde é proposto pois traz muitos benefícios como o aprendizado, cultura, o crescimento do município.

18 CONSIDERAÇÕES FINAIS

- ALVES, V. (27 de 11 de 2011). *Olhar direto - Acervo do Museu Histórico de MT conta pouco mais da nossa história*. Fonte: Olhar direto: <<https://www.olhardireto.com.br/noticias/exibir.asp?id=220780>>
- ARAGÃO, I. R., & MACEDO, J. R. (2011). HISTÓRIA E TURISMO: OS “LUGARES DE MEMÓRIA” COMO FATOR DE IDENTIDADE E ATRAÇÃO NAS CIDADES COLONIAIS. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011*.
- AURICCHIO, A. L. (2003). OS MUSEUS E A QUESTÃO AMBIENTAL. *Publs. Avulsas do Instituto Pau Brasil* n.6, mar. 2003. disponível em: https://terrabrasilisdidaticos.com.br/images/stories/apoioaoprofessor/museu_e_a_questao_ambiental.pdf. Acesso em: 08/2019.
- BESSA, S. F. (2017). *Musealização e ordenamento jurídico do museu no Brasil : missão e função (conceito e prática) no Museu Nacional - UFRJ (séculos XIX-XX) / Simone Figueiredo Bessa. -- Rio de Janeiro, 2017 220 f. il.* Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.unirio.br/ppg-pmus/copy3_of_simone_figueiredo_bessa.pdf>. Acesso em: 09/2019.
- BETIM, F. (04 de setembro de 2018). Incêndio acirra debate sobre verba para Museu Nacional na busca por culpados. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/04/politica/1536097870_413822.html>. Acesso em: 09/2019. (E. PAÍS, Ed.) Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.
- BRASIL. (2009). LEI Nº 11.904, DE 14 DE JANEIRO DE 2009. Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. 01/2009. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm. Acesso em: 08/2019.
- BRASIL, M. d. (2014). *Museus e a dimensão econômica: da cadeia produtiva à gestão sustentável / Instituto Brasileiro de Museus – Brasília, DF: Ibram, 2014. 142 p.: il; 23 cm – (Coleção Museu Economia e Sustentabilidade, 2) (1 ed.)*. Brasília: Ibram. Fonte: <<http://www.museus.gov.br/ibram-publicacao/museus-e-a-dimensao-economica-da-cadeia-produtiva-a-gestao-sustentavel/>>. Acesso em: 09/2019
- BRASIL, P. d. (2009). Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm>. Acesso em: 09/2019. Brasília.
- BRASIL, P. d. (2013). *Decreto nº 8.124, de 17 DE Outubro de 2013. Regulamenta dispositivos da Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009, que institui o Estatuto de Museus, e da Lei nº 11.906, de 20 de janeiro de 2009, que cria o Instituto Brasileiro de Museus.* . Fonte: Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Decreto/D8124.htm>. Acesso em: 09/2019.
- CABRAL, R. M. (2010). *Bibliotecas de Alexandria : construções políticas da memória / Rosimere Mendes Cabral. – 2010. 73 f. : il. ; 30 cm.* Rio de Janeiro, Dissertação (Mestrado em Memória Social)- Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010 Bibliografia: f. 69-73.
- CENEDOM, C. N. (novembro de 2014). *Boletim Bibliográfico. O ICOM-BRASIL E O PENSAMENTO MUSEOLÓGICO BRASILEIRO: DOCUMENTOS. BOLETIM BIBLIOGRÁFICO, Nº 28/2014.* Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/09/BoletimBibliograficoCenedom-n28_nov2014.pdf>. Acesso em: 09/2019.
- CERQUEIRA, C. d. (s.d.). In: O LUGAR MÍTICO DA MEMÓRIA. Rio de Janeiro, Universidade do Rio de Janeiro - UNIRIO. Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas - Ano 01, número 01, 2002 - ISSN 1676-2924.
- COMBALUZIER, R. D. (s.d.). *Grande Museu do Mundo Maia de Mérida / Grupo Arquitecture*. Fonte: ArchDaily. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/01-100710/grande-museu-do-mundo-maia-de-merida-slash-4a-arquitectos>. Acesso em 05/2019.
- CONSIDERA, A. F. (julho de 2011). *Museus de História Natural no Brasil (1818-1932): uma revisão bibliográfica. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011.* Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300851314_ARQUIVO_TextoANPUH-AndreaFConsidera.pdf>. Acesso em: 09/2019, p. 8.

- DIÁRIO DE CUIABÁ, D. d. (23 de Maio de 2010). Novos sinais rupestres. Edição nº 12717 23/05/2010. *Investigação sobre viabilidade do teleférico levou pesquisadora e encontrar terceiro sítio em Chapada*. (D. d. Cuiabá, Ed.) Cuiabá, MT, Brasil. Acesso em 2019, disponível em <<http://www.diariodecuiaba.com.br/detalhe.php?cod=371140>>
- FANJCCI, F. F. (s.d.). *Museu Cais do Sertão / Brasil Arquitetura*. (Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/907621/museu-cais-do-sertao-brasil-arquitetura>. Acesso em: 05/2019) Fonte: ArchDaily.
- GONÇALVES, J. R. (2007). *ANTROPOLOGIA DOS OBJETOS: COLEÇÕES, MUSEUS E PATRIMÔNIOS*. 256p. -(Museu, memória e cidadania). Rio de Janeiro: Garamond Ltda.
- IBGE, C. 2. (2010). *IBGE. Censo Demográfico 2010. - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística*. Disponível em: <2017 IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística | v4.3.33>. Acesso em: 09/2019.
- IBRAM. (2011). Guia dos Museus Brasileiros/Instituto Brasileiro de Museus. Brasília:, 2011. 592 p. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/05/gmb_norte.pdf>. Acesso em: 09/2019. Brasília.
- IBRAM, I. B. (09 de 2019). 10 anos Portal do Instituto Brasileiro de Museus. Fonte: 10 anos Portal do Instituto Brasileiro de Museus: <<http://www.museus.gov.br/os-museus/>>
- IBRAM, I. B. (2019). *IBRAM - Instituto Brasileiro de Museus*. Fonte: IBRAM - Instituto Brasileiro de Museus - Disponível em: <http://www.museus.gov.br/acessoainformacao/o-ibram/>. Acesso em: 08/2019.
- ICOM, C. I. (s.d.). *Definição de Museu*. Fonte: Criando uma nova definição de museu - a espinha dorsal da ICOM: Disponível em: <https://icom.museum/en/activities/standards-guidelines/museum-definition/>. Acesso em: 08/2019
- IPHAN, I. d. (2019). *Monumentos e Espaços Públicos Tombados - Cuiabá (MT) - Museu de Pré-história Casa Dom Aquino*. Fonte: IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1475>
- JÚNIOR, H. T., MORAES, J. M., & PAULA, T. L. (2011). Geoparque Chapada dos Guimarães (MT) - proposta - Volume I. Cuiabá.
- JÚNIOR, H. T., MORAES, J. M., & PAULA, T. L. (s.d.). GEOPARQUES DO BRASIL / PROPOSTAS · volume I. Em H. T. JÚNIOR, *GEOPARQUE CHAPADA DOS GUIMARÃES (MT) - proposta* - (p. 285 a 316). Fonte: <http://rigeo.cprm.gov.br/xmlui/bitstream/handle/doc/17167/guimaraes.pdf?sequence=1>
- KUHN, C. E., & TOBIAS, T. C. (2017). Roteiro geoturístico de Chapada dos Guimarães: uma proposta de educação em geociências. *Ciência e Sustentabilidade - CeS | Juazeiro do Norte*, v. 3, n. 1, p.74-93, jan/jun 2017 I ISSN 2447-4606, 74 a 93. Fonte: <https://periodicos.ufca.edu.br/ojs/index.php/cienciasustentabilidade/article/view/178/0>
- KUNZLER, J., FERNANDES, A. C., FONSECA, V. M., & JRAIGE, S. (2011). Herbert Huntington Smith: um naturalista injustiçado? *Filosofia e História da Biologia*, v. 6, n. 1, p. 49-67, 2011. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/236168633_Herbert_Huntington_Smith_um_naturalista_injustificado>. Acesso em: 09/2019, p. 49 a 67.
- LARSEN, H. (s.d.). *Pavilhão de Arte em Videbaek / Henning Larsen*. (Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/902210/pavilhao-de-arte-em-videbaek-henning-larsen>. Acesso em: 05/2019) Fonte: ArchDaily.
- LEWIS, G. D. (s.d.). *Museu Instituição Cultural*. Encyclopædia Britannica, 02/2019. 42p. Fonte: Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/museum-cultural-institution>. Acesso em: 08/2019
- MUNIZ, R. (s.d.). *Importância dos museus para a preservação da cultura*. Fonte: Disponível em: <https://www.hojeemdia.com.br/opini%C3%A3o/colunas/raquel-muniz-1.456804/import%C3%A2ncia-dos-museus-para-a-preserva%C3%A7%C3%A3o-da-cultura-1.625767>. Acesso em: 05/2019.
- OLIVEIRA, A. (24 de março de 2010). Museu Paraense Emílio Goeldi. Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em: 09/2019.

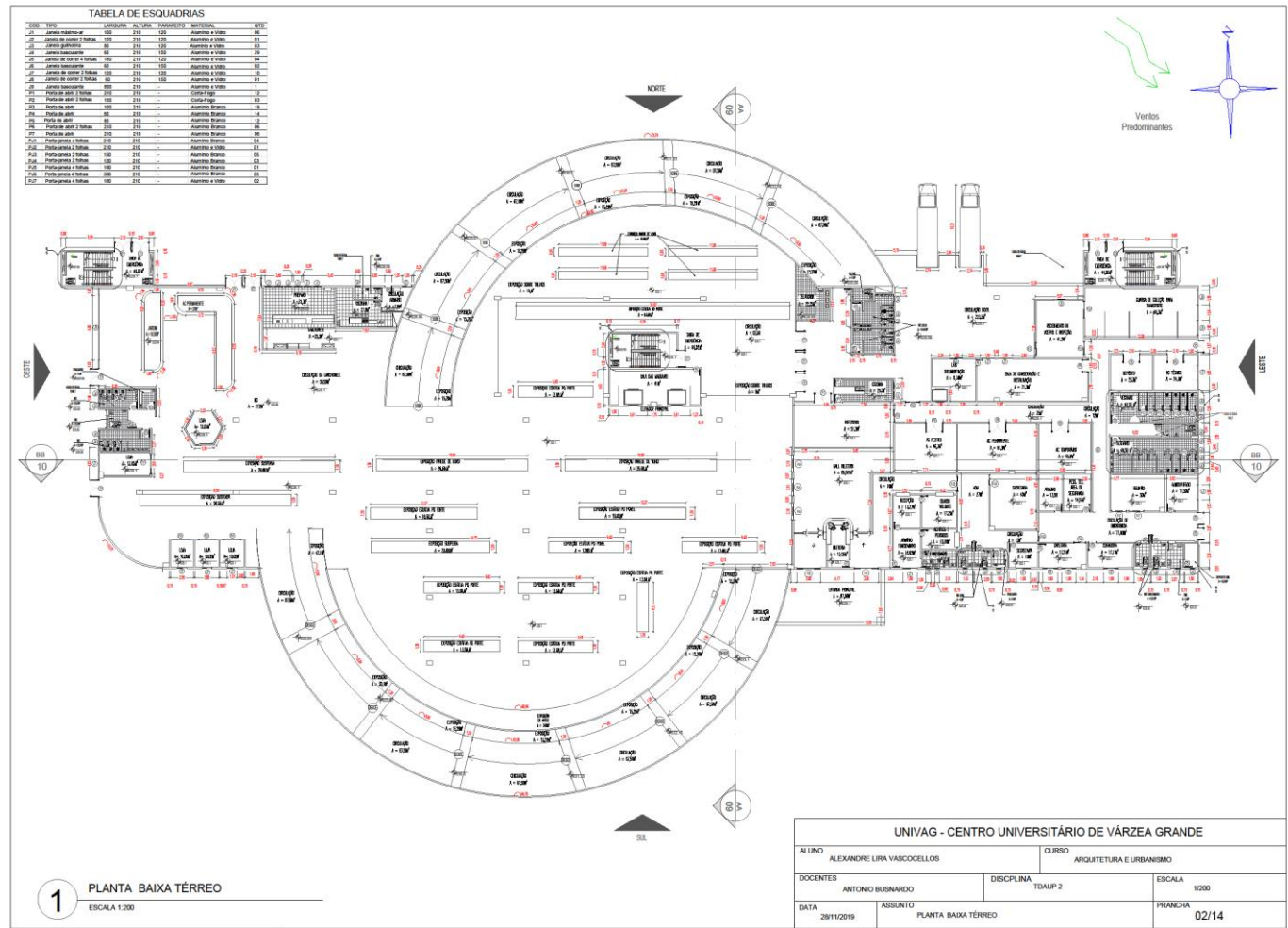
- OLIVEIRA, G. A. (2010). In: Arte Rupestre: O fazer do artista paleolítico. Rio Grande do Sul. UFRN, 2010. 75p.
- PREFEITURA CHAPADA DOS GUIMARÃES GESTAO 217/2020, P. C. (09 de 2019). *História - APRESENTANDO CHAPADA DOS GUIMARÃES*. Fonte: <http://www.chapadadosguimaraes.mt.gov.br/hist%C3%B3ria>
- PREFEITURA CHAPADA DOS GUIMARÃES, C. d. (2017). *PDI Chapada. Plano Estratégico 2017-2027. Plano de Desenvolvimento Institucional Integrado de Chapda dos Guimarães*. Chapada dos Guimarães: Tribunal de Contas Mato Grosso.
- QUADROS, R. (s.d.). Chapada dos Guimarães Palaentologia - Prof. Dra. Raquel Quadros- Profa. GEOLOGIA - FUFMT. Disponível em: <http://www.chapadadosguimaraes.com.br/reopaleo.htm>. Acesso em: 09/2019.
- RODRIGUES, A. P. (06 de 2019). Mudança Social e Participação Política. *As transformações do universo museal pelos paradigmas do conhecimento e o aprimoramento de sua função social a partir da Nova Museologia*. Fonte: Disponível em: <https://doi.org/10.11606/D.100.2019.tde-15072019-160453>. Acesso em: 08/2019
- SANTOS, D. d. (02 de 2015). In: UM ESTUDO SOBRE O IMPACTO CAUSADO PLA INTERAÇÃO MUSEU-ESCOLA NA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO NAS AULAS DE FÍSICA. p. 136p. Fonte: Disponível em: https://repositorio.unifei.edu.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/113/dissertacao_santos_2015.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 08/2019
- SOUSA, R. (2019). "Ações antrópicas no meio ambiente"; *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/geografia/acoes-antropicas-no-meio-ambiente.htm>. Acesso setembro/2019.
- TOMÉ, E. S. (s.d.). *MUSEU: RETRATO DE UMA SOCIEDADE*. disponível em: <https://meuartigo.brasilescola.uol.com.br/educacao/museu-retrato-uma-sociedade.htm>. Acesso em: 05/2019.
- VALENTE, A., & ESTHER, M. (1 de abril de 2005). O Museu de Ciência: espaço da história da ciência. (U. E. Filho, Ed.) *Ciência & Educação (Bauru)*, vol. 11, pp. 53-62. Fonte: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=251019517005> Acesso em: 08/2019
- VIEIRA JÚNIOR, H. T., MORAES, J. M., & PAULA, T. L. (2012). *Geoparque Chapada dos Guimarães (MT): proposta*. CPRM. Fonte: Disponível em: <http://rigeo.cprm.gov.br/jspui/handle/doc/17167>. Acesso em: 08/2019

21 APÊNDICES

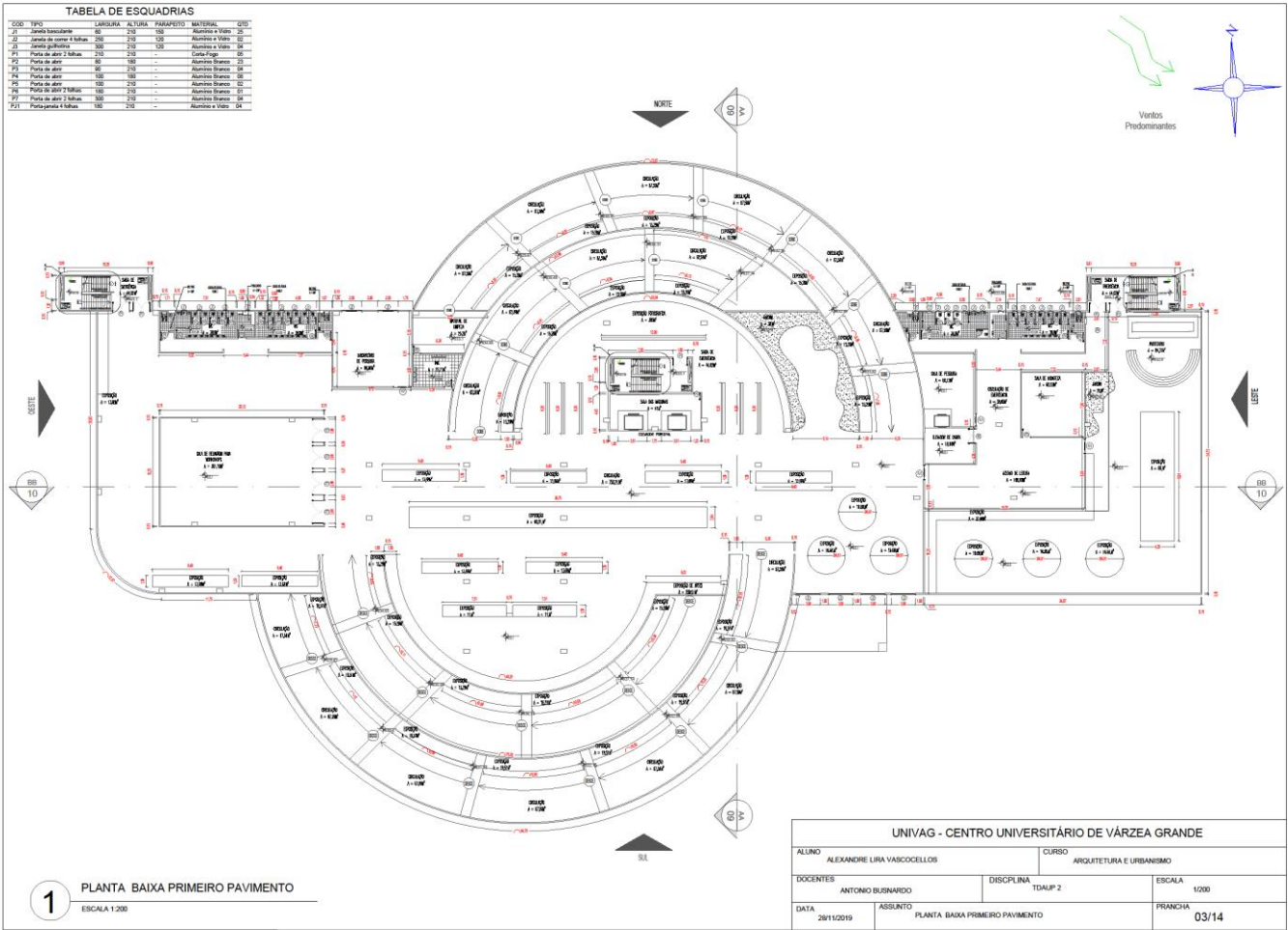
Apêndice 1 - Planta de Implantação



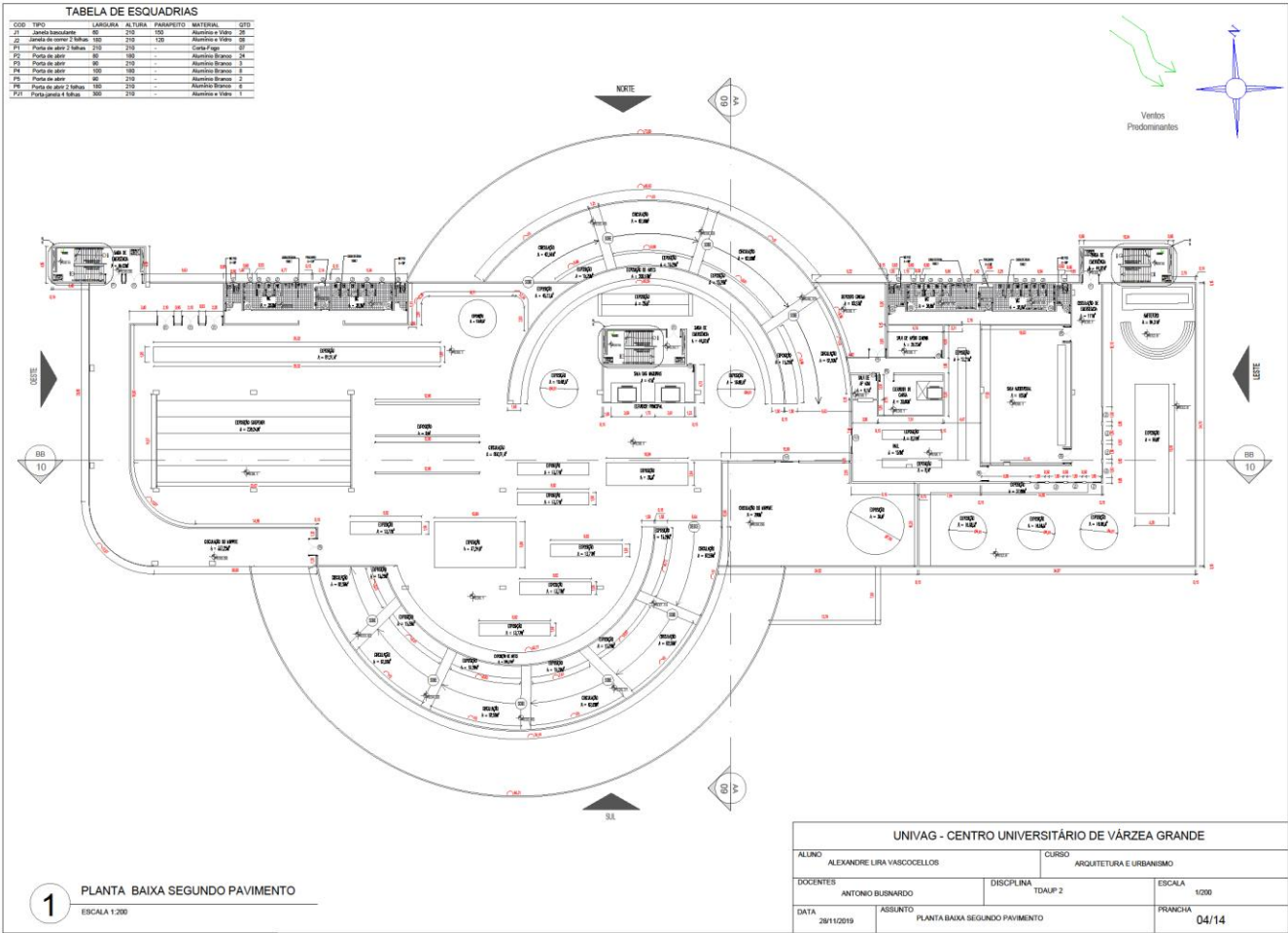
Apêndice 2 - Planta Baixa Térreo



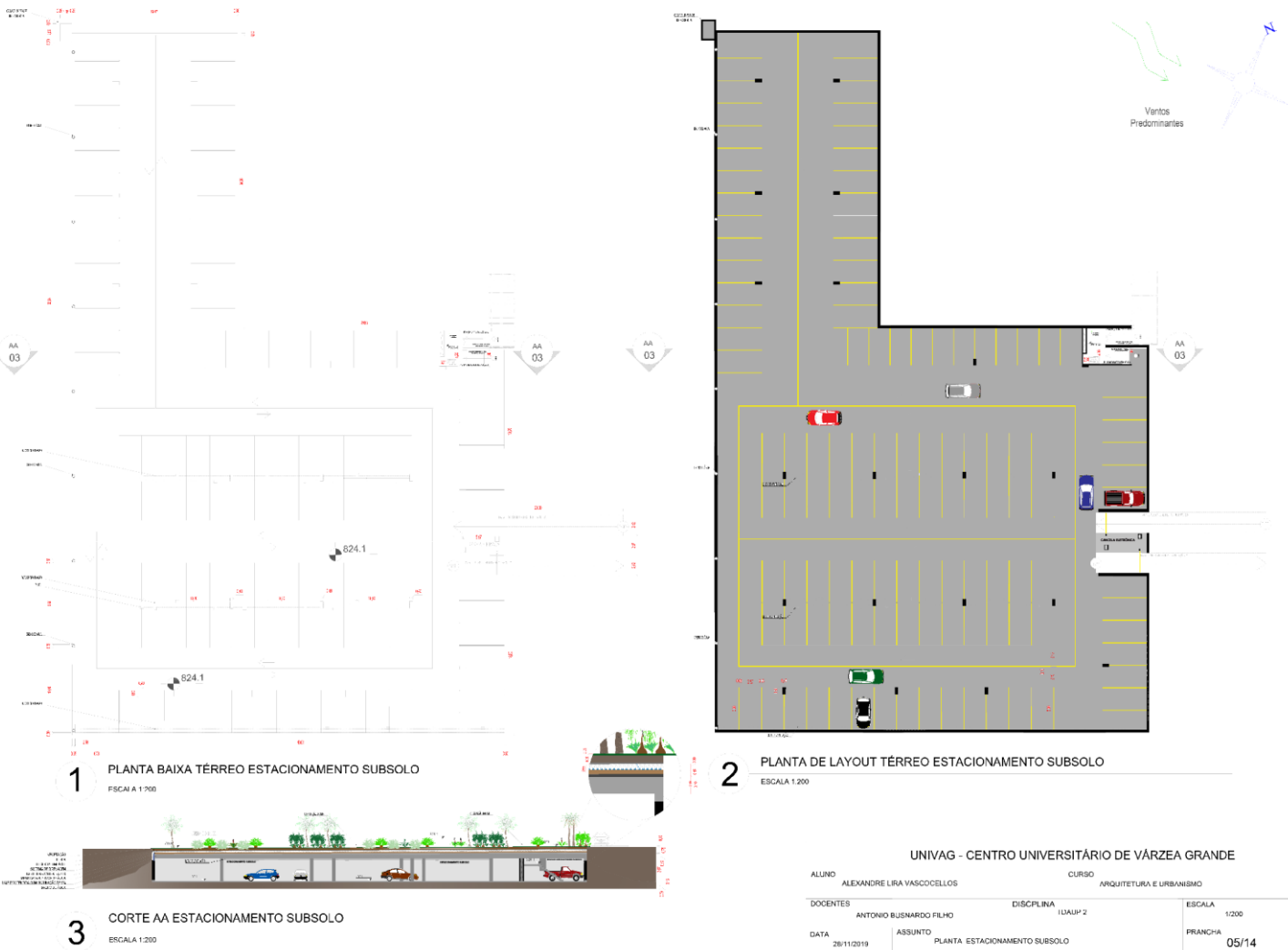
Apêndice 3 - Planta Baixa Primeiro Pavimento



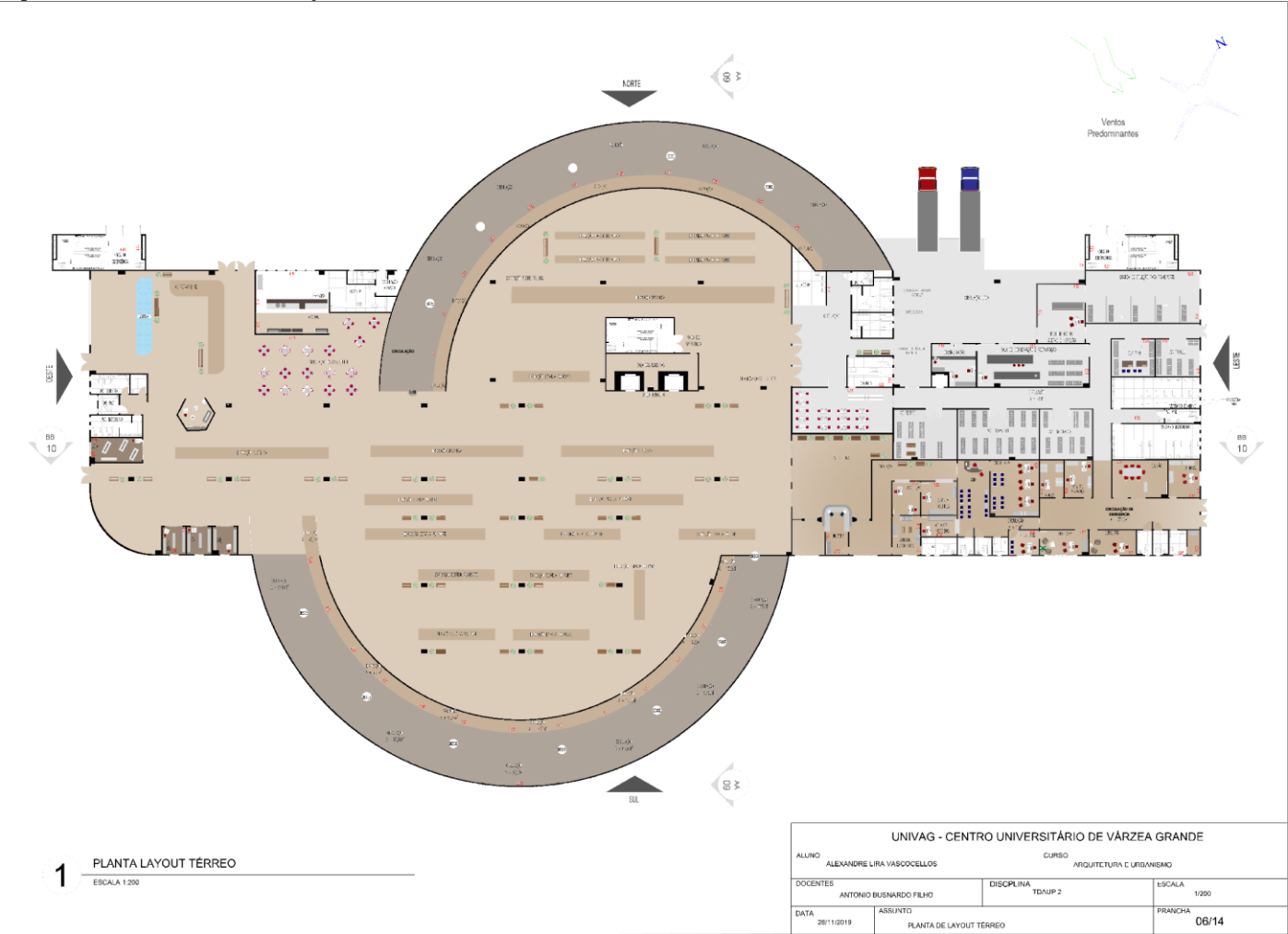
Apêndice 4 - Planta Baixa Segundo Pavimento



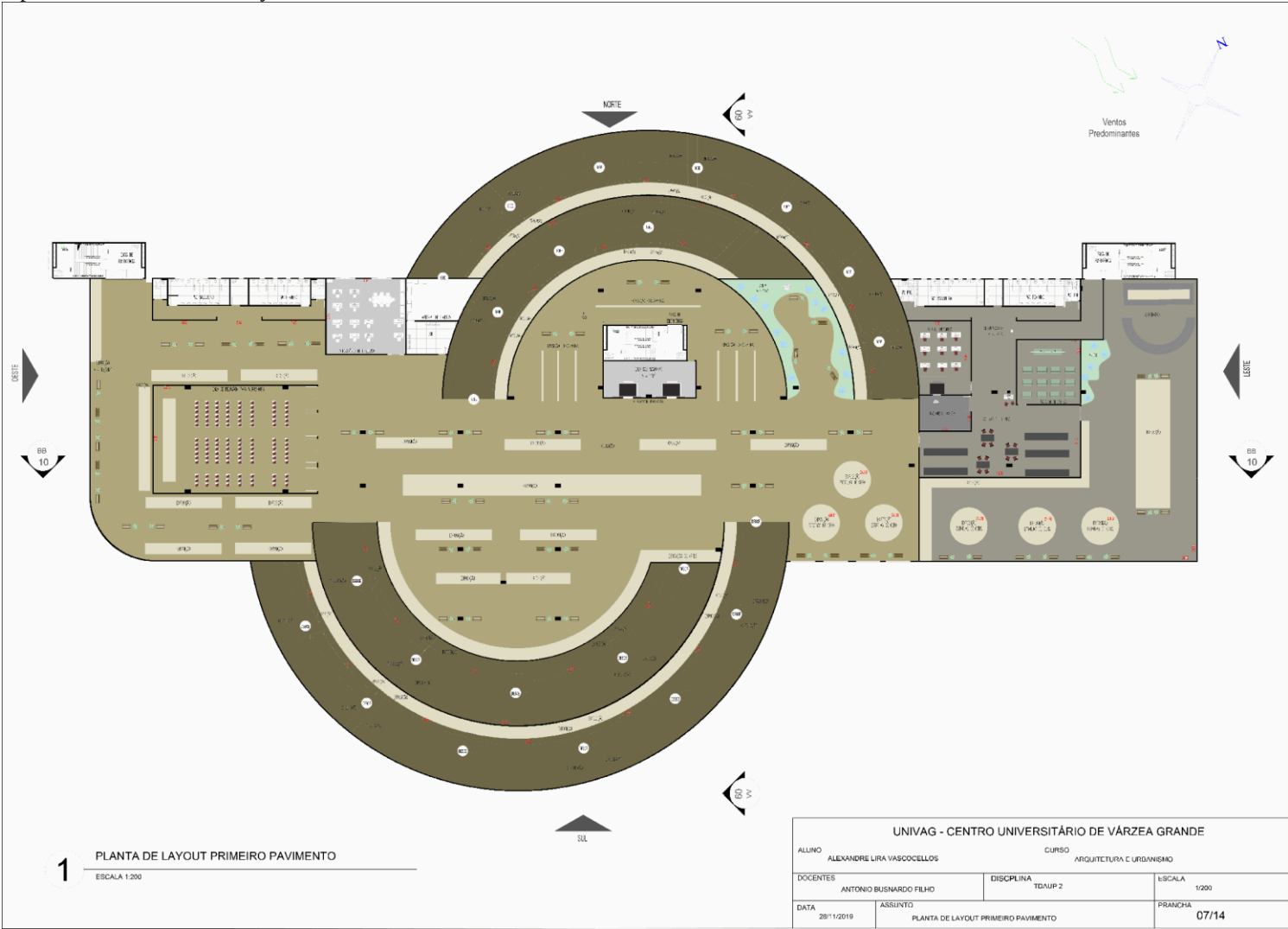
Apêndice 5 - Planta Estacionamento Subsolo



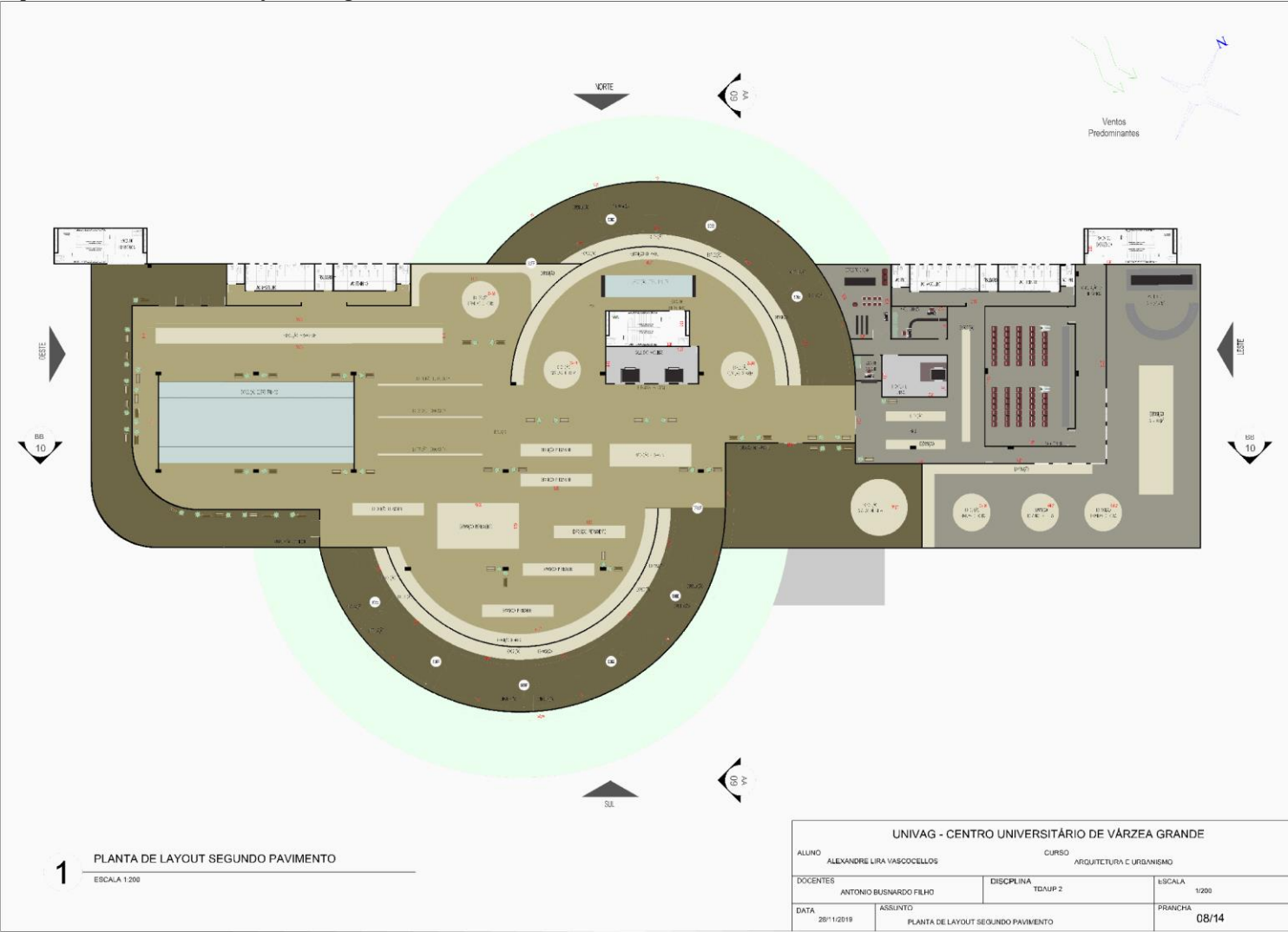
Apêndice 6 - Planta de Layout Térreo



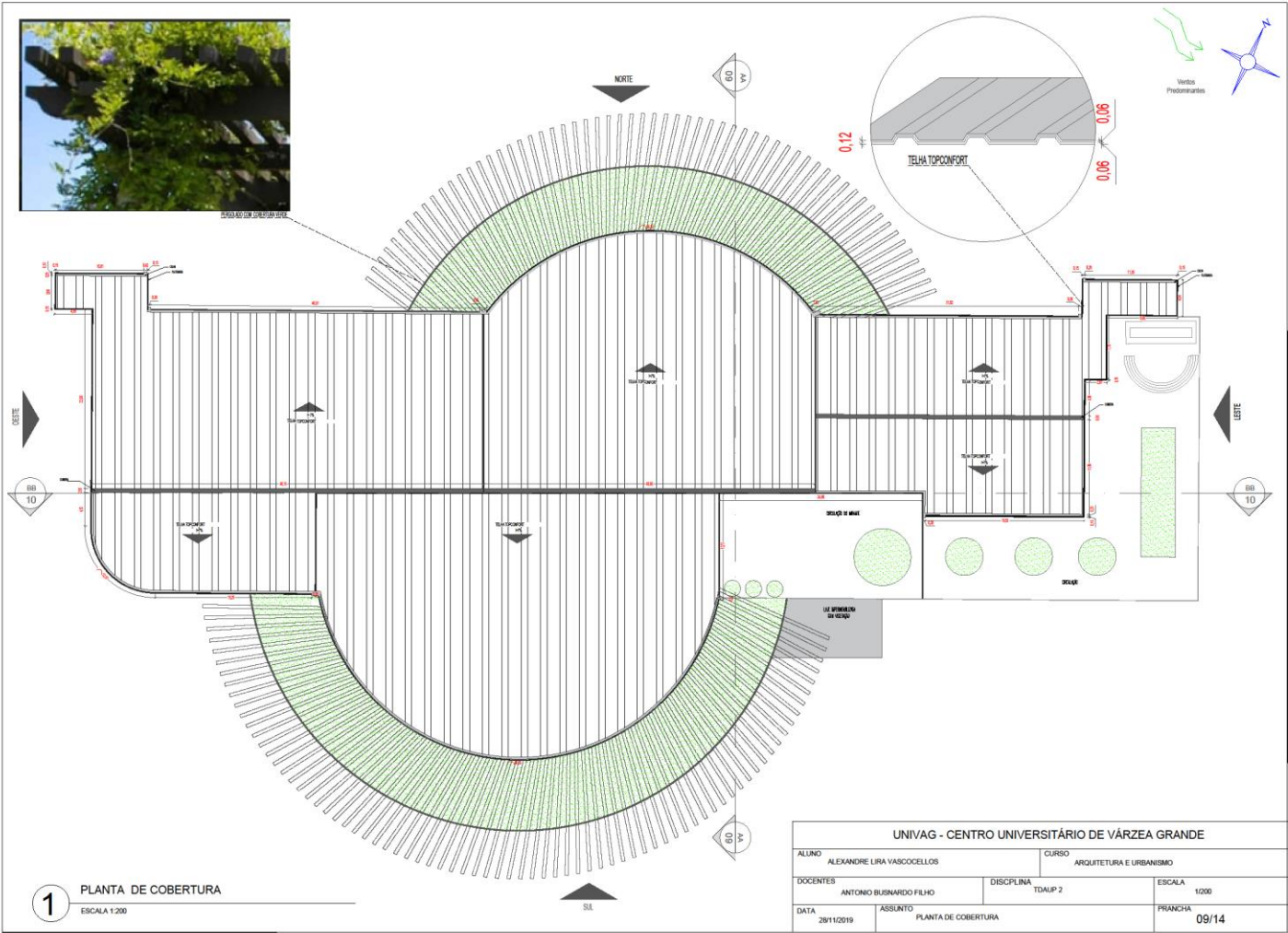
Apêndice 7 - Planta Layout Primeiro Pavimento



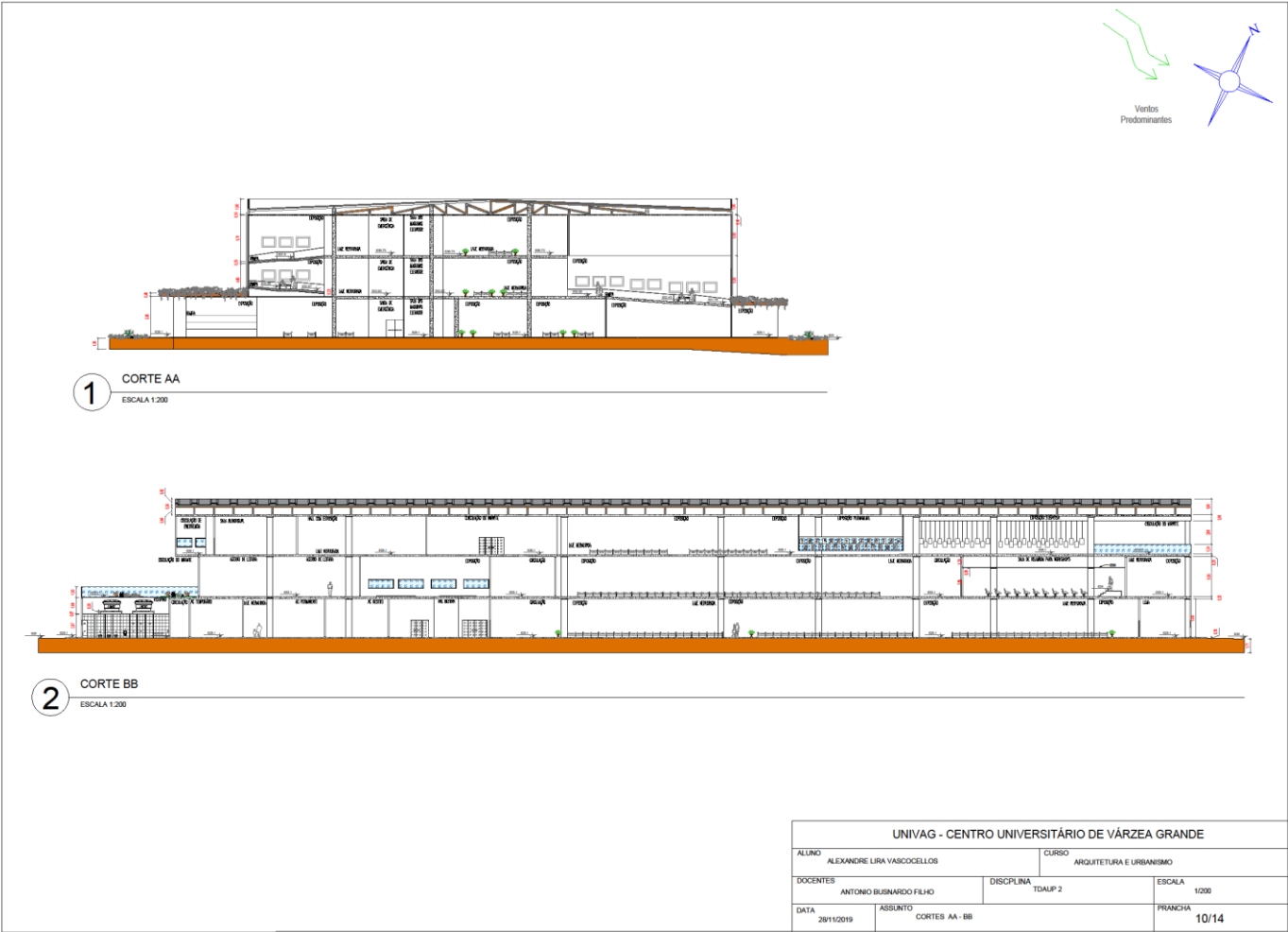
Apêndice 8 - Planta Layout Segundo Pavimento



Apêndice 9 - Planta de Cobertura



Apêndice 10 - Corte AA/BB





Apêndice 13 - Perspectivas



1 PESPEQUITIVAS



2 PESPEQUITIVAS



3 PESPEQUITIVAS



4 PESPEQUITIVAS



5 PESPEQUITIVAS



6 PESPEQUITIVAS



7 PESPEQUITIVAS



8 PESPEQUITIVAS

UNIVAG - CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VÂRZEA GRANDE			
ALUNO ALEXANDRE LIRA VASCOCELLOS		CURSO ARQUITETURA E URBANISMO	
DOCENTE ANTONIO BUSNARDO		DISCIPLINA TDAUP 2	ESCALA 0
DATA 28/11/2019	ASSUNTO PESPEQUITIVAS		PRANCHAS 13/14

Apêndice 14 - Perspectiva



1 PESPEQUITIVAS



2 PESPEQUITIVAS



3 PESPEQUITIVAS



4 PESPEQUITIVAS



5 PESPEQUITIVAS



6 PESPEQUITIVAS



7 PESPEQUITIVAS

UNIVAG - CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VÁRZEA GRANDE			
ALUNO ALEXANDRE LIRA VASCOCELLOS		CURSO ARQUITETURA E URBANISMO	
DOCENTES ANTONIO BUSNARDO		DISCIPLINA TDAUP 2	ESCALA 0
DATA 28/11/2019	ASSUNTO PESPEQUITIVAS		PRANCHAS 14/14